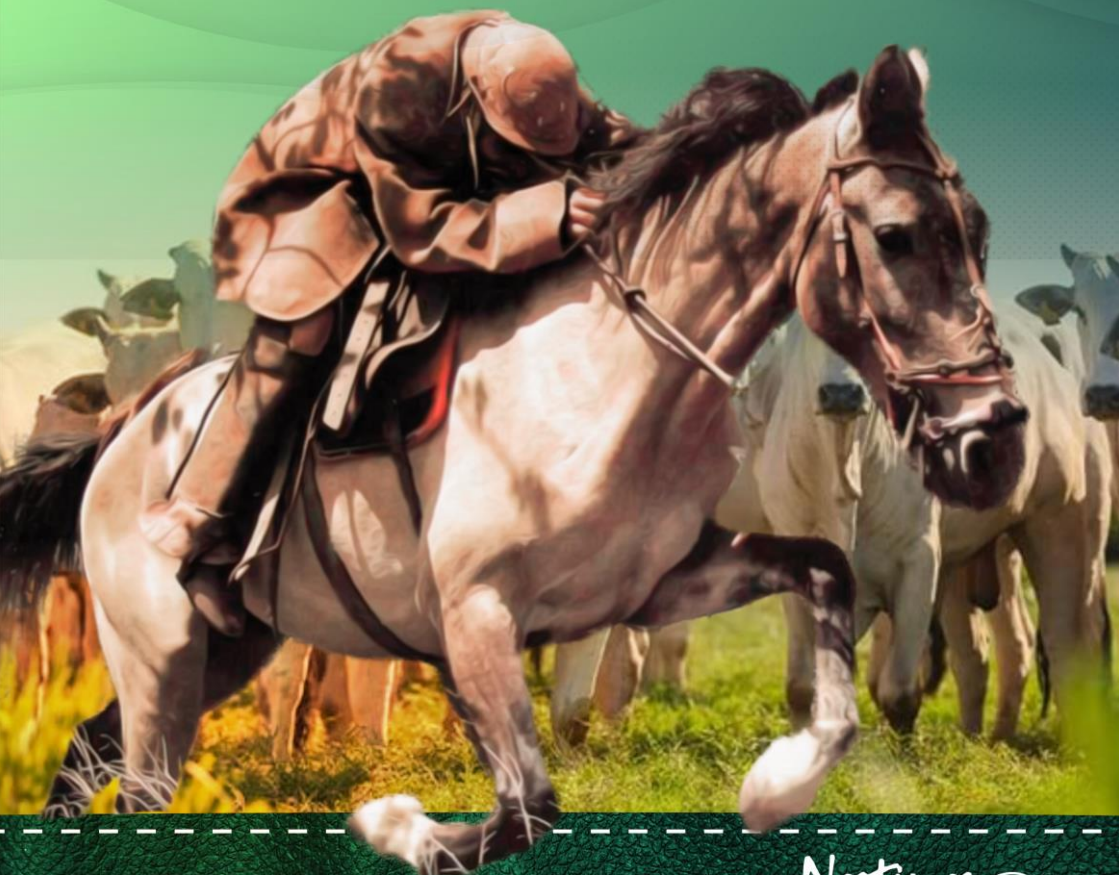


*Ivanilson Luciano Camelo*

# ENTRE REBANHOS, GIBÕES E CURRAIS

*HISTÓRIA MULTIFACETADA DE GADO BRAVO*



Nativa 



---

ENTRE REBANHOS,  
GIBÕES E CURRAIS:  
HISTÓRIA  
MULTIFACETADA DE  
GADO BRAVO - PB

---

Ivanilson Luciano Camelo



NATIVA EDIÇÕES  
2021



### **Editor**

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

### **Conselho Editorial**

Luíra Freire Monteiro

Flávio Carreiro de Santana

Emerson Marcelino Alves Silva

### **Conselho Científico**

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)

Flaubert Barros Leira (HGPP)

Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)

Glauber Paiva da Silva (UFPE)

Hélio de Sousa Ramos Filho (UEPB)

Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)

Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)

João Pereira Silva Neto (IHLS)

José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)

José Edmilson Rodrigues (ALCG)

Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)

Lucira Freire Monteiro (UEPB)

Luíra Freire Monteiro (UEPB)

Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)

Maria Ida Steinmuller (IHCG)

Thélio Queiroz Farias (ALCG)

Thomas Bruno Oliveira (IHGP)

Thuka Kércia Morais de Lima (MDCG)

Vanderlei de Brito (IHCG)

### **Expediente**

Designer gráfico Emerson M. Alves Silva

Capista George Tenório Pinto

Revisão linguística Vanuza de Oliveira Barbosa

Normalização técnica Luíra Freire Monteiro e

Normalização técnica Flávio Carreiro de Santana



Ivanilson Luciano Camelo

**ENTRE REBANHOS,  
GIBÕES E CURRAIS:  
HISTÓRIA MULTIFACETADA  
DE GADO BRAVO - PB**

**Colaboradores:**

**Alysson Duarte Cabral**

**Antônio Nilson Luciano Camelo**

**Valquíria Gomes dos Santos**



*2021*



Copyright 2021 – Nativa  
ISBN 978-65-89987-10-9

Capa: Emerson Marcelino Alves da Silva  
Revisão técnica: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Contato com os autores:  
[nativa.edit@gmail.com](mailto:nativa.edit@gmail.com)

### **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

#### **Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)**

C181e Camelo, Ivanilson Luciano.  
Entre rebanhos, gibões e currais: história multifacetada de Gado Bravo - PB [recurso eletrônico] / Ivanilson Luciano Camelo. - 2. ed. - Campina Grande: Nativa Edições, 2021.  
203 p. : il.

Inclui bibliografia.  
E-book  
ISBN 978-65-89987-10-9

1. História – Gado Bravo - Paraíba. 2. História da Colonização. 3. Interiorização da Paraíba. 4. Arqueologia – Gado Bravo – Paraíba. I. Título.

21. ed. CDD 981.33

Elaborada por Giulianne Monteiro Pereira

CRB 15/714

Vi a boiada vistosa entrando no curral  
Vi o vaqueiro cuidando do gado com seu instrumental  
Vi a abundância de leite e queijo brancos como sal  
Vi chapéus, alforjes e gibões pendurados no varal  
Vi a caatinga perder as folhas no verão tropical  
Vi o anum, a sabiá e o galo de campina no quintal  
Vi os cantadores que se apresentavam na feira dominical  
Vi os papangus assustar as crianças no carnaval  
Vi as celebrações aos pés do cruzeiro sacramental  
Vi os antigos construindo nossa história imortal  
Vi os índios tapuias chegando no arraial  
Vi as usinas de couro, algodão e sisal  
Que deram origem a minha terra natal  
E que hoje se chama GADO BRAVO!!!

*Ivanilson Luciano Camelo*

## **Apresentação**

Este trabalho foi elaborado com muito amor, carinho e dedicação, pois é sobre a história da cidade onde cresci, que amo e tenho em mim guardadas muitas memórias e vivências, apesar dos meus tênues anos de vida. Foi produzido por este singelo geógrafo que aqui vos escreve e que recebeu a importante colaboração de vários amigos e amigas, entre eles três brilhantes historiadores gadobravenses, hábeis conhecedores da historiografia local que faço questão de aqui citá-los, são eles: Alysson Duarte Cabral, Antônio Nilson Luciano Camelo e Valquíria Gomes dos Santos.

A ambição deste trabalho é mostrar um pouco da história de Gado Bravo, cidade esta que é tão carente de documentos e fontes historiográficas, servindo de referência para outros pesquisadores que desejarem se debruçar sobre a fascinante história deste município paraibano.

O presente livro está dividido em quatro partes, onde na primeira foi realizada uma análise histórica e geográfica a respeito do conceito e características das cidades. Na

segunda discorreu-se acerca dos principais eventos históricos que deram origem a cidade de Gado Bravo. Na terceira parte foi realizada uma análise histórica e geográfica pós emancipação política, englobando indissociavelmente os dias atuais. Já na última parte foi feita uma pesquisa de caráter predominantemente geográfico como localização, geologia, geomorfologia, demografia, vegetação, entre outros.

A história é produzida a cada dia, cada hora, cada segundo, nós estamos constantemente produzindo história, e ela jamais poderá se repetir, pois cada momento é um instante ímpar, não se repete. Mas para que a história não seja esquecida é necessário que seja registrada e foi exatamente isso que foi feito neste trabalho. Enfim, estão todos convidados a conhecer um pouco da história de Gado Bravo entre o passado e o presente, boa leitura!

Gado Bravo, 11 de Setembro de 2018.



## Prefácio

O autor nos presenteia com um livro muito bem escrito e de linguagem agradabilíssima para os leitores que apreciam boas descrições.

O leitor encontrará neste livro várias abordagens que são apresentadas ao se tratar do assunto central que aqui é apresentado: breve história da formação de Gado Bravo. No entanto, não é um trabalho improvisado, é uma obra científica, contém ele, de forma abreviada, registros, anotações e conclusões de aproximadamente dez anos de pesquisas relativas à história, geografia, antropologia e etnologia empreendida sobre a cidade que este trabalho aborda, e que futuramente darão suporte a obra mais densa.

O autor procurou neste trabalho dar ênfase ao período e circunstâncias que antecederam a fundação do município de Gado Bravo e aos primeiros tempos de colonização de seu território, por serem menos conhecidos

e por não existir nenhuma obra publicada que trate desta temática até o momento.

Tenho certeza que será uma boa contribuição aos estudos e ensino de História do Município e que servirá de motivação para um mergulho mais profundo em direção ao conhecimento histórico sobre a cidade de Gado Bravo.

*Dalila Camêllo Aguiar*

*Pesquisadora mestre em Estatística pela Universidad de Granada – Espanha.*

# Sumário

## **I Parte 1**

<b>O QUE É UMA CIDADE?</b> .....	1
1. Um pouco da história das cidades .....	2
2. Espaço e Cidade: conceitos e indissociabilidade .....	7
3. A cidade e a rede urbana .....	11
4. A dinâmica endógena das cidades .....	17

## **II Parte**

<b>UM POUCO DA HISTÓRIA DE GADO BRAVO</b> .....	21
1. A “pré-história” de Gado Bravo .....	22
2. A gênese de Gado Bravo.....	29
3. Indícios de presença indígena no município de Gado Bravo-PB .....	36
3.1 Paradigmas Indiciários .....	38
3.2 Pinturas rupestres no município de Gado Bravo-PB42	
3.3 Tapuia, o seu legado.....	49
3.4 A chegada dos criadores de gado .....	54
3.5 Família Trovão: descendentes da índia Tapuia.....	57
3.6 Toponímias e práticas culturais indígenas .....	60
3.7 Coco de roda: cultura, música e poesia .....	64
4. O Tapuia.....	66
5. O algodão e o sisal.....	71
6. Esperanças e contradições: símbolos de modernidade em um espaço majoritariamente rural .....	73

6.1 A feira livre.....	80
6.2 A construção do mercado público .....	83
6.3 A chegada da luz elétrica.....	86
6.4 A construção do calçamento da rua principal... ..	89
7. A relação com Aroeiras.....	92
8. Gadobravenses que atuaram na política de Aroeiras .....	97

### **III Parte**

<b>A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE GADO BRAVO .....</b>	<b>103</b>
1. O processo de emancipação política de Gado Bravo ..	104
2. As eleições municipais .....	106
Eleições 2000.....	108
Eleições 2004.....	109
Eleições 2008.....	110
Eleições 2012 .....	111
Eleições 2016 .....	112
3. Brasão, Bandeira e Hino Oficial de Gado Bravo.....	115
4. Localidades do município.....	118
5. Principais atrativos turísticos do município .....	119
6. Alguns dos principais eventos do município (1997-2016) .....	120
7. Territorialidade Protestante na Cidade de Gado Bravo: uma análise geográfica.....	124
7.1 Território: uma categoria geográfica .....	125
7.2 Religião, Território, Territorialidade.....	128

7.3 A Geografia da Religião.....	133
7.4 O Protestantismo Contemporâneo e sua Difusão no Espaço .....	136
7.5 Características da Territorialidade Protestante em Gado Bravo.....	142
8. A cidade de Gado Bravo hoje: metamorfoses, conquistas e desafios .....	148
<b>IV Parte</b>	
<b>UM POUCO DA GEOGRAFIA DE.....</b>	<b>153</b>
<b>GADO BRAVO.....</b>	<b>153</b>
1. Localização geográfica do município de Gado Bravo..	154
2. Características edafoclimáticas do município de Gado Bravo.....	155
3. A geologia e geomorfologia do município de Gado Bravo .....	157
4. A hidrografia do município de Gado Bravo .....	158
5. Aspectos demográficos e urbanísticos do município...	160
6. Aspectos econômicos do município.....	162
7. Alguns dados do IBGE sobre o município de Gado Bravo .....	164
Referências Bibliográficas.....	167
Sites Consultados.....	172
Outras Fontes.....	173
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>174</b>

## **I Parte**

# **O QUE É UMA CIDADE?**

## 1. Um pouco da história das cidades

Toda cidade tem uma história, que foi sendo construída desde sua gênese. A história de uma cidade é produzida através de transformações existentes no seu espaço e na sua paisagem, que foram sendo modificadas ao longo do tempo, pela ação da própria natureza e pelas ações de origem antrópica, através das técnicas de produção.

“Esposamos a tese segundo a qual a cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos” (CARLOS, 2007, p.56-57). Como já foi abordado anteriormente, toda cidade tem uma história, ela não nasce por acaso, num passe de mágica, existe todo um parecer histórico que explica a sua origem e seu desenvolvimento. Uma cidade não é um espaço inerte, sua paisagem se metamorfoseia, assumindo diversas formas, funções e conteúdos ao longo do tempo.

Mas, o que faz de uma cidade uma cidade? Souza (2003) afirma que o termo cidade é algo muito difícil de se conceituar, ou de dá uma definição concreta, por se tratar de um objeto de estudo muito complexo. Porém, ele defende a tese de que a cidade é um centro de gestão do território, a

sede do poder econômico, político e religioso local. O que diferencia uma cidade de uma aldeia ou povoado, é que as cidades possuem uma área de influência e de centralidade econômica, além disso, a cidade se caracteriza como um espaço de produção não-agrícola, de comércio e de oferta de serviços.

Contudo, apesar de as cidades serem consideradas como um espaço não-agrícola, elas surgiram acopladas a agricultura. Segundo Carlos (2007, p.58):

No momento em que o homem deixa de ser nômade, fixando-se no solo como agricultor, é dado o primeiro passo para a formação das cidades. Quando o homem começa a dominar um elenco de técnicas menos rudimentares que lhe permitem extrair algum excedente agrícola, é um segundo impulso para o surgimento das cidades, visto que ele pode agora dedicar-se a outra função que não a de plantar.

Portanto, o primeiro passo que contribuiu para a formação das primeiras cidades, foi dado quando o ser humano deixou de ser nômade, passando a habitar em locais fixos, fixando-se no solo através da agricultura. A partir do momento em que o homem desenvolveu técnicas agrícolas, ele deixou de ser nômade, pois passou a plantar e colher seu alimento em um determinado local, não precisando mais viver de forma itinerante em busca de água e alimento. Por esse motivo, as primeiras cidades vão surgir exatamente



onde, a agricultura já apresentava um considerável grau de desenvolvimento, justamente no continente asiático, e muito posteriormente na Europa.

Com o fim do quarto período glaciário, ocorrido entre 12.000 e 10.000 a.C., as zonas quentes do Oriente Próximo, berço da civilização, passaram por um período de seca. Essa modificação climática afugentou a caça, obrigando o homem a procurar outras fontes de alimento. Por volta de 9.000 a.C. o caçador transforma-se em pastor. As peregrinações das tribos nômades não eram determinadas pelos hábitos dos animais de caça, mas pelos locais de bons pastos. O homem torna-se mais sedentário, abandona a barraca trocando-a por casas de barro, rochas e ramos, situadas predominantemente em regiões ribeirinhas com água abundante, pastos perenes e pesca fácil (CARLOS, 2007 p.60).

Antes de ser agricultor o homem era caçador, vivia da caça de animais para seu alimento, por isso era nômade. Mas, devido a uma significativa mudança climática ocorrida por volta de 12.000 a 10.000 a.C., a caça se tornou escassa, obrigando-o a buscar outras formas de produzir alimento, foi nesse contexto que o homem deixou de ser nômade e começou a desenvolver técnicas agrícolas. Passou a habitar próximo a locais onde existia água abundante, pressuposto essencial na prática da agricultura, além disso, em vez de barracas itinerantes, começou a construir residências fixas para morar.

Os assentamentos sedentários foram os pressupostos para o surgimento das primeiras cidades. Segundo Souza (2003), os primeiros assentamentos humanos a merecer o título de cidade são: *Jericó* que surgiu há aproximadamente 8.000 anos a.C., atualmente esta cidade está localizada na Jordânia, seguida por *Harappa e Mohenjo-Daro* no vale do rio Indo, atual Paquistão, *Ur* antiga cidade babilônica, atual Iraque e *Susa* antiga cidade persa, atual Irã. As cidades mais antigas do mundo surgiram no continente asiático. O que caracterizava as cidades da antiguidade era o fato de a maioria delas serem cercadas por muralhas e próximas a regiões com água abundante.

As cidades antigas, nas civilizações orientais, além de centros político-administrativos, eram, sobretudo, fortalezas. Ainda hoje pode-se evidenciar esta informação pelas suas ruínas, pelos restos das muralhas que as cercavam, que as defendiam; eram o centro de onde um rei ou imperador ditava as ordens para o povo ou povos submetidos ao seu poder (ANDRADE, 1981 p.266).

As cidades da antiguidade eram protegidas por grandes muralhas que as cercavam totalmente, isso acontecia porque naquele período histórico, elas eram governadas por reis ou imperadores, e estes, na maioria das vezes, possuíam muitos inimigos vizinhos. Por isso, existiam muitos confrontos bélicos entre reinos e cidades, portanto, essas

muralhas eram edificadas no intuito de se proteger dos ataques de povos inimigos.

**Quadro 01:** As cidades mais antigas do mundo

Cidade	País Antigo	País Atual	Época de Origem
Jericó	Canaã	Jordânia	5.000 a.C.
Ur	Babilônia	Iraque	V Milênio
Uruk	Babilônia	Iraque	V Milênio
Susa	Elam	Pérsia	4.000 a.C.
Hierakompolis	Egito	Egito	4.000 a.C.
Kich	Babilônia	Iraque	Início IV
Nipur	Babilônia	Iraque	Milênio
Eridu	Babilônia	Iraque	“
Lagasch	Babilônia	Iraque	“
Anau		Rússia	IV Milênio
Tróia		Turquia	3.500 a.C.
Mohenjo-Daro		Paquistão	3.500 a.C.
Mênfis	Egito	Egito	3.000 a.C.
Roma		Itália	2.850 a.C.
Assur	Assíria	Iraque	2.700 a.C.
Anyang		China	2.500 a.C.
			2.000 a.C.

Fonte: CARLOS. A. F. A. (2007, p. 61)

Na Idade Média, as cidades tiveram um considerável isolamento e declínio, devido à economia ser autosuficiente, o comércio era tímido, a sociedade era predominantemente rural, e a economia girava em torno dos feudos, que eram extensões de terras de propriedade do senhor feudal. Este fornecia aos servos, terras, em troca de trabalho, depois os servos eram obrigados a entregar parte de sua produção ao senhor feudal (ANDRADE, 1981).

Com o fim da Idade Média, ouve o renascimento do comércio e das cidades, a ascensão do espírito capitalista já em meados do período medieval, fez surgir grandes comerciantes, os burgueses, estes almejando mais e mais lucros, contribuíram para as grandes navegações do século XV, e as grandes navegações contribuíram para a Revolução Industrial do século XVIII, pois o grande intercâmbio entre as nações do planeta, aliado ao crescimento do comércio e do consumo, fez surgir uma grande demanda por produtos fabricados, assim os burgueses investiram na indústria visando obter lucros (ANDRADE, 1981).

A cidade moderna caracteriza-se como centro de serviços e centro de produção, pois uma cidade por menor que seja, oferece algum tipo de serviços aos seus habitantes ou a pessoas que vivem em sua área de influência, também, as cidades modernas exercem algum tipo de produção, mesmo que seja para o abastecimento de seus próprios habitantes, como, uma padaria, um mercado ou um açougue (ANDRADE, 1981).

## **2. Espaço e Cidade: conceitos e indissociabilidade**

Espaço e cidade são dois conceitos indissociáveis, de maneira que, “o estudo da cidade exige a necessidade de articular o conceito de espaço; sem isso, nem mesmo

saberemos do que vamos tratar” (SANTOS, 2008, p.67). Conforme foi exposto pelo geógrafo Milton Santos, o espaço e a cidade não devem ser estudados isoladamente.

A palavra *espaço* tem uma multiplicidade de sentidos, pode ser espaço sideral, aéreo, rural, etc. Mas em geografia, o espaço que é o nosso objeto de estudo é o espaço geográfico, social, humano ou simplesmente espaço, que é a morada do homem, o palco da sociedade em movimento, a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho, a segunda natureza, natureza artificial, ou seja, é o espaço produzido pela ação humana, como uma cidade, por exemplo.

(...) a noção de espaço, todavia, cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações- os utensílios comuns à vida doméstica, como um cinzeiro, um bule, são espaço; uma estátua ou uma escultura, qualquer que seja a sua dimensão, são espaço; uma casa é espaço, como uma cidade também o é. Há o espaço de uma nação- sinônimo de território, de Estado; há o espaço terrestre, da velha definição da geografia, como crosta do nosso planeta; e há, igualmente, o espaço extraterrestre, recentemente conquistado pelo homem, e, até mesmo o espaço sideral, parcialmente um mistério. O espaço que nos interessa é o espaço humano ou espaço social, que contém ou é contido por todos esses múltiplos de espaço (SANTOS, 2008, p.150-151).

Portanto, a cidade é uma fração do espaço. O espaço não é inerte, pronto, acabado, ele é dinâmico, exerce

metamorfoses, por isso, é um produto histórico, como a cidade também é, ambos, ao longo do processo histórico assumem variadas formas e exercem diversas funções (SANTOS, 2008).

Ana Fani A. Carlos também nos fornece uma noção do que é o espaço e suas características como produto antrópico e histórico, na medida em que afirma:

Não podemos dizer que o espaço geográfico existe com o surgimento do homem no planeta; ao contrário, o espaço geográfico só se constitui enquanto produto humano, logo social, na medida em que o homem tem condições de, através de seu processo de trabalho, transformar a natureza e produzir algo diverso dela (CARLOS, 2007, p.57).

Sendo assim, o espaço geográfico é um produto eminentemente humano, pois só o homem é capaz de produzi-lo, através do seu trabalho e de suas técnicas de produção. A natureza natural é substituída por uma natureza artificial, cheia de edificações e objetos técnicos oriundos da ação antrópica construídos sobre ela. Acredita-se que na contemporaneidade, não existe mais espaço eminentemente natural, existe natureza, modificada, diga-se de passagem, pois todo o espaço natural do globo terrestre encontra-se explorado pelo homem, direta ou indiretamente.

A cidade não é algo recente, pelo contrário, segundo Carlos (2007), as primeiras cidades surgiram no continente

asiático, por volta de 5000 a.C. Para esta autora, o primeiro passo para o surgimento das cidades primitivas, foi dado quando o homem deixou de ser nômade, fixando-se no solo como agricultor, desenvolvendo técnicas de produção, dando origem a divisão do trabalho. Mas afinal, o que é uma cidade? De acordo com Carlos (2007, p.57):

A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas. (...) A cidade, em cada uma das diferentes etapas do processo histórico, assume formas, características e funções distintas.

Já Souza (2003, p.28) classifica a cidade como:

A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas (privadas e estatais), mas também enquanto sede do poder religioso e político. Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham; uma cidade é um local onde pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar.

Com relação às duas explicações a respeito do conceito de cidade expostas acima, a primeira enfoca que a cidade é um produto histórico, que vai se materializando e

tomando diferentes formas no espaço ao longo do tempo. A segunda enfatiza que a cidade é um centro de gestão do território, um local de produção e consumo, de interação entre diversos grupos humanos. O ponto em que as duas explanações se confundem, é no sentido em que ambas afirmam que a cidade é uma realização eminentemente humana, só o ser humano é capaz de produzi-la, edificá-la, através de suas técnicas e de seus objetos técnicos, os outros animais não possuem condições de produzir cidades.

### **3. A cidade e a rede urbana**

Estudando as mudanças na vida urbana Bresciani (1989) nos aponta caminhos para o estudo das cidades, ao perceber que elas se transformam, juntamente com as práticas de seus habitantes - passam por diversas experiências, sofrem várias mudanças de ordens e relações sociais e de múltiplas práticas culturais. Outro pesquisador da temática é Nicolau Sevcenko em *Orfeu extático na metrópole* (1998), onde ele trata das transformações nas práticas cotidianas, e no imaginário da cidade a partir da introdução do automóvel, do avião, do rádio e do planejamento urbano na cidade de São Paulo dos anos 1920.

Quando se propõe analisar os principais fatores, que contribuíram para a implementação dos elementos



modernos no distrito de Gado Bravo, recorreremos as tramas/jogos do político no município de Aroeiras, que se intensificaram após a emancipação deste último em 1953. Grande parte da elite político-agrária, proprietária de grandes lotes de terras e cabeças de gado, residia em Gado Bravo. Elite esta sedenta de poder e desejosa de ter seus interesses atendidos, e que viram a oportunidade de ascender politicamente a partir da década de 1950, dentro deste contexto de mudanças políticas na região.

Dentro da perspectiva das tramas do político, dialogamos com Evaldo Cabral de Melo (1984, p. 195), quando o estudioso analisa a política ferroviária na época do Império, recorrendo aos anais da Câmara e do Senado e aos relatórios ministeriais. A abordagem de Melo está voltada, para as articulações políticas e os embates parlamentares na corte de então. Em um determinado trecho ele ressalta: “Se a Bahia, Pernambuco e as províncias satélites [...] puderam obter recursos para suas ferrovias é que, graças ao jogo parlamentar, suas bancadas souberam arrancá-las como contrapartida de empreendimentos ferroviários que o Governo Imperial desejava dotar as províncias do Sul, e para os quais necessitava o apoio das deputações ou das lideranças nortistas, ou das lideranças partidárias da região” (MELO, 1984, p. 195). Portanto, as tramas parlamentares

que se instalaram no Congresso Nacional na época, foram primordiais para que se concretizasse o desejo dos representantes nortistas: a obtenção das ferrovias.

Ao que concerne a relação entre os poderosos na época, seguimos a ideia de teatralização política. Neste aspecto somos tributários do já citado historiador Gervácio Aranha (2006, p. 26-27), na obra *Trem e Imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas (1880-1925)*; onde o autor, citando o antropólogo francês Georges Balandier (1982), utiliza o conceito de teatralização política, este afirma que alguns políticos que surgem de repente são conduzidos ao poder como “heróis”, chegando ao poder não pela capacidade e sim por sua “força dramática”, aparecendo simplesmente e recebendo o poder.

Dessa forma, ele engendra uma autoridade mais espetacular do que a rotineira. Político amado, endeusado, verdadeiros heróis (BALANDIER apud ARANHA). Podemos notar estas características em alguns políticos gadobravenses da época, que ascenderam ao poder de forma repentina, e que graças as suas ações e lutas pela obtenção dos elementos modernos, estão presente na memória dos gadobravenses como verdadeiros mártires, pai dos pobres, a exemplo de João de Brito Lira.

Retornando a temática em pauta, entende-se por rede urbana um conjunto de cidades ligadas entre si por fluxos de pessoas, mercadorias, informações, bens, etc. Possui diversas escalas, que varia da local à global, já que, no atual mundo globalizado, todas as cidades de todos os países do mundo, formam uma rede urbana global, pois todas elas estão interligadas direta ou indiretamente.

Para se compreender melhor essa interligação urbana em escala global, imaginemos um cidadão que reside em uma pequena cidade dos confins do sertão brasileiro, em sua residência, possui uma televisão cuja marca é de uma multinacional que possui sede em uma cidade sul-coreana; uma motocicleta cuja marca é de uma multinacional que possui sede em uma cidade japonesa; assiste filmes que são produzidos em cidades estadunidenses; faz compras em um supermercado cuja sede fica numa cidade francesa, enfim, as cidades não são isoladas, pelo contrário, elas mantêm e precisam manter, relações umas com as outras, para assim, poderem existir enquanto cidade (SOUZA, 2003).

Com relação à rede urbana brasileira, ela é estruturada hierarquicamente da seguinte maneira: primeiro tem-se as duas únicas *metrópoles globais* – São Paulo e Rio de Janeiro; *metrópoles nacionais* – Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte, Curitiba, Manaus, Recife e

Belém. Além dessas, tem-se as: *metrópoles regionais, centros regionais, centros sub-regionais e centros locais.*

De acordo com Andrade (1981), a importância de uma cidade depende de uma série de fatores, como: *tamanho populacional, tamanho funcional, posição geográfica e as funções a que se especializou.* Tamanho populacional é o número de habitantes que vivem na cidade, geralmente, cidades de tamanho populacional elevado possuem maiores possibilidades de oferecer um comércio mais arrojado e diversificado, além de uma maior oferta de serviços, já que dispõe de um mercado consumidor endógeno intenso.

O tamanho funcional, leva em consideração o nível de renda da população, ou seja, quanto maior a renda, maior o poder de compra e de consumo de bens e serviços, respectivamente. A posição geográfica também é de suma importância, no que se refere à projeção de uma cidade. Por exemplo, cidades que estão localizadas em entroncamentos rodoviários importantes, possuem elevado fluxo de pessoas e mercadorias, outras estão localizadas próximas a importantes centros de produção e circulação, como portos, ferrovias e aeroportos mais procurados.

Quanto ao nível de especialização, existem cidades especializadas em determinadas funções, algumas delas em mais de uma função. Algumas são consideradas como

*administrativas* por possuir a sede de um governo, de um poder dedicado a administração; *comerciais* são aquelas que se destacam por possuir um comércio intenso, arrojado e diversificado, com uma ampla área de influência com relação a sua vizinhança; *religiosas* são cidades que se desenvolvem em função da religiosidade, com sede de santuários importantes e romarias famosas; *militares* possuem pontos estratégicos como bases e quartéis militares de suma importância; *universitárias* são cidades que possuem uma ou várias instituições de ensino superior, que atraem pessoas de cidades vizinhas em busca de instrução; *turísticas* são aquelas cidades que se desenvolveram através do turismo; e por fim, têm-se as *industriais* são cidades que possuem uma grande quantidade de indústrias e uma intensa produção industrial.

As cidades de grande porte satelitizam as de pequeno porte, com relação a estas últimas, Andrade (1981, p.281) diz o seguinte:

Assim, os centros urbanos de menor porte e importância são verdadeiros centros rurais, de vez que vivem em contato permanente e em função do campo que se situa em suas imediações. Seu comércio vende ao agricultor os produtos de maior demanda e adquire os produtos agrícolas e pecuários que os agricultores e criadores necessitam comercializar. Seus serviços são os menos especializados, com estabelecimentos de ensino de 1º grau, médicos clínicos gerais, agências de

correios e telégrafos, pequenos clubes, cinemas etc.

Portanto, as cidades de pequeno porte são altamente dependentes das de grande porte, principalmente, no que se refere à oferta de serviços. Além disso, sua área de influência é quase exclusivamente local, onde a sede exerce uma influência sobre todas as localidades, por esta ser o centro do poder político, econômico e religioso do município. Elas vivem em constante contato com o campo e os serviços por ela ofertados são menos especializados.

#### **4. A dinâmica endógena das cidades**

Toda cidade possui uma organização e dinâmica interna que varia de acordo com o seu tamanho, por esse motivo, ela é uma entidade sócio espacial bastante complexa. Dentro do tecido urbano de uma cidade, existem vários espaços com características distintas.

A cidade moderna se caracteriza como centro de serviços, com diferenças de intensidade de acordo com o tamanho dela, no entanto, qualquer uma delas, até mesmo as pequenas, oferecem algum tipo de serviço, sobretudo, a população local, como; uma padaria, uma agência dos correios, um posto de saúde, uma barbearia, etc.

Com relação à organização interna das grandes cidades, Andrade (1981, p.279) diz o seguinte:

Nas cidades de maior tamanho populacional há uma organização espacial mais visível ao visitante. Geralmente o centro é ocupado pelo comércio, pelos serviços e também pelos grandes edifícios, como a catedral, a matriz e os palácios, sede dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

Portanto, como bem explicitou o autor acima, as grandes cidades brasileiras, geralmente, possuem uma organização espacial bem mais perceptível, aos olhos do visitante, do que as de menor porte e tamanho populacional. Onde, em seu centro, encontram-se os principais estabelecimentos comerciais, os centros que oferecem os mais variados serviços e os grandes edifícios, como; a prefeitura, a catedral, o teatro, etc. Nas áreas mais distantes do centro encontram-se, de acordo com Souza (2003), os subcentros de comércio e serviços, que são aquelas áreas localizadas nos bairros distantes do centro, mas que dispõem de uma significativa disponibilidade e variedade de prédios comerciais e de serviços.

Já com relação à dinâmica endógena das pequenas cidades, Andrade (1981, p.279), diz o seguinte:

O uso do solo urbano varia consideravelmente de uma cidade para outra, mas, em linhas gerais, podemos fazer algumas generalizações. Assim, nas

pequenas cidades de menos de vinte mil habitantes, há sempre um centro onde se encontram o comércio, as repartições públicas, os consultórios médicos e os escritórios, ao lado das habitações da burguesia local. Nos bairros mais próximos encontram-se as residências das pessoas de classe média e nas extremidades da cidade as habitações proletárias. Na porção marginal, do ponto de vista geográfico, situam-se as indústrias, os hospitais, os estádios de futebol, o cemitério etc.

Com isso, percebemos que existem diferenças estruturais com relação à dinâmica interna das grandes e pequenas cidades. Geralmente, as grandes cidades possuem um centro onde, as edificações são, majoritariamente, prédios comerciais e de serviços, com poucas edificações residenciais, estas ficam localizadas em áreas mais distantes do núcleo urbano central. As pequenas, geralmente, possuem um centro onde dividem espaços, edificações comerciais e de serviços com as habitações da burguesia local. Outra diferença consiste no fato de, nas grandes cidades existem subcentros de comércio e serviços, localizados nos bairros mais distantes da área central urbana, já as pequenas cidades não possuem esses subcentros, pois concentram todo o comércio e os serviços no seu núcleo urbano central.

Souza (2003) falando a respeito do modelo de organização interna espacial da metrópole do Rio de Janeiro,



e estendendo as grandes cidades brasileiras, classifica-as de acordo com a dinâmica endógena, em quatro grandes tipos de espaços sociais: *o núcleo*, que consiste na área central da cidade, e apresenta uma ocupação mais densa, onde não há grande carência de infraestrutura técnica. *A periferia*, são aquelas áreas que disponibilizam de menor grau de infraestrutura, com elevada quantidade de loteamentos irregulares. *Espaço de atração da auto segregação*, são aqueles habitados por indivíduos de alto poder aquisitivo, que se auto segregam, principalmente, por motivos de segurança, os condomínios horizontais fechados são exemplos desse tipo de espaço. *Franja rural-urbana*, também denominada de espaços periurbanos, consiste em áreas, localizadas no perímetro urbano das cidades, mas que apresentam características de espaços rurais, com a presença da agricultura e pecuária.

## **II Parte**

# **UM POUCO DA HISTÓRIA DE GADO BRAVO**

## 1. A “pré-história” de Gado Bravo

Durante os primeiros anos do período colonial brasileiro, nos idos de 1500, o território nacional foi dividido através do sistema de capitanias hereditárias, estas, por sua vez, eram doadas pelo rei de Portugal através de cartas de doação aos donatários, que eram uma espécie de governadores hereditários dos extensos lotes de terras. Durante esse período, as terras do atual território de Gado Bravo pertenciam a Capitania de Itamaracá, que teve como primeiro donatário o fidalgo português Duarte Coelho Pereira. Posteriormente, foi criada a Capitania Real da Paraíba doada a Pero Lopes de Souza, conseqüentemente, as terras de Gado Bravo passaram a pertencer a essa capitania.

No século XVII, o território de Gado Bravo pertenceu a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, instalada com a invasão holandesa no nordeste brasileiro. Após a expulsão dos holandeses em 1654, as terras do atual território de Gado Bravo, sobretudo as que beiram o Rio Paraíba, passaram a pertencer ao português André Vidal de Negreiros, este foi o principal mentor da expulsão holandesa no Brasil. Ainda no século XVII, a coroa portuguesa reassume o controle das terras, e estabelece uma colonização através do sistema de *sesmaria*. Em seu livro sobre a história do município de Queimadas, o professor José Ezequiel

Barbosa Lopes relata que, na prática, o sistema de sesmarias consistia na doação de grandes glebas para pessoas de coragem, com recursos e gente disposta, sobretudo, a habitar e desbravar os “sertões”, cujo fim era garantir a efetiva posse do interior brasileiro, principalmente depois da experiência com a invasão holandesa<sup>1</sup>. Portanto, o sistema de sesmarias foi uma estratégia criada pela coroa portuguesa, com o objetivo de ocupar todas as terras devolutas e explorar efetivamente todo o território brasileiro, principalmente o interior.

Após a análise dos registros elaborados pelo historiador João Lyra Tavares, que listou todas as sesmarias doadas pela coroa portuguesa, diagnosticou-se que as terras de Gado Bravo ficavam entre três sesmarias, concedidas no início do século XIX, são elas:

**Sesmaria nº 0172 de 01 de Julho de 1720**

**Capitania Real da Paraíba**

*Através de requerimento, foi concedido a Marcos de Castro Rocha e Antônio Tavares de Castro uma sesmaria localizada entre as Serras do Rio Paraíba, para a parte do norte das terras dos Oliveiras e para baixo, principiando nas terras do coronel João Cavalcante de Albuquerque. Eles alegaram que as terras eram devolutas. A carta de*

---

<sup>1</sup> Terra Tataguacú: retalhos da história de Queimadas de José Ezequiel Barbosa Lopes.

*doação foi concedida em 01 de Julho de 1720 pelo governador Antônio Ferrão Castelo Branco<sup>2</sup>.*

### **Sesmaria nº 0806 de 28 de Fevereiro de 1805**

#### **Capitania Real da Paraíba**

*Através de requerimento, foi concedido a Manuel Pereira de Oliveira Ledo, Andressa Marques Barreto e Joaquim Francisco de Oliveira, eles informaram que havia cerca de seis léguas de terras devolutas entre as terras do reverendo José Barbosa Camelo e as do Loango, as de São Bento e as do Olho D'água Grande, as da Serra do Urussu, as do Juá, as do Caracuzinho, as do Brito e as da Serrinha. Os requerentes solicitaram três léguas de comprimento por uma légua de largura. As terras correspondiam a sobras de terras devolutas. A sesmaria localizava-se no Termo de Vila Nova da Rainha. A carta de doação foi concedida em 28 de Fevereiro de 1805 pelo governador Luis da Mota Feo<sup>3</sup>.*

Provavelmente, estas sesmarias localizavam-se na parte oriental de Gado Bravo, na fronteira com Aroeiras.

### **Sesmaria nº 1054 de 03 de Julho de 1805**

#### **Capitania Real da Paraíba**

*Através de requerimento, foi concedido a Domingos José de Sá Alcoforado, Francisco do Régo Barros e Teresa Guedes de Jesus, a sesmaria localizava-se na Vila Nova da Rainha. A sesmaria correspondia a sobras de terras devolutas entre a data de sesmaria do*

<sup>2</sup> Silb.cchla.ufrn.br Acesso em 14 de Mar. de 2017.

<sup>3</sup> Silb.cchla.ufrn.br Acesso em 14 de Mar. de 2017.

*Caracusinbo, a do Catolé, do capitão Manuel Cavalcante Melo, a do Riacho Bodocongó e Serrinha, as terras do reverendo José Barbosa Camelo, a data concedida a Manuel Pereira de Oliveira Ledo e Joaquim Francisco de Oliveira das Torres, as terras do capitão Luis da Silveira, e a Serra das Guaribas e a Serra do Urussu. A sesmaria compreendia a Cacimba do Tapuia no Riacho Barriguda, o olho d'água de Boa Vista, a Lagoa do Cedro e a da Cajazeira, a Pedra D'água da Pedra Vermelha e a do Massapé, a malhada denominada Pedro Paz e a do Canudo. A oeste, a sesmaria confrontava com a Serrinha. Ao sul, a sesmaria confrontava com Manuel Pereira de Oliveira e Joaquim Francisco de Oliveira das Torres. A leste, a sesmaria confrontava com a Serra do Urussu e das Guaribas, e com as terras do Caracusinbo. Ao norte, a sesmaria confrontava com terras do Catolé e do capitão Manuel Cavalcante de Albuquerque dos Verdes. A carta de doação foi concedida em 03 de Julho de 1805, pelo governador Luis da Mota Feo<sup>4</sup>.*

É possível que essa sesmaria abrangesse a parte ocidental de Gado Bravo, até a fronteira com Barra de Santana. Acredita-se que Francisco do Rêgo Barros seja parente de João Heráclio do Rêgo, conhecido por Joca, este foi o fundador da Fazenda *Salinas do Heráclio*. Pode-se afirmar que Joca da Salina foi um dos primeiros colonizadores de Gado Bravo, e que provavelmente tenha se instalado nessa região nos primeiros anos do século XIX, após ter migrado do estado de Pernambuco<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Silb.cchla.ufrn.br Acesso em 14 de Mar. de 2017.

<sup>5</sup> Informações cedidas por Dalila Camêllo Aguiar.

Dentre os descendentes do velho Joca da Salina, o mais conhecido na região foi Francisco Heráclio do Rêgo, popularmente chamado de *Coronel Chico Heráclio*, filho de João Heráclio do Rêgo Filho e Josefa Duarte do Rêgo, nasceu no dia 3 de outubro de 1885 em Bom Jardim no Estado de Pernambuco e teve onze irmãos, era neto de Joca da Salina. Provavelmente, os pais de Chico Heráclio viveram por algum tempo em Salinas do Heráclio, onde foi construída uma casa de pedras, e posteriormente, migraram para a Fazenda Vertentes no município de Bom Jardim, que ficou conhecida como *Vertentes do Heráclio*<sup>6</sup>.

Apesar de ter nascido no município de Bom Jardim, o coronel Chico Heráclio adquiriu grande poder e prestígio político no município de Limoeiro, também no Estado de Pernambuco. Em um trecho de uma fala sua, o coronel diz o seguinte:

*O coronel Chico Heráclio costumava dizer aos seus amigos no Recife: “é muito melhor mandar no prefeito do que ser o prefeito de Limoeiro”. “Não tenho que me expor em campanhas eleitorais, nem ser chamado disso ou daquilo; boto lá qualquer pau mandado, e depois quem mandará sou eu mesmo. Pronto e acabou-se”<sup>7</sup>.*

---

<sup>6</sup> Fundaj.gov.br Acesso em 12 de Mar. de 2017.

<sup>7</sup> Cafehistoria.ning.com.br Acesso em 12 de Mar. de 2017.

Chico Heráclio ficou conhecido como *o último dos coronéis* e faleceu no dia 17 de dezembro de 1974, aos 89 anos de idade. O humorista cearense Chico Anysio criou um personagem baseado na figura de Chico Heráclio, denominado de *Coronel Limoeiro*, um personagem de grande sucesso na televisão nacional.

Em 28 de fevereiro de 1821, o reino do Brasil substituiu as subdivisões do território brasileiro de capitânias hereditárias para o sistema de províncias, estas por sua vez, não tinham autonomia e eram inteiramente subordinadas ao governo central<sup>8</sup>. Em 1822 se inicia o período imperial brasileiro, existiam 23 províncias no Brasil Imperial, nesse período, Gado Bravo pertencia a Província da Paraíba, que tinha como capital a cidade de Parahyba (atual João Pessoa). Com a Proclamação da República em 1889, as províncias foram substituídas por Estados, conseqüentemente, Gado Bravo passou a fazer parte do Estado da Paraíba.

Em 1890 o governo provisório do Estado da Parahyba do Norte, através do decreto nº 15, cria o município de Umbuzeiro, portanto, nesse período o território de Gado Bravo passou a pertencer ao município de Umbuzeiro. Em 1905, pela lei estadual nº 12 de 25 de

---

<sup>8</sup> Wikipédia.com.br Acesso em 11 de Mar. de 2017.



Outubro é criado o Distrito de Aroeiras, subordinado a Umbuzeiro<sup>9</sup>.

Há relatos que o cangaceiro Manoel Baptista de Moraes, conhecido por Antônio Silvino percorreu as terras de Gado Bravo nas primeiras décadas do século XX, e inclusive teria assassinado um homem na região do sítio Pinhões<sup>10</sup>.

Não podemos descartar a possibilidade da presença de cristãos-novos na colonização do município de Gado Bravo. Como é sabido, os judeus tiveram um papel preponderante e ativo na colonização portuguesa do imenso território brasileiro. Muitos deles deixaram Portugal e vieram para o Brasil, eram em sua maioria ricos comerciantes empreendedores, e visavam ampliar seus lucros através do comércio colonial, o mercantilismo. Além disso, perceberam que aqui tinham a possibilidade de possuir liberdade religiosa e poder realizar seus cultos, o que eles não tinham em Portugal.

Os cristãos-novos se instalaram, sobretudo, no Nordeste, especificamente em Pernambuco, tornando esse estado na maior região açucareira do mundo na época colonial. Acredita-se, também, que foram os cristãos-novos

---

<sup>9</sup> IBGEcidades.gov.br Acesso em 11 de Mar. de 2017.

<sup>10</sup> Pedro Paulo de Andrade “Aroeiras sua história”.

quem financiaram as invasões holandesas no Nordeste açucareiro, pois eles tinham interesse nessa empreitada, já que existiam muitos judeus em Amsterdã e os holandeses eram mais tolerantes com relação a práticas religiosas, prova disso, foi que em 1641 foi construída a primeira sinagoga das américas no Recife.

Quando os holandeses foram expulsos do Brasil, eles fugiram de volta para a Europa, mas muitos deles juntamente com os cristãos-novos deixaram o litoral e migraram para o interior dos estados de Pernambuco e Paraíba, aportuguesaram seus nomes e sobrenomes e investiram, sobretudo, na pecuária. Por tudo isso, há uma grande possibilidade de os primeiros colonizadores do território do município de Gado Bravo, muitos deles serem descendentes de holandeses e cristãos-novos.

## **2. A gênese de Gado Bravo**

A grande maioria dos núcleos urbanos de grande e pequeno porte atualmente existentes, nasceram como pequenos e pacatos lugarejos, o caso de Gado Bravo não foi diferente. Pode-se afirmar que o núcleo urbano, onde nos dias atuais está localizada a cidade de Gado Bravo, foi fundado no século XIX, não se sabe por quem, nem a data exata da fundação, mas sabemos, portanto que, os senhores

João Henrique da Silva, José Mariano Barbosa, Orlando Gonçalves Guerra, Francisco Germano de Araújo e José Henrique da Silva foram figuras protagonistas, construíram as primeiras edificações que impulsionaram o surgimento e expansão do núcleo urbano gadobravense. O povoamento do município provém de processos migratórios de origem endógena e exógena, principalmente do estado de Pernambuco, o qual teve grande influência sobre a história local, não se sabe porque, talvez seja por conta da proximidade dos limites geográficos, já que o município se localiza muito próximo da fronteira interestadual. Grande parte dos atuais gadobravenses são de origem pernambucana.

É pertinente quando for-se analisar um espaço geográfico qualquer, fazer uma investigação histórico-filosófica, ou seja, do passado, para poder entender, ou melhor, compreender a produção e a organização desse espaço na atualidade, já que o espaço atual é produto e recebe influências do passado.

Milton Santos, falando a respeito das influências do passado sobre o presente no espaço, diz o seguinte.

Não se pode negar a tendência que tem a organização do espaço de fazer com que se reproduzam suas principais linhas de força. Se examinarmos, por exemplo, os mapas da distribuição do povoamento durante quatro

séculos e meio de história moderna da Venezuela, vemos que as manchas representativas da presença humana no território são repetidas, embora com nuances. Os caracteres, tanto qualitativa como quantitativamente, conheceram mudanças, como é natural, mas as raízes do povoamento influenciaram o que veio em seguida (SANTOS, 2008, p.165-166).

E ele ainda enfatiza que:

Observou-se igualmente que o traçado original de cidades como Paris ou Londres se reproduziu em maior ou menor escala através dos tempos; as modificações produzidas nas diversas épocas não foram capazes de apagar completamente aquilo que dava à cidade, nas suas origens, uma morfologia particular (SANTOS, 2008, p.166).

Portanto, na paisagem urbanística dos espaços geográficos, existe uma mescla de elementos do pretérito e do presente, que se unem numa harmonia universal, interagindo entre si e dando origem a dinâmica espacial.

A primeira denominação dada a Gado Bravo foi *Curtume*, devido nesta existir famosos curtumes, que eram estabelecimentos onde se realizavam o curtimento de couros, sobretudo, de animais bovinos. Esses curtumes eram de iniciativa privada dos primeiros moradores da então localidade, um deles era José Mariano Barbosa conhecido como Zé Noberto. Os couros eram comprados nas cercanias e preparados, para a comercialização em Campina Grande e Itabaiana na Paraíba e em algumas cidades de Pernambuco.

No final da década de 1920 migrou para o lugarejo curtume, não se sabe de onde, o senhor José Francisco, conhecido como Zé Chico, um indivíduo bastante religioso, bem característico da extrema religiosidade regionalista da época. Após chegar ao curtume, Zé Chico se instalou na residência de dona Maria Paula, esposa do senhor José Paulo, um dos primeiros habitantes, que tinha uma espécie de pousada. Expondo sua religiosidade, afirmava que havia chegado ali para pagar promessas que havia feito, pois sofria com enfermidades pelo corpo.

Construiu com a ajuda de algumas pessoas um cruzeiro em madeira, que é uma grande cruz erguida nos adros das igrejas, aos “pés” desse cruzeiro, o senhor Zé Chico e a comunidade local praticavam cultos a São José, divindade de sua devoção, realizavam festas sacras, novenas, rezavam terços, etc. Tudo a luz de velas, candeeiros e fogueiras, pois na época não havia luz elétrica na localidade. Após passar por reformas e mudança de local, esse cruzeiro localiza-se instalado próximo a igreja matriz nos dias atuais.

Todo esse contexto contribuiu para o surgimento da nova denominação da localidade, que passou a se chamar *Cruzeiro*. Por volta do ano de 1933, Zé Chico conseguiu construir uma capelinha e nela colocou uma imagem de São José, que é o atual padroeiro da cidade, nesse mesmo local

foi celebrada a primeira missa do lugar pelo Pe. José Vital Ribeiro Bessa<sup>11</sup>.

Em 1949 com a grande contribuição de Orlando Gonçalves Guerra, a capelinha passou por uma reforma, e se transformou numa igreja. No ano seguinte, o senhor Zé Chico veio a falecer e é sepultado ao lado da recém construída igreja, pois ainda não havia cemitério. Isso fez com que o Sr. José Juvino de Farias solicitasse junto ao então prefeito de Umbuzeiro Patrício Leal de Melo, a construção do cemitério. Em 1983 a igreja passou por outra reforma, na qual seu espaço foi ampliado e sua estética perdeu a estrutura original, uma iniciativa que teve grande apoio de Severino Lucena, um dos líderes políticos da região na época<sup>12</sup>.

Dentre os vigários que atuaram em Gado Bravo, podemos destacar pela intensa dominação carismática, como diria o sociólogo Max Weber, o Pe. Godofredo Joostem, de origem holandesa, o qual em sua homenagem colocaram seu nome na escola municipal de ensino fundamental na sede do município, e o Pe. Edwads Caldas Lins, o qual em sua homenagem colocaram seu nome na escola municipal de surdos, localizada na sede do município.

---

<sup>11</sup> Informações extraídas do folheto “Histórico de Gado Bravo”.

<sup>12</sup> Informações extraídas da monografia “Estudo Demográfico do Município de Gado Bravo-PB” de Josefa Iva de Santana.

Outra denominação dada a Gado Bravo foi *Vila São José*, acredita-se que essa nomeação foi sugerida por Orlando Gonçalves Guerra, um dos proprietários das primeiras residências edificadas na localidade, nome que provavelmente vigorou entre as décadas de 1950 e início da década de 1960.

Em 1953 Aroeiras foi desmembrada de Umbuzeiro, e teve como primeiro prefeito eleito Sebastião Souto Maior. Gado Bravo passa a pertencer a Aroeiras como vila, posteriormente, Gado Bravo é elevado à categoria de distrito deste município, pela lei estadual nº 3261 de 01/02/1965<sup>13</sup>, e torna-se o distrito mais influente e importante do município aroeirense. A primeira iniciativa por parte dos moradores locais, em dá uma nova nomeação a localidade, surgiu por volta da década de 1930 quando foi substituído o nome *Curtume* por *Cruzeiro*. O professor José Ezequiel Barbosa Lopes, em seu livro, parafraseando o historiador Epaminondas Câmara, diz o seguinte:

No ano de 1938 foi criada uma lei federal para tentar disciplinar a nomenclatura de cidades e vilas no país, um decreto que entre outras coisas, definia que nenhuma localidade, nas unidades da federação, poderia ser homônima, e os nomes repetidos, dentro do mesmo estado, tinha obrigatoriamente que ser mudado – e junto com a

---

<sup>13</sup> Informação extraída de IBGECidades.gov.br Acesso em 28 de Fev. de 2017.

norma, as regras: prevaleceria os nomes mais velhos em relação aos mais novos e os das cidades em relação aos das vilas e que havendo necessidade de substituição dos nomes, a nova nomenclatura deveria estar ligada a história do lugar, ou a aspectos geográficos da região, ou ainda as tradições locais. Na falta desses elementos usaria-se termos indígenas<sup>14</sup>.

A pecuária sempre esteve presente no espaço gadobravense, justificando assim a atual denominação, nomenclatura esta, que foi sugerida por José Mariano Barbosa, pois a região era caracterizada pela presença de muitas fazendas e currais. Mas o que realmente inspirou os habitantes a batizarem o distrito, foi porque os vaqueiros quando iam levar o gado do patrão para beber água nas nascentes, nessa época o gado era criado solto não havia cerca, era uma espécie de pecuária extensiva. Por isso, o gado ia todo desorganizado, bravos e raivosos, dando muito trabalho aos vaqueiros, que bradavam dizendo; “ôô gado brabo”, daí surgiu o nome definitivo de *GADO BRAVO*<sup>15</sup> efetivado em 1965 pela lei estadual que elevou a então vila a categoria de distrito. Há relatos de que já havia uma localidade próxima ao Cruzeiro que se chamava Gado

---

<sup>14</sup> Terra Tataguaçu: retalhos da história de Queimadas de José Ezequiel Barbosa Lopes.

<sup>15</sup> Informações extraídas do folheto “Histórico de Gado Bravo”.



Bravo, portanto, essa denominação foi estendida, abrangendo uma área geográfica maior.

### **3. Indícios de presença indígena no município de Gado Bravo-PB<sup>16</sup>**

O objetivo desta pesquisa é identificar a existência de indícios sobre um forte antepassado indígena no município de Gado Bravo-PB. Logo, vamos investigar qual a relação do município com as populações indígenas no pretérito. O objetivo principal é compreender os indícios da presença indígena na história do município, levantando as evidências toponímicas e arqueológicas de presença indígena na região de Gado Bravo, organizando histórias genealógicas da origem indígena desta cidade, apresentando indícios de práticas culturais indígenas nas comunidades do município.

A partir de toponímias existentes no local, como nomes de comunidades da zona rural, existem relatos de habitantes antigos onde afirmam que foi a localidade do Tapuia que deu origem a cidade de Gado Bravo, porém, isso ainda não foi confirmado concretamente. Acredita-se que aproximadamente por volta do final do século XVII, os

---

<sup>16</sup> Este título foi produzido pela historiadora Valquíria Gomes dos Santos.

tapuias já habitavam a região ribeirinha as margens do Rio Paraíba.

Durante o século XVII, acredita-se que os tapuias já habitavam o território do município de Gado Bravo, foi durante esse período que ocorreu a “Guerra dos Bárbaros”, que durou cerca de cem anos e cessou nas duas primeiras décadas do século XVIII. Essa contenda foi um movimento de reação contra os portugueses e a colonização, tentando inibir a sua penetração e a conquista de terras indígenas, para a ocupação de seus domínios pelos criadores de gado.

O território foi ocupado por vários criadores, que deram início a cultura da criação de gado, tornando essa prática uma atividade de grande importância para essa região. Relata-se que depois da influência dessa tradição, séculos depois veio a ser o motivo da emancipação política do município de Gado Bravo, que até então era distrito de Aroeiras. Durante a época de sua emancipação política, Gado Bravo chegou a ser considerado como a maior bacia leiteira da região. O historiador Juvandir de Souza Santos (2009, p.72) afirmou que: “as fronteiras que o homem contemporâneo faz uso, não eram levadas em consideração pelos índios que viviam de um lugar para outro, sempre em busca de melhores condições de sobrevivência”.

Tomando como base esse fato, podemos crer que os tapuias ou qualquer outro grupo indígena, podem ter transitado por vários territórios sem ter dado conta de onde estavam, até porque não se tinha essa preocupação. Como já foi explicitado anteriormente, não se tinha essa noção de fronteiras, tudo era terra e elas estavam ao dispor para explorar.

Por fim, essa pesquisa toma como base as descrições da Capitania da Paraíba e dos estudos sobre os grupos indígenas, por isso encontrou-se algumas dificuldades na coleta de informações.

### **3.1 Paradigmas Indiciários**

Mesmo não existindo uma comunidade indígena no município de Gado Bravo, nos amparamos nas propostas indiciárias de Carlo Ginzburg para estudar a influência desses povos na região. Em busca de indícios do passado, o autor italiano propõe uma prática detetivesca no ofício do historiador, propriamente para detalhar indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas. Tal ensinamento é o que nos dispomos a realizar, revestindo-nos de “detetive” na busca de sinais indígenas.

Para saber identificar tais indícios, é necessária perspicácia do observador interpretar os tais resquícios

deixados, cabendo a ele desvendar por exemplo: pegadas na lama, restos de uma possível fogueira, etc. Esses indícios são partes simples e importantes dos vestígios encontrados durante a pesquisa, e com isso vão se atrelando para formar uma única história.

Ainda se referindo a paradigmas indiciários, Ginzburg (1989) relata que, “os museus estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta, mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos frente a obras não assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação”. Segundo ele, as obras devem ser bem conservadas, pois elas nos ajudarão a entender mais um pouco sobre os indícios. Assim, não é necessário se basear em características mais vistosas dessas obras, já que são mais facilmente imitáveis, mas é preciso examinar os pormenores mais negligenciáveis.

Trabalhar com o paradigma indiciário e uma questão de interpretação de vestígios, dando-se através de uma investigação, para que se possa chegar a uma comprovação do que realmente aconteceu naquele determinado espaço, lembrando que não se trata simplesmente de coincidências biográficas, mas um paradigma baseado justamente na semiótica, com raízes muito antigas.

Por milênios o homem foi caçador, pois era a única forma de sobrevivência humana, a partir daí evoluiu para outros meios de sobrevivência. Acredita-se que durante inúmeras perseguições ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas e odores estagnados.

O homem aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar infinitas pistas como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas através de noções de indícios mínimos. Nosso espírito de detetive, sugerido por Ginzburg, pode nos “abrir os olhos” para uma realidade indígena no município de Gado Bravo, que parece invisível em meio a poeira do tempo.

Através de fábulas, Ginzburg (1989) faz referências bastante coerentes sobre paradigmas indiciários, onde usa o exemplo de uma fábula oriental sobre três irmãos que encontram um homem que perdeu um camelo. Ao serem indagados pelo homem, descreveram as características do animal como qualquer pessoa é capaz de descrever um camelo, sem o vê em sua frente.

Os três irmãos são evidentemente depositários de um saber de tipo venatório (mesmo que não sejam descritos como caçadores). O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remonta a uma

realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma sequência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser “alguém passou por lá”. Talvez a própria ideia de narração (distinta do sortilégio, do esconjuro ou da invocação) tenha nascido pela primeira vez numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas. O fato de que as figuras retóricas sobre as quais ainda hoje funda-se a linguagem da decifração venatória a partir pelo todo, o efeito pela causa é reconduzível ao eixo narrativo da metonímia com rigorosa exclusão da metáfora, reforçaria essa hipótese, obviamente indemonstrável. O caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos (GINZBURG,1989, p.152).

Contudo, podemos observar que “decifrar” ou “ler” as pistas (indícios) dos animais são basicamente metáforas. Sendo assim, os indícios encontrados no município ficaram registrado as margens de seu rio, no sangue do seu povo, e até mesmo nas paredes de suas cavernas. Assim como o caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história”, porque era o único capaz de ler as pistas mudas deixadas pela presa, nosso trabalho de detetive vai procurar através dos indícios, respostas para a comprovação da existência ancestral indígena naquela comunidade.

### **3.2 Pinturas rupestres no município de Gado Bravo**

Uma das maiores dificuldades com relação a pesquisas do passado indígena, segundo José Octávio Melo e Gonzaga Rodrigues (1993) é que, existem diversos trabalhos sobre indígenas na Paraíba, porém, deve-se ficar atento as informações exageradas dos primeiros historiadores, que ficam sem embargo de suas excelentes contribuições, como figuras intocáveis, e também pelo descaso natural. Talvez essa característica tenha sido herdada dos portugueses pelos problemas vinculados ao índio, cuja história e cultura mal foram registradas.

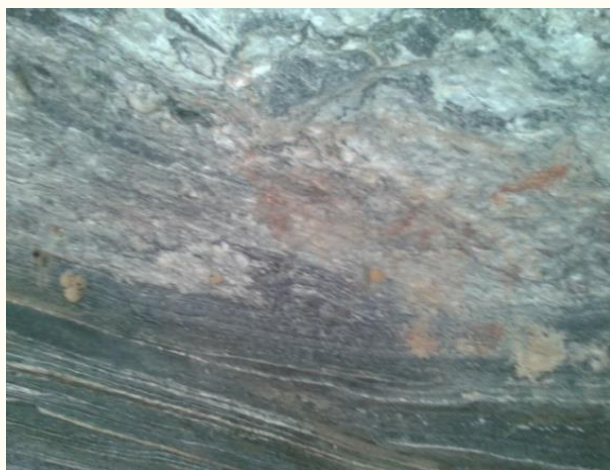
Por vários recantos da região nordeste encontra-se sítios arqueológicos de culturas muito antigas, como parte do registro de povos pré-históricos. Esses grupos étnicos viviam da caça e do cultivo da terra e, por serem caçadores e estarem constantemente explorando a natureza, os ajudou a terem chegado tão longe e em tantos lugares. Logo, deixaram vários vestígios de suas passagens por determinados locais, como de fato ocorreu no município de Gado Bravo, onde se encontra uma parede de pedra na comunidade do Sítio Rosilha II em que se pode observar diversas figuras deixadas pelos índios, que por ali passaram por volta do século XVIII. Como esclarece Cunha (1992, p.46-47):

Os povos de tradição agreste deixaram inúmeros testemunhos gráficos nas paredes rochosas dos abrigos do Nordeste. Essa tradição de pintura se caracteriza pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente de classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos, nem de figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. Ao contrário da tradição nordeste as figuras são representadas paradas: não há nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito mais abundantes que na tradição nordeste, apresentam uma morfologia bem diferente e diversificada. Com frequência as figuras agrestes foram realizadas no interior de painéis nordeste, o que dificultou os trabalhos analíticos na segregação das tradições. É também muito comum achar os grafismos desta tradição superpostos a grafismos de outras tradições. O estudo deste procedimento de superposição permitia identificar a existência de um critério de escolha do espaço pictorial que é próprio da tradição agreste quando ela partilha um espaço material com a tradição nordeste. A técnica de desenho e de pintura é de má qualidade, os desenhos são canhestros e não permitem, na maioria dos casos, a identificação das espécies animais. O tratamento da figura é limitado e de péssima feição.

Podemos considerar como uma arte, a inscrição de figuras rupestres, sendo um hábito praticado por vários grupos étnicos como forma de escrita. No geral, não se é tão bem compreendida em seus significados. Geralmente apresentam pinturas e gravuras em forma de desenho de animais, de ritos, ou apenas de símbolos, tais como apresentados nas figuras abaixo.



**Fig. 1, 2, 3 e 4 - Pinturas rupestres, Sítio Rosilha II – Gado Bravo-PB.**





Pinturas rupestres, Sítio Rosilha II – Gado Bravo-PB. Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017.

Segundo Santos (2009, p.66) “os primeiros homens que aqui chegaram e viveram em tempos ainda incertos, deixaram suas marcas em todos os rincões do Brasil”. Ao fazerem isso, deixaram talvez a maior prova de sua existência em terras incertas, enquanto registro de que um determinado grupo étnico tenha passado por ali. Acredita-se que, de forma geral, um sítio arqueológico apresente suas particularidades próprias, pois como cada pessoa pode ter deixado uma grafia diferente e cada vestígio encontrado serve como testemunho do perfil cultural de determinado grupo étnico, que deixou os resquícios de sua cultura material.

De maneira geral, o homem tinha o hábito de deixar vestígios de sua presença por onde tenha vivido, isso torna mais fácil de entender o processo cultural dos grupos indígenas, através dos vestígios deixados em determinados lugares. Esses materiais não se tratam apenas das pinturas rupestres, pois sabe-se que a cultura material e imaterial presente em diversos lugares do Brasil sofreram certa evolução (intervenção) de sua forma original, com o tempo, ou até mesmo com a intervenção humana, como mencionado por Santos (2009, p.70):

Estudar os artefatos como propõe Pitt Rivers, seria entender o processo de evolução cultural de

um grupo, a partir de um processo seqüencial ligado a necessidade ou não de evolução, voltado ao processo de sobrevivência daquele grupo. George Bassala (1991) dá inúmeros exemplos de materiais que foram inventados na pré-história e que de acordo com processo evolutivo da sociedade, bem como a busca por novos produtos que lhes oferecessem mais conforto, continuariam um processo de evolução aparentando com a evolução biológica de Darwin. O martelo é um exemplo que aparece várias vezes em sua obra “A evolução da tecnologia”, como fazendo parte do cotidiano de velhas e novas profissões que surgiram e desaparecia com o tempo, mas sempre necessitando desta ferramenta básica. Os grupos que habitavam nosso território criaram e, em dado momento, aperfeiçoaram instrumentos como forma de facilitar-lhes melhores meios de extrair do ambiente as matérias-primas essenciais a sua sobrevivência e de sua prole.

Mesmo esses nativos aperfeiçoando suas técnicas para a sua sobrevivência e pertencendo ao mesmo grupo étnico, havia suas divergências de tribos, no qual ocorreu um possível rompimento dos membros, como de fato ocorreu com os tapuias, considerados por Santos (2009) uma espécie de pseudo-nação, justamente pelo fato de que em vários momentos históricos ocorreram diversos conflitos e até mesmo guerras intertribais, motivadas pelos colonizadores. Esse teria sido o maior erro dos tapuias, pois, por não estarem unidos, se tornaram mais flexíveis as investidas do homem branco.

Para este autor, a etnia ou etnicidade é vista como um dos elementos básicos formador de uma nação, pelo fato de congregar as características culturais de um dado grupo social, sendo transmitidos através das tradições de uma geração para outra sequente. Assim, eles continuariam de certa forma ligados pela sua etnia, que vai desde a dança até um outro costume, como no caso dos Tarairiús, a prática do endocanibalismo e, no caso dos cariris, as formas de enterramentos em covas e urnas, como também os seus rituais religiosos, além da utilização de macetes para suas caçadas.

Investigar os indícios da presença indígena em um determinado lugar é comparado a um trabalho de detetive: são longas conversas com os moradores, conhecedores populares das histórias locais do município. Entretanto, podemos dizer que são as pinturas rupestres as provas esses materiais incontestáveis presente em nossa região, localizada na comunidade do Sítio Rosilha II, comunidade essa que fica próxima ao Rio Paraíba, e próxima ao município de Santa Cecília-PB.

De acordo com Santos (2009, p.66):

O que caracterizava um sítio arqueológico é a presença de algo que sirva de demonstrativo da presença do homem naquele local, trata-se dos vestígios arqueológicos que podem ser ferramentas de pedra lascada, uma estrutura de

fogueira, uma pintura rupestre, uma sepultura, ou mesmo uma simples marca de passos humanos. Desses vestígios talvez os mais exponenciais sejam as figuras rupestres.

Esse sítio arqueológico mencionado acima, está localizado em um ponto distante da cidade de Gado Bravo e é de difícil acesso, o que comprova que os indígenas da região se estenderam não só as terras próximas ao Rio Paraíba, pois há relatos que também se tem outro sítio arqueológico na comunidade do Sítio Caracolzinho, que fica próximo ao limite dos municípios de Gado Bravo com o município de Queimadas-PB. Contudo, acredita-se que sua aldeia se encontrava na comunidade do Sítio Tapuia, as margens do Rio Paraíba, nome esse que foi dado ao local em homenagem aos índios que lá viveram.

### **3.3 Tapuia, o seu legado**

Neto (1999), em *Ecologia e Imaginário Nos Cariris Velhos da Paraíba*, nos fala sobre a intimidade do homem sertanejo contemporâneo com o seu passado, não muito remoto. Com isso, pode-se dizer que havia uma interligação com a natureza, onde mantinham uma espécie de “intimidade”, em que eles retiravam tudo o que era necessário para a sua sobrevivência, como alimentos, medicamentos, armas, vestimentas, etc. Dessa forma,

percebe-se então, que a influência dos costumes indígenas esteve presente nas populações rurais.

O homem do interior seria diretamente influenciado pelos costumes indígenas, mesmo de forma indireta, pois é de fato um dos maiores praticantes dessa cultura. No município de Gado Bravo é bastante comum ver essas práticas, como por exemplo; o uso de ervas medicinais, a utilização de cerâmicas em utensílios de casa, as esteiras de junco, etc. Para Santos (2009, p.68):

A evolução cultural dos grupos pré-históricos da região pode ser testemunhada pelo processo evolutivo tecnológico dos vestígios deixados por estes tais, como o material lítico, cerâmica e principalmente as pinturas rupestres, as mudanças nas técnicas pictoriais, as variações dos temas e suas representações são resultados de transformações sociais que se processaram ao longo do tempo. O que se sabe, é que cada grupo étnico possuía um sistema cultural diferente que lhes servia como forma de apresentação. Assim, cada tradição, seja ela gráfica, cerâmica ou lítica, corresponde a um determinado grupo étnico particular, sendo, portanto, confiável o traçar do perfil cultural através do seu mundo sensível.

Sabe-se também, que as fronteiras territoriais que o homem contemporâneo faz uso, não eram levadas em consideração no período histórico em que os índios viviam, pois, esses grupos étnicos viviam de um local para outro, sempre em busca de melhores condições de vida.

Para Santos (2009), é coerente a aceitação das datações obtidas em sítios do Rio Grande do Norte e Pernambuco, estendendo-as para a Paraíba, devido a proximidade e a localização central do estado, sendo essas áreas de deslocamento do norte ao sul e vice-versa. Por parte, esse pensamento se encaixa perfeitamente com a realidade indígena que foi vivida no município de Gado Bravo pelos tapuias, por estar localizado próximo a fronteira com o estado de Pernambuco, sendo separado unicamente pelo município de Umbuzeiro-PB.

Pode-se observar o seguinte fato, em relação à evolução e adaptação desses grupos: não foram os objetos e seus costumes que evoluíram com o passar do tempo, mas o próprio grupo. A herança dos seus antecessores em contato com o ambiente necessitou de uma criação, de aperfeiçoamento e de (re) adaptação cultural para que houvesse uma “evolução” nos seus utensílios.

A partir das contribuições do autor, identificamos algumas semelhanças que podem ser observadas no município de Gado Bravo-PB: de fato, o homem teve uma relevante evolução para se adaptar a cultura dos grupos que habitavam o município no século XVIII. Essa evolução foi tão influente que com o passar do tempo constituíram famílias. E nos dias atuais, muitos acabaram perdendo essa



identidade indígena, mesmo que carreguem no sangue alguns- maioria- não tem como provar a sua descendência, pois com o tempo que se passou acabaram perdendo as características que os ligava a esses parentescos.

Segundo o autor, entende-se que essa evolução seja a continuidade na mudança da composição de uma população, pois com o tempo a descendência passa pelo processo de substituição de uma forma por outra. Sabendo disso, a pesquisa vai procurar resgatar dentro do município, sua ligação com os tapuias, que de certa forma se encontra perdida pelo espaçamento do tempo.

Contudo, podemos crer que tudo o que o homem desenvolve com as suas ações resulta na sua cultura, a exemplo de seus costumes, hábitos e ritos. Então com o desenvolvimento dessas atividades culturais, as tribos que habitavam o mesmo local deixando seus vestígios, decorrente de suas ações, não se viam como semelhantes, como relatado por Santos (2009), “os cariris, [...] viam os tarairiús e os tupis como diferentes”. Isso nos faz deduzir que apesar de habitar a mesma localidade, possuir traços culturais semelhantes, se consideravam povos diferentes um dos outros.

Como foi visto, os grupos indígenas paraibanos estavam divididos em três, sendo eles: (os Cariris, Tarairiús

e os Potiguaras). Então nos resta apenas denominar em qual desses grupos os tapuias do município de Gado Bravo-PB estão ligados. Para chegar a esse resultado, é preciso fazer uma análise mais complexa, em primeiro lugar da região estudada. Essa região está ligada pelo Rio Paraíba até o município de Boqueirão, localizado na região cariri da Paraíba, onde se tem notícias da presença do grupo étnico Cariris.

Por fim, e também nos valendo de informações locais, sabe-se que a localidade onde hoje se conhece por “sítio Tapuia” no município de Gado Bravo, era habitada pelos índios tapuias, vindos da região onde hoje se constitui as terras dos municípios de Barra de Santana e Boqueirão. Os mesmos foram genericamente denominados de tapuias e foram repelidos pelos potiguaras, espalhando-se pelo sertão e cariri, dividindo-se em várias tribos de línguas diferentes.

Trabalhando com preceitos básicos que a arqueologia faz uso, como comparações entre grupos materiais arqueológicos, para poder chegar a conclusão definitiva entre os grupos estudados, e observando bem nossas informações, podemos afirmar que os tapuias do município de Gado Bravo-PB são ramificações do grupo indígena Cariri.

### 3.4 A chegada dos criadores de gado

De acordo com Borges (1993):

Os tapuias formam um povo que habita no interior, para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são os limites os mais afastados da capitania, ora ocupada pelos brancos, assim neerlandeses como portugueses. Dividem-se em várias nações e alguns habitavam transversalmente a Pernambuco.

Isso nos faz lembrar da chegada das primeiras famílias de Gado Bravo, justamente pela sua localização próxima a divisa com Pernambuco, e por seu território está próximo às margens de uma fonte de água tão grande como o Rio Paraíba, isso pode ter atraído para cá famílias de criadores de gado, que com o ímpeto de desbravar essas terras, chegaram de encontro com os tapuias que aqui já estavam há algum tempo.

Sabendo disso, deduzimos que inicialmente pode ter havido alguma estratégia por parte desses criadores de gado para não entrar em conflito direto de imediato com o grupo étnico que ali convivia, pois até aqui nesta pesquisa não se ouviu falar em “guerras” no passado do município de Gado Bravo.

No município de Gado Bravo se intensificou a chegada dos primeiros criadores de gado no final do século XVII, durante a chamada “Guerra dos Bárbaros”. Naquela

ocasião, diversos grupos indígenas se reuniram em aliança não só com todas as tribos de sua nação, comandadas pelo famoso chefe Jandui, mas com outras tribos dos grupos tupi, jará, jê e cariri.

É relatado que, com a vinda dos portugueses no final das últimas décadas do século XVIII, as localidades de Pedra D'Água, Lagoa dos Marcos e Salinas, iniciaram o processo histórico de povoamento do município de Gado Bravo. Esses povos vinham de Estado de Pernambuco, formados por portugueses, holandeses e negros africanos, os quais se misturaram aos índios locais, assim também com a sua cultura<sup>17</sup>.

A mesma nos fala que no mesmo período veio habitar a localidade do sítio Tapuia a família de José Ricardo, se apossando de boa parte das terras dos índios que ficava às margens do Rio Paraíba. Por possuírem recursos, essa família decidiu construir uma capela para pequenas celebrações religiosas, contado com a colaboração dos pedreiros Fabrício de Castro e Leriano. É certo que a construção da capela seria um marco também da colonização do lugar, propriamente de cariz cristão.

---

<sup>17</sup> Informações relatadas pela professora Edna Leal.

As heranças herdadas diretas e indiretas por esse grupo étnico, tornou essa capela um local indiretamente de aproximação do homem branco com esses grupos, onde passou a conquistá-los e depois catequizá-los, e com passar do tempo, esse processo religioso se tornou um grande símbolo dentro do município de Gado Bravo. Essa capela, pelo menos uma vez no ano, movimenta toda a cidade, que se desloca para as margens do rio para rezar à nossa Senhora Santana, o que se constitui como celebração bastante representativa, já que é ali o lugar de início da colonização que se tem notícias dentro do município.

No início dessa tradição, ainda na época em que os índios viviam nas proximidades do Rio Paraíba, muitos desses indígenas sentiram-se incomodados, pois não gostavam daqueles rituais católicos que os homens brancos os impuseram. E como não tinham condições de enfrentar os brancos, os índios foram se retirando daquela localidade para outras partes do município. Justamente por sentirem-se incomodados por esse fato, começaram a surgir catequizadores ambulantes viajantes, que pernoitavam na localidade com a finalidade de fazer suas celebrações e catequizar os índios.

Cunha (1992, p.48) mostra que:

O trabalho catequético a partir de agora afastar-se do litoral em demanda de áreas mais remotas, as

denominadas missões rurais, no sertão de Jacobina, do Kiriri e do rio São Francisco (Serafim Leite, op. cit.: 269) todavia por todo o período de ocupação holandesa, as entradas iniciadas no século XVI, no sertão da Bahia. Tornar-se-ão rarefeitas, só sendo plenamente retomadas durante a restauração portuguesa. Ai, os missionários e curraleiros se concentrarão no submédio São Francisco e farão do sertão de Rodelas o seu quartel general, de onde prosseguirão para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

Nessa região o trabalho catequético era feito pelos padres andarilhos, os mesmos não tinham pouso certo viviam de comunidade em comunidade, catequizando a quem encontrasse pelo caminho.

### **3.5 Família Trovão: descendentes da índia Tapuia**

Uma das famílias mais importantes da história do município de Gado Bravo-PB é a família Trovão, que entram em destaque neste trabalho por fazer menção o passado indígena desta cidade. Em meio as andanças em busca de informações sobre famílias que tenham parentesco com algum grupo indígena, é necessário destacar alguns descendentes desse grupo étnico que aqui viveu a tempos atrás.

A família Trovão são descendentes de Inácio Trovão, considerado um homem rico vindo da região de Pernambuco e que, ao chegar na localidade do Tapuia,

procurou de imediato manter uma relação amigável com os indígenas, pois tinha a intenção de se valer de suas terras e se estabelecer na região. Conta-se que, por ser um homem de boa índole, conseguiu as terras e, junto com elas, uma relação com Ana, uma índia tapuia.

Dessa relação nasceram três filhos (“Inacinho”, João e Manoel), porém, Ana veio a falecer jovem, quando ainda estava de resguardo do seu terceiro filho. A partir daí, Inácio cuidou dos filhos e da fazenda só com a ajuda dos escravos que possuía, nunca se casando novamente, tal como romanceou um descendente da família Trovão:

Do terreiro da casa, Inácio Trovão, o pai, tinha o olhar fixo num ponto á sua frente. A juventude dos filhos o reconduzia a época em que também fora jovem. Recordava o encontro com Ana, os desafios que enfrentara por causa do seu amor. Quantas vezes ouvira dizer que ela havia sido pega a dente de cachorro. Não importava o preconceito dos demais. Sabia muito bem que era assim mesmo que se referiam a pessoas iguais a ela. Principalmente por sua causa, resolvera mudar de domicílio. Lembrava de tudo o que passara desde que chegara aquele lugar. Trouxera tantos planos, tantas esperanças... Ali construiria uma vida nova, não mais só sua, mais da família que pretendia formar. Foram sonhos lindos, como lindos são os sonhos dos apaixonados. No seu caso, apaixonara-se por uma índia. Por que? Essas coisas não têm lógica, são inexplicáveis. Havia outras jovens de família com quem poderia ter feito um casamento conveniente, mas não era só isso que queria para si. Casaria, sim, com uma jovem do seu meio e teria amplas possibilidades dessa união dar muito certo, desde que houvesse amor. No entanto era

Ana que queria, com ela e por ela venceria todos os preconceitos e todas as diferenças culturais, porque o amor é assim: tudo suporta<sup>18</sup>.

Após o falecimento da índia Ana, Inácio Trovão continuou a viver em Lagoa dos Marcos, criando seus três filhos nessa terra, voltando a Pernambuco definitivamente apenas depois que seu filho mais velho se casou, assim deixando em suas mãos os cuidados da fazenda.

Desse filho que ficara em Lagoa dos Marcos, é que identificamos mais um indício da existência do grupo étnico tapuia na região, provavelmente cariri, sendo essa família atualmente uma das maiores do município, e uma das poucas que se identifica como descendentes indígenas<sup>19</sup>.

Em conversa com o senhor Alberes Trovão de 90 anos de idade, aposentado como agente fiscal, ele nos fala que os Trovão foi uma das primeiras famílias que chegaram ao município de Gado Bravo, a exemplo dos Ricardo da Pedra D'água e dos “Heráclios da Salina”, cujo parentesco remontavam o seu bisavô, Inácio Trovão.

---

<sup>18</sup> Trecho do livro “Trovão” de Maria Alice Cabral.

<sup>19</sup> Anualmente essa família organiza o encontro trovão, visando recuperar lembranças do passado de sua linhagem indígena e portuguesa, resgatando as raízes não só de uma determinada família, mas sim do passado étnico e miscigenado do município de Gado Bravo. Segundo Maria Alice Cabral são aproximadamente 6.000 descendentes apenas da linhagem de “Inácinho”, filho mais velho da índia Ana com Inácio Trovão, e que viveu toda a sua vida em Lagoa dos Marcos.



“O tronco dos Trovão é lá na Lagoa dos Marco. Meu bisavô veio de terras distantes, num sei quais, mais veio pra lá e fundou a fazenda com sua esposa que era índia. Acho, num tenho certeza, que foi no ano de 1840. Meu avô era o filho mais velho da índia. Ele foi quem ficou de conta da fazenda depois do pai dele, e depois do meu avô foi a vez de meu pai Damião. Meu avô teve onze filho e meu pai oito, fora os irmãos deles. É muita gente, num sabe? Daí meu primo Paulo Afonso teve a ideia de fazer um encontro da família, já vai no quinto encontro e a cada ano cresce mais o evento”.

Assim podemos deduzir que a família Trovão teve um papel fundamental na povoação e no contexto histórico do município de Gado Bravo, bem como os seus descendentes. Inácio Trovão era de origem portuguesa, há relatos que esse sobrenome era um pseudônimo, devido o mesmo possuir um tom de voz bastante grave, que se assemelhava ao estrondo de um trovão.

### **3.6 Toponímias e práticas culturais indígenas**

Podemos observar dentro do município de Gado Bravo, várias toponímias que fazem menção a aspectos naturais de sua vegetação (Pereiro, Umburana, Pinhão, Caruá, Juá, entre outros), ou até mesmo nomes que lembram alguma característica natural hídrica, facilmente identificadas com a cultura indígena. Eis algumas amostras toponímicas naturais encontradas nos nomes das localidades do município de Gado Bravo:

Rosilha	Pedra D'água	Macacos
Pedras Altas	Lagoa de Umburana	Lagoa de Dentro
Salinas	Caracolzinho	Caruá
Zé Velho	Pinhões	Fava de Cheiro
Juremas	Lagoa de Cascavel	Tapuia
Juá	Campo Alegre	Mangaio
Areias	Alto Grande	Salgado
Chã de Beleu	Lameiro	Cacimbas
Boa Vista	Picadas	Caboclos
Lagoa dos Marcos	Guaribas	Chã dos marinhos

Em relação à comunidade do Tapuia, local da pesquisa, um ponto que se destaca no local, e que é muito conhecido pela população do município de Gado Bravo, além do Rio Paraíba, é o Riacho do Tapuia.

Nessa região é comum ouvirmos a palavra “caboclo bravo”, que, segundo os moradores locais, seria uma referência a antigos índios que viviam na região e sem contato com ninguém, sendo difícil o acesso aos seus antigos abrigos. Logo, “caboclo” faz referência ao índio e bravo ao seu modo de viver, distante do homem branco. Diferentemente dos tapuias que foram mais flexíveis e que conviveram, os “caboclos bravos” não tiveram essa interação, tal como nos conta a senhora Aninha de Joca que mora no sítio tapuia desde que nasceu.

Segundo relatos de dona Aninha, esse grupo denominado por Caboclo Bravo era uma outra denominação

de índio dessa região de Gado Bravo, os mesmos não tiveram nenhum contato com o homem branco.

“Minha mãe contava que a avó dela era caboclo bravo. Acharam ela no mato quando era pequena. O povo diz: minha fia que pegaram ela à dente de cachorro no mato. Esse povo ninguém via. Não era um povo que nem se fosse assombrado tinha medo de gente, mas eles eram gente que nem eu e você. Do mermo jeito! N’era bicho, não! Aqui no riacho mesmo, quando eu era pequena, tinha nas pedras o lugar das índias fazer os cumê deles. Eu digo porque tinha que nem o jeito de ser umas panelas, num sabe? Só que era apregado nas pedras do riacho. Só que numa cheia bem grande que deu, num ano bom de inverno, a água levou tudinho! Mais era tão bonitinho, num sabe? Deu foi pena...”

Em relação aos materiais líticos, prática indígena comum entre os tapuias, encontramos no município de Gado Bravo, diversos vestígios desta prática antiga, em conversa com dona Aninha conta que ela e moradores das comunidades do Tapuia, São Bento, Caboclos e Rosilha encontraram antigos materiais líticos, semelhantes a panelas, tigelas e fogões de barro fixadas em pedras.

Durante visita as localidades dos sítios Tapuia e São Bento, ambas localizadas às margens do Rio Paraíba, foram vários os relatos de histórias contadas pelos antigos moradores, sobre achados nas proximidades dos riachos que ligam ao rio, que vai de fornos ou caeiras antigas até panelas de barro e outros artefatos da mesma cerâmica.

Aninha ainda nos conta que sempre viveu no Sítio Tapuia, e desde o tempo de sua mãe se usava muito platô, uma espécie de tigela feita a partir de barro, além de potes de barro utilizados para o transporte e armazenamento de água trazido do rio. Relata ainda que apesar de ter havido bastante mudanças nos costumes da população, não faz tanto tempo assim que essa tradição ainda era comum. Atualmente, por exemplo, é impossível chegar em uma casa principalmente nos sítios do município de Gado Bravo e não encontrar sequer um objeto feito do barro, uma rede e principalmente uma esteira de junco.

Todos esses objetos são produzidos na zona rural do município, e são vendidos para complementar a renda das famílias. Além da cerâmica em barro, a esteira de junco também é outro artefato ancestral e vendido na região. Uma das artesãs da esteira em palha é a senhora Margarida, que reside no sítio Tapuia. Essa cultura de fazer esteiras começou pelos povos antigos (índios) que viviam nas proximidades do Rio Paraíba, que faziam do junco uma espécie de capim mais grosso e fofo que nascia no rio, transformavam em esteiras para descansar. Já os objetos de barro são os mais conhecidos na região e os mais usados também.

### **3.7 Coco de roda: cultura, música e poesia**

Sabe-se que o ser humano qualquer que seja ele, qualquer tempo que for, por onde passar vai deixar o rastro de sua cultura, algo que lhe seja atribuído no futuro. É mais uma herança cultural deixada pelo grupo étnico que nessas terras viveram a tempos atrás, sendo o coco de roda, uma dança muito popular entre o povo de Gado Bravo. Uma roda de coco nessa região significa festa, alegria e comemoração, não importa a época do ano, pode ser no São João nas fogueiras, festas de santos ou até mesmo inauguração de obras ou festas de aniversário. Para formar uma roda de coco não precisa de motivo ou lugar específico.

Segundo o senhor Pimbó, cantador e dançador de coco, antigamente, na época dos índios, essa dança se fazia em volta de uma fogueira, daí começava a dança, apenas os homens participavam, pois durante as voltas que se davam em volta da fogueira, os homens davam “umbigadas” uns nos outros, isso não era bem visto para que as mulheres participassem.

A partir da chegada do homem branco e os seus escravos, o coco de roda sofreu transformações; lhe atribuíram novos instrumentos, novas letras, uma nova forma de dançar onde as mulheres passaram a participar da

roda de coco. Como se mostra nesses versos de coco de roda:

“Oh, Mariana, olé olé  
Oh, Mariana, teus crochê  
E quando é palma, palma é palma  
E mão no quarto e bate o pé

Oh, bananeira  
Chora, bananeira  
Oh, bananeira chora  
Chora, chora bananeira  
Que meu amor foi embora

Oh, mamãe, cadê Maria  
Maria foi passear  
Que esse passeio de Maria  
Vai fazer mamãe chorar”<sup>20</sup>

Segundo o senhor Pimbó, que tem como uma de suas profissões cantar coco, o coco é uma cultura que os mais antigos aprenderam com os índios, e que foi mudando com o tempo, as principais regiões de coco de roda dentro do município de Gado Bravo-PB, são os sítios Tapuia, São Bento, Cacimbas, Caboclo, Fava de Cheiro, Zé velho, Rosilha, Campo Alegre e Santana.

“Eu sou coquista, gosto muito desse ofício de tirar coco de roda, eu aprendi com meu pai desde muito novo eu já fazia verso, essa dança era uma dança

---

<sup>20</sup> Letra colhida através de entrevista com a senhora Biu Quinino no dia 14/04/2017.

dos índios que arrodia a fogueira e agradecia ao Deus-fogo, as mulheres não podiam participar da dança não, pois na medida que arrodia davam umbigadas uns nos outros, isso era feio pras mulheres num sabe, o branco chegou e mudou tudo, a dança do coco de roda que era só pra homem hoje tem as mulheres também, isso é bom, dança sem mulher não presta não”<sup>21</sup>

Assim, podemos mencionar que as diversas formas culturais deixadas pelos grupos indígenas (dança, utensílios domésticos e outros) influenciou o modo de vida das comunidades do município até os dias atuais. Mesmo que as tradições culturais estejam cada vez mais esquecidas, não podemos deixar de acrescentar que esses traços culturais são de grande importância para o município de Gado Bravo.

#### **4. O Tapuia**

Tapuia é o nome dado a um lugarejo localizado no extremo sul do município de Gado Bravo, especificamente, na fronteira com Umbuzeiro, às margens do Rio Paraíba. Essa nomenclatura é de origem indígena, pois foi um termo utilizado no Brasil por muitos séculos, para designar os índios que não falavam a língua tupi, e que habitavam as regiões mais interioranas do país<sup>22</sup>. Isso gera a hipótese de que o local foi uma aldeia indígena no pretérito.

---

<sup>21</sup> Fala do Senhor Pimbó.

<sup>22</sup> [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

Seus limites geográficos são:

AO NORTE: Sítio Caboclos;

AO SUL: O Município de Umbuzeiro;

AO LESTE: Os Sítios Picadas e Leitões;

AO OESTE: O Sítio São Bento.

O povoamento do Tapuia é mais antigo que o da sede do município, já que foi habitado primitivamente, pelos nativos indígenas de origem tapuia. A colonização do tapuia é iniciada em fins do século XVIII, quando famílias descendentes de portugueses foram descendo o Rio Paraíba, a partir de São João do Cariri e Cabaceiras, construindo casas, fixando residências às margens desse rio, dando origem a várias comunidades<sup>23</sup>. As terras onde hoje está localizado o Tapuia, pertenciam a sesmaria de nº 0172 de 01 de julho de 1720, doada a Marcos de Castro Rocha e Antônio Tavares de Castro.

A Festa do Tapuia, realizada todos os anos no dia 26 de julho em homenagem a Santa Ana, atrai turistas locais e de municípios vizinhos dos estados da Paraíba e Pernambuco, além da festa religiosa é também realizada a apresentação de bandas de forró em palco montado, muitos visitantes aproveitam e vão se banhar nas águas do Rio

---

<sup>23</sup> Informações cedidas por Dalila Camello Aguiar.



Paraíba, ao som dos bacamartes e dos hinos eclesiásticos. É um dos eventos mais importantes do município de Gado Bravo, feriado municipal instituído por lei. No local existe uma pequena vila pavimentada na primeira gestão do prefeito Paulo Alves Monteiro, um cemitério e duas capelas, uma mais antiga que se encontra desativada e uma mais recente, onde sua construção é datada da década de 1950. Provavelmente, a primeira capela e o cemitério foram construídos na década de 70 do século XIX e teve a participação do Padre Ibiapina e seus seguidores.

José Antônio Pereira Ibiapina nasceu em 5 de agosto de 1806 na cidade de Sobral no Ceará. Bacharelou-se em direito na faculdade do Recife em 1832. Reconhecido como excelente aluno tornou-se professor nessa mesma instituição, depois Juiz de Paz e chefe de polícia em Quixeramobim-CE, deputado federal e advogado em Areia e Recife. Porém, abandonou a advocacia em 1850 e foi convidado a ser padre através de um amigo e ordenado em 1853 aos 47 anos. Sua primeira nomeação foi de vigário geral da diocese de Olinda-Recife, em 1855 começou a dar aulas no seminário, ensinando as disciplinas: História Sagrada e História Eclesial (RIETVELD, 2016).

O ano de 1855 foi o ano em que a cólera começou a dizimar a população do interior, sobretudo, no nordeste

brasileiro. Isso chegou ao conhecimento do Padre Ibiapina, que se sensibilizou com essa situação, conseqüentemente, substituiu seu sobrenome “Pereira” por “Maria” passando a chamar-se José Antônio Maria Ibiapina, e começou uma vida de missionário peregrino pelo interior do Nordeste, construindo e reformando cemitérios, igrejas e capelas. Como missionário peregrino, Padre Ibiapina imitava o exemplo dos capuchinhos. Há registros de suas andanças pelos estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba, a partir de 1872 ele ficou quase exclusivamente neste último estado (RIETVELD, 2016).

Na Paraíba, de 1860 a 1873 o Padre Ibiapina realizou missões pelos municípios de: Areia, Arara, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Cabaceiras, Cajazeiras, Campina Grande, Gurjão, Parari, Pilões, Pocinhos, Riacho de Santo Antônio, São João do Cariri, Soledade, Souza e Umbuzeiro. Em Barra de Santana o Padre Ibiapina começou suas missões em 1860, no ano de 1873 ele ampliou a capela construída em 1843. De acordo com Rietveld (2016), foram feitos batismos por Padre Ibiapina anotados em livros de batismos no município de Barra de Santana no ano de 1857, nos anos de 1857 a 1862 o centro das atividades do padre era a região de Barra de Santana e Gravatá do Ibiapina.

Por tudo isso, pode-se concluir que quem instigou a devoção a Santa Ana no Tapuia foi o Padre Ibiapina, culminando com a construção da capela e do cemitério na década de 70 do século XIX. Provavelmente, o objetivo dessa construção era expulsar os índios que habitavam aquele território, e que não comungavam com as práticas religiosas do catolicismo romano. Porém, talvez o objetivo tenha sido não os expulsar, mas sim catequizá-los, como aconteceu nos primórdios da colonização brasileira.

Durante muitos anos o cemitério do Tapuia era o único existente no município de Gado Bravo, fato que fazia com que, famílias de todas as regiões do município, principalmente as mais abastadas, sepultassem seus entes queridos nesse cemitério que se encontra ativo nos dias atuais. Segundo algumas narrativas orais, os cortejos fúnebres eram realizados a pé, não havia caixão, os corpos eram levados numa rede branca e eram enterrados diretamente no solo, na época ainda não haviam túmulos erguidos e o cemitério era todo aberto, não existia muro. Além do Padre Ibiapina, atuaram na capela do Tapuia o Padre Godofredo Joosten, Padre Edwards Caldas Lins e o Cônego Antônio Ramalho.

## 5. O algodão e o sisal

A economia gadobravense sempre esteve voltada para a agricultura e pecuária, pois a criação de gado está presente no município, desde seus primórdios, e a agricultura também.

Pelo que foi visto anteriormente, podemos afirmar que a primeira indústria manufatureira de Gado Bravo foi o curtume, estabelecimento onde se fazia a preparação de couros de animais. Entre 1925 e 1928 os senhores João Henrique da Silva e José Mariano Barbosa instalam uma usina de beneficiamento de algodão, este era feito através de prensas de madeira e o algodão era transportado em animais para as cidades de Itabaiana e Campina Grande.

Posteriormente, Orlando Gonçalves Guerra também instala uma usina algodoeira com máquinas mais modernas, onde o algodão era comprado aos moradores locais, que plantava-o em seus minifúndios e depois vendiam nesta usina a sua produção. O algodão era selecionado, descarado, prensado e exportado, como também os caroços, pois com eles se fabricam uma série de produtos. Em seu livro sobre a história de Aroeiras o ex-vereador Pedro Paulo de Andrade faz menção a esta usina, quando diz:

Na região funcionavam quinze motores de beneficiamento de algodão e, na localidade vizinha de Gado Bravo, funcionava uma usina de algodão, por sinal uma das melhores do Estado e que recebia produto até do Estado de Pernambuco (ANDRADE, 1981 p. 24).

Conforme a citação acima, a usina de Gado Bravo era uma das melhores do Estado da Paraíba, os caminhões saíam carregados de algodão e caroços, com destino a Campina Grande e outras cidades dos estados da Paraíba e Pernambuco<sup>24</sup>. Francisco Germano de Araújo também possuía uma pequena usina de beneficiamento de algodão, instalada ao lado de sua residência.

Em paralelo surgia o cultivo e industrialização do sisal, um empreendimento feito por João de Brito Lira, gadobravense ex-prefeito de Aroeiras. Este era proprietário de uma pequena usina onde se fazia o desfibramento, localizada em sua propriedade no sítio Chã de Beleu, que era conhecido popularmente como “o motor de agave de João de Brito”, hoje restam apenas ruínas da usina. O sisal tem ciclo vegetativo longo, é utilizado para fabricação de cordas e estopas, a produção teve seu apogeu entre as décadas de 1950 e 1960. Os agricultores locais produziam o sisal e

---

<sup>24</sup> Informações extraídas do folheto “Histórico de Gado Bravo”.

vendiam a João de Brito, este fazia o beneficiamento e a exportação das fibras de sisal<sup>25</sup>.

## **6. Esperanças e contradições: símbolos de modernidade em um espaço majoritariamente rural** <sup>26</sup>

Analisar o desenvolvimento urbano em Gado Bravo é uma tarefa imbricada de desafios, uma vez que, o meio rural continuou predominante, como ainda é atualmente, entretanto, a população local teve necessidade de adequar-se a alguns ritmos exigidos pela modernidade.

Recompor a cidade do passado constitui-se, numa tarefa desafiante para o historiador que pretende, debruçar-se sobre as mudanças proporcionadas por aspectos simbólicos e materiais conquistados por ela, ao longo das décadas. Analisar a influência destes aspectos na cidade de Gado Bravo constitui uma tarefa ainda mais árdua, considerando ser um pequeno espaço, majoritariamente, rústico e rural. Ruralidade esta, que vem sendo mitigada ao longo dos anos com a instauração de técnicas e objetos

---

<sup>25</sup> Informações colhidas através de conversas informais com moradores antigos.

<sup>26</sup> As informações contidas neste texto são de autoria do historiador Alysson Duarte Cabral Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

modernos, que vem se materializando no espaço ao longo do tempo histórico.

Neste trabalho, analisou-se, entre outras fontes, os relatos orais dos moradores que contemplaram de perto estas mudanças. Partilhamos da ideia de Certeau (2004) e sua compreensão das práticas cotidianas expressadas através de gestos simbólicos, culturais e sociais, “as artes de fazer” no dizer do historiador. Para entendermos melhor a possibilidade de modernização em Gado Bravo, comungamos da ideia de Aranha que analisou a chegada de elementos modernos nas cidades nortistas. Segundo ele,

Há a considerar que essas conquistas materiais se instituem por toda parte como símbolos modernos de valor universal, significando, com isto, que qualquer contato com um o outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que esta cidade possa ser considerada moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado (ARANHA, 2003, p. 80).

Portanto, a cidade pode ser considerada moderna, na medida em que, está materializado em seu espaço, um conjunto de símbolos e objetos oriundo da modernidade.

Ainda dentro da temática ora estudada, é indispensável enumerarmos alguns pesquisadores, que se dedicam ao estudo desta, como: Severino Cabral Filho, Fábio Gutemberg, Antonio Clarindo Barbosa de Souza;

além do já citado Gervácio Aranha. Pesquisadores que com seus trabalhos enriqueceram o estudo e pesquisas sobre cidades. Segundo Souza (2010, p.7),

Com a revolução epistemológica desencadeada pela Escola dos Annales, a partir de 1929, e que tem seu auge nos anos de 1960 – 1989, com a terceira geração dos Annales, as cidades passaram a ser vistas como objetos de pesquisa histórica por comportarem nelas as mais variadas manifestações do espírito e da engenhosidade humana.

Sendo assim, a cidade também se constitui como objeto de estudo dos historiadores, pois, como já mencionado na primeira parte deste trabalho, a cidade tem uma história, uma dinâmica e características que vão se construindo e se materializando no espaço ao longo do tempo. Além disso, é um *locus* edificado unicamente pelos seres humanos, a cidade é um espaço eminentemente antrópico, no que se refere a sua edificação.

Para que possamos especificar ainda mais o objeto e o tema estudado, partilhamos, também, de algumas obras que foram publicadas sobre o município de Aroeiras, obras que o historiador Vanderley de Brito chamou de *livros provinciais*, por tratar, exclusivamente, da história do município. Como o município de Gado Bravo durante o período estudado fazia parte do município de Aroeiras,



como vila e posteriormente como distrito, torna-se indispensável mencioná-las aqui.

Segundo Raymond Williams (1989, p.388) “*tudo o que acontece na cidade é fruto da classe rural dominante*”, esta característica é bastante perceptível em Gado Bravo, onde os proprietários rurais tiveram um papel primordial na busca das conquistas materiais, mesmo com a chegada de elementos modernos, a aglomeração urbana ainda ficou dependente do campo no que tange a muitos aspectos, tanto de ordens socioculturais como econômicas, onde os proprietários das fazendas de gado continuaram exercendo controle sobre as recém-chegadas práticas modernas desenvolvidas no meio urbano local.

A pesquisadora Maria Stella Bresciani (1989) nos aponta caminhos para o estudo das cidades, a perceber que as cidades se transformam, juntamente com as práticas de seus habitantes, passam por diversas experiências, enfim, sofrem várias metamorfoses de ordens sociais, de múltiplas práticas e relações antrópicas. Essas relações sociais tornam-se complexas. Dentro desta perspectiva de representação sociocultural, também somos tributários dos estudos de Sandra Jatahy Pesavento e Roger Chartier. Segundo Pesavento (2005, p.57) “as sensibilidades são formas pelas

quais os indivíduos percebem-se através de tradução da realidade por meio de emoções e sentidos”.

É pertinente ressaltarmos, que neste trabalho o objeto de estudo, não é uma cidade de milhões de habitantes, uma metrópole como Tóquio, Londres ou uma Paris *haussmanniana*, mas uma pequena aglomeração urbana que tem sua rotina modificada, com o advento das conquistas materiais e simbólicas citados anteriormente: uma localidade chamada Gado Bravo. O ambiente majoritariamente rural de Gado Bravo, não impediu que o fenômeno da modernidade o alcançasse trazendo com ele metamorfoses, deslumbramentos e mudanças nos modos de vida da população local.

As práticas e representações socioculturais controladas por alguns grupos sociais, que defendiam seus interesses, ganharam novas estratégias, preparando a aglomeração urbana para recepcionarem as novas formas de convivência dentro da perspectiva defendida por Roger Chartier. Segundo este autor (1988, p.19) “às representações do mundo social que à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”.

Abordar a temática cidade como objeto de estudo, requer uma atenção minuciosa na análise das mudanças sofridas ao longo dos anos, requer, sobretudo, um olhar de sensibilidade por parte do historiador, para que não recaia em anacronismos, em discussão de fatos desnecessários. Tomar como referência o desenvolvimento urbano e a chegada dos elementos modernos no distrito de Gado Bravo constitui o foco de nossa pesquisa, desbravar uma temática nunca antes abordada, mais que explica a formação de um aglomerado urbano no agreste paraibano.

Em entrevista concedida, o senhor Lourival Barbosa Cabral nos fala um pouco do impacto que causou a primeira televisão que chegou no então distrito de Gado Bravo em meados da década de 1960: *“Ia gente de todo lugar assistir a novela da TV Tupy, de Salinas, de Guaribas, de Cacimbas, de Torres, todo mundo ia assistir esta novela na televisão que foi montada em um arranjo de dois ganchos de paus na rua, na volta alguns voltavam namorando o que acabou saindo muitos casamentos”*<sup>27</sup>.

Podemos observar, de acordo com as palavras do entrevistado, que a novela transmitida pela televisão mudou os hábitos de sociabilidades, não apenas dos que habitavam o meio urbano gadobravense, mas de todos povoados

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida pelo senhor Lourival Barbosa Cabral a Alysson Duarte Cabral em Junho de 2015.

próximos. Sociabilidades que aproximavam, que constituía laços de amizade, que criavam novas relações. Como bem ressaltou Maffessoli (1988), a sociabilidade seria algo como uma empatia comunizada, ou seja, resíduos de sentidos ou intencionalidades de ser / estar junto-com, portanto, de coexistir através de relações de solidariedade, conflitos e distensões próprias ao cotidiano social.

Analisando a chegada dos primeiros ícones modernos ao distrito de Gado Bravo, por volta, sobretudo, do início da década de 1960, destacamos como principais: a instalação da feira livre, em meados da década de 1930; a construção do mercado público, no final da década de 1950; a chegada da luz elétrica, na década de 1960 e a construção do calçamento em paralelepípedos da rua principal (rua do comércio como era conhecida entre os habitantes do povoado). A rua principal de Gado Bravo está traçada no itinerário: Aroeiras-Umbuzeiro à Salinas-Barra de Santana, sentido leste a oeste, respectivamente.

Guardando as devidas proporções, pretende-se analisar a seguir, como os representantes da elite gadobravense da época, que compunham o poder legislativo e por algumas vezes o executivo aroeirense, utilizaram seu poder de barganha para concretizar suas pretensões de obter as melhorias modernas, que eram implantadas em Aroeiras,

também serem concretizadas no distrito de Gado Bravo. Melhorias estas que viriam atender aos ensejos da elite política, latifundiária e comerciante, valorizando o distrito e atendendo seus interesses próprios.

## **6.1 A feira livre**

Tendo em vista que adotamos a postura de historiador, não podemos isolar os acontecimentos locais, uma vez que devemos contextualizar a temática estudada. É dentro desse contexto de análise, que traremos à tona a importância da feira livre gadobravense, não apenas para esta localidade, mas para as cidades e distritos da região.

Analisando o desenvolvimento de algumas cidades da região, ao longo do século XX, percebemos que as feiras livres desempenharam um papel de fundamental importância em sua conjuntura desenvolvimentista: Campina Grande (Paraíba) e Feira de Santana (Bahia) estão entre as cidades que atingiram centenas de milhares de habitantes, graças ao comércio estabelecido através de feiras livres, que por muito tempo, significou a principal atividade geradora de lucros para estas cidades.

De acordo com alguns relatos e escritos informais, a primeira feira livre realizada em Gado Bravo ocorreu no dia cinco de setembro de 1937, um dia de domingo. Nessa

época, não existia o mercado público, a feira era realizada aos domingos em um galpão aberto, localizado de frente onde hoje é a residência do Sr João Faustino de Oliveira, no início do calçamento da rua José Mariano Barbosa, sentido Leste-Oeste. O piso era de chão batido, onde eram comercializados alimentos de necessidade básica, como; feijão, milho, farinha e café em grãos. Já as carnes eram comercializadas em mesas estreitas de madeira resistente<sup>28</sup>.

Nesse contexto, no corredor da rua principal (hoje rua José Mariano Barbosa) iniciou-se o comércio local, apesar de ser rude e dispondo de pouca logística, conseguia reunir centenas de feirantes. Realizada aos domingos, movimentava a economia do distrito, que tinha a base econômica sustentada na agropecuária. Ainda hoje, realizada no mesmo dia, a feira ainda movimenta multidões, além de aquecer a economia, já atingiu o patamar de atração turística local.

Evidentemente, a feira livre de Gado Bravo hoje possui aspectos logísticos mais requintados do que nas décadas de 1930 e 1950, por exemplo. Se traçarmos um panorama a respeito da feira na rua do comércio (atual rua

---

<sup>28</sup> Informações extraídas do Trabalho de Conclusão de Curso “Reformas e transformações entre o urbano e o rural em Gado Bravo-PB (1950-1970)” de Antônio Nilson Luciano Camelo.

José Mariano Barbosa) nos idos dessas décadas, iremos perceber que as mercadorias eram comercializadas no chão de terra batida, com pouca ou sem nenhuma higiene. Naqueles anos uma característica predominante, não apenas da feira livre de Gado Bravo, mas de todas as feiras da região de uma forma geral, é a falta de estrutura física e fiscalização por parte das autoridades competentes, que ainda não traziam como uma das suas principais incumbências administrativas o rigor da vigilância sanitária.

A feira livre trouxe grandes benfeitorias para um ambiente, onde aspectos rurais ainda definiam a paisagem local. Por localizar-se próximo a fronteira com o vizinho estado de Pernambuco, a feira gadobravense atraiu, desde o início, comerciantes pernambucanos, que com seus artefatos e bugigangas juntavam-se aos feirantes locais que comercializavam gêneros de primeira necessidade, atraindo muitos clientes que, ao lombo de mulas e jumentos, percorriam dezenas de quilômetros até a feira, onde gastavam os poucos trocados, que ganhavam durante a semana inteira de trabalho, fruto de muita labuta, de muito suor no cabo da enxada, da foice e da picareta.

A feira livre de Gado Bravo, assim como a de Campina Grande pode ser pensada como uma tradição, segundo Ranger e Hobsbawm (1994), as tradições são

inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, de onde emana um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais normas visam inculcar certos valores e padrões de comportamento pela repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Sem dúvidas, a feira livre de Gado Bravo, feira esta que ganhou status de grandeza e reconhecimento em toda a região a partir de 1960, quando o povoado atingiu a categoria de distrito.

O destaque na abordagem da feira livre percorrido até então, justifica-se, uma vez que, como já foi ressaltado anteriormente, ela foi a principal responsável, no que se refere ao desenvolvimento econômico e urbanístico do distrito de Gado Bravo. Levando este, a ser reconhecido em toda a região, o que levou as autoridades locais a reivindicarem melhorias estruturais.

## **6.2 A construção do mercado público**

Em 1953 acontece a emancipação política de Aroeiras, desmenbrando-se do município de Umbuzeiro. Consequentemente, Gado Bravo passa a pertencer a Aroeiras, entretanto, em Gado Bravo residia uma elite política agrária muito forte, que exercia uma grande



influência na política aroeirense, muitos vereadores, secretários e vice-prefeitos de Aroeiras eram gadobravenses. Sendo assim, Gado Bravo se tornou o povoado mais importante e influente do município de Aroeiras.

Em 1955 é realizado o primeiro pleito eleitoral direto para prefeito municipal de Aroeiras, onde a população elegeu Sebastião Souto Maior. Nesse pleito, dois gadobravenses foram eleitos vereadores; João de Brito Lira da UDN (União Democrática Nacional) e Olegário Herculano do Nascimento do PSD (Partido Social Democrático). Foram estes dois parlamentares gadobravenses que solicitaram junto ao então prefeito municipal de Aroeiras, o Sr. Sebastião Souto Maior, que tinha como vice o também gadobravense José Jovino de Farias, que seja efetivada a construção do mercado público na vila de Gado Bravo. O mercado é finalmente construído e inaugurado no final da década de 1950<sup>29</sup>.

Sem sombra de dúvidas, a construção do mercado público foi um dos acontecimentos históricos mais importantes para o desenvolvimento local. Após a construção do prédio, localizado as margens da rua do

---

<sup>29</sup> Informações extraídas do Trabalho de Conclusão de Curso “Reformas e transformações entre o urbano e o rural em Gado Bravo-PB (1950-1970)” de Antônio Nilson Luciano Camelo.

comércio, houve o deslocamento do local da feira, que passou a acontecer em suas proximidades.

**Foto 01:** Feira livre de Gado Bravo na primeira década do século XXI, com o antigo mercado público aos fundos.



**Fonte:** Arquivo de Antônio Nilson Luciano Camelo.

A feira começou a se expandir, tanto em tamanho quanto em variedades, muitos comerciantes de fora começaram a instalar barracas, com os mais variados produtos sendo ofertados aos consumidores.

O mercado público passou a ser o principal local de eventos do distrito de Gado Bravo, onde eram realizados bailes, festas de formaturas de concluintes, palestras, bingos e etc.

### 6.3 A chegada da luz elétrica...

A energia elétrica atualmente se tornou um elemento presente em praticamente todo o território brasileiro, nos mais variados rincões e espaços bucólicos, tudo isso graças a diversas políticas públicas de eletrificação rural, desenvolvidas pelos governos municipais, estaduais e pelo governo federal, como é o caso do Programa “Luz Para Todos”, que provavelmente seja a maior política pública nacional de democratização do acesso a energia elétrica desenvolvida no país. Atualmente, quase 100% das residências brasileiras, tanto urbanas quanto rurais têm acesso a energia elétrica.

Portanto, percebe-se que a energia elétrica no Brasil contemporâneo se tornou algo corriqueiro, porém, nem sempre foi assim. Um dos primeiros cientistas a observar fenômenos elétricos foi Benjamin Franklin (1706-1790) ao observar em dias de tempestade que os raios eram correntes elétricas. Porém, acredita-se que antes dele, o físico e filósofo grego Tales de Mileto já analisava a eletricidade.

A história da eletricidade no Brasil inicia-se no período imperial de Dom Pedro II, especificamente no ano de 1879 quando foi inaugurada a primeira instalação de iluminação elétrica permanente, na estação central da estrada de ferro Dom Pedro II, atual Central do Brasil. O imperador

concedeu a Thomaz Edison o privilégio de introduzir no país aparelhos e processos de sua invenção, destinados à utilização da eletricidade na iluminação pública<sup>30</sup>.

Na Paraíba, a chegada da energia elétrica ocorreu em meados do século XIX na capital. Em Campina Grande, especificamente no ano de 1912, é inaugurada a iluminação elétrica da Rua Maciel Pinheiro, sinônimo de progresso e desenvolvimento, porém, além de ser ineficiente, nem todos tinham acesso a ela<sup>31</sup>.

Em Gado Bravo, os primeiros contatos dos moradores com a eletricidade ocorreram em meados da década de 1950, onde o senhor José Mariano Barbosa foi o primeiro morador a possuir em sua residência um aparelho de rádio e iluminação com “bico de luz”, como eram chamadas as lâmpadas. Isso porque ele possuía um cata-vento que carregava uma bateria gerando eletricidade<sup>32</sup>.

Antes da chegada da luz elétrica em Gado Bravo, as residências eram iluminadas com lampiões e candeeiros. A chegada da iluminação pública em Gado Bravo dar-se em

---

<sup>30</sup> Informações extraídas do site [WWW.cemig.com.br](http://WWW.cemig.com.br) Acesso em 29 de Dez. de 2016.

<sup>31</sup> Informações extraídas de [Karinamariahistoria.blogspot.com.br](http://Karinamariahistoria.blogspot.com.br) Acesso em 29 de Dez. de 2016.

<sup>32</sup> Informações extraídas do Trabalho de Conclusão de Curso “Reformas e transformações entre o urbano e o rural em Gado Bravo-PB (1950-1970)” de Antônio Nilson Luciano Camelo.

1960, nesse mesmo ano, foi aprovado pela Câmara Municipal de Vereadores do Município de Aroeiras, um projeto de lei de nº 8/60, em que criava uma empresa de luz e força na então vila de Gado Bravo, gerando para isto, um crédito especial no valor de 300.000,00 CR\$.

No ano posterior, especificamente em 1961, foi aprovado outro projeto de lei complementar de nº14/61, autorizando a abertura de crédito no valor de CR\$ 420.000,00, destinados a construção de um prédio para o funcionamento do gerador e despesas com manutenção. Esse gerador pertencia ao senhor Orlando Gonçalves Guerra, o senhor Horácio Ferreira Barbosa, conhecido por Horácio Barros era o eletricitista responsável para fazer os reparos, e ligar a máquina movida a óleo diesel, a partir das 17:00 horas, e desligá-la na manhã seguinte por volta das 05:00 horas diariamente<sup>33</sup>.

Mesmo de forma precária e ineficiente, a chegada da luz elétrica em Gado Bravo gerou uma atmosfera de conforto e desenvolvimento para o distrito, pois começou a surgir uma vida noturna e a população pôde ter acesso a aparelhos movidos a eletricidade, como rádio e televisão.

---

<sup>33</sup> Informações extraídas do Trabalho de Conclusão de Curso “Reformas e transformações entre o urbano e o rural em Gado Bravo-PB (1950-1970)” de Antônio Nilson Luciano Camelo.

Em 1963, foi aprovado outro projeto de lei de nº 01/63 pela Câmara Municipal de Aroeiras, que autorizava a compra de dois aparelhos de televisão, um para a vila de Gado Bravo e outro para a vila de Pedro Velho. Com isso, pode-se afirmar que foi a primeira televisão de Gado Bravo.

#### **6.4 A construção do calçamento da rua principal...**

Outra grande obra estruturante realizada no Distrito de Gado Bravo, foi a construção do calçamento da estrada principal ou rua do comércio, durante o primeiro mandato do prefeito João de Brito Lira em meados da década de 1960. Foi construído um calçamento amplo em paralelepípedos, com extensão de avenida, que se iniciava a partir da antiga residência do Sr. Orlando Gonçalves Guerra, contemplando toda rua central, inclusive ao redor do recém construído Mercado Público Municipal, se estendendo até onde funcionava o antigo prédio da Prefeitura Municipal de Gado Bravo.

Antes da construção do calçamento a população do distrito sofria com o lamaçal nas épocas chuvosas, e com a poeira em épocas de seca. Após a construção da mencionada obra, foram realizados sobre ela vários eventos, como; desfiles cívicos nos meses de setembro, comícios, feiras livres, festas de padroeiro, entre outros.

Aos poucos, a paisagem majoritariamente rural foi mudando, com a implementação de elementos urbanos, que traziam conforto e embelezamento paisagístico no espaço geográfico gadobravense.

Recapitulando o que já foi exposto anteriormente, o desenvolvimento de Gado Bravo iniciou-se a partir do momento em que Aroeiras foi elevada a categoria de município, e posteriormente, Gado Bravo foi elevado a categoria de Distrito. Os prefeitos de Aroeiras construíram obras estruturantes no distrito de Gado Bravo, além das aludidas, podemos destacar a construção do Grupo Escolar Municipal São José em 1972, pelo prefeito Joaquim Antônio de Andrade, esse mesmo gestor também construiu a cadeia pública, prédio onde atualmente funciona a delegacia de polícia civil. Em 1980 o prefeito José Fernandes de Melo inaugura a expansão do Grupo Escolar Municipal São José, que passou a se chamar de Escola Municipal de 1º Grau Padre Godofredo Joosten, uma homenagem ao pároco *Godofridus Hubertus Joosten CSSR*, nascido em 30 de Abril de 1905 em Grathem na Holanda e falecido em 25 de Janeiro de 1977 em Campina Grande. Este atuou na paróquia de Aroeiras, cidade onde foi sepultado.

No dia vinte e três de janeiro de mil novecentos e oitenta e dois houve a primeira festa de formatura da Escola

Municipal de 1º Grau Padre Godofredo Joostem, momento em que se formaram seis concluintes.

**Prefeito: José Fernandes de Melo**

**Diretor Escolar: José Gonçalves de Lima**

**Concluintes:**

**José Geraldo Barbosa**

**Josefa de Fátima Marinho**

**Maria da Paz Luciano Marinho**

**Maria do Socorro Pereira Barbosa**

**Maria Feliciano de Queiroz**

**Terezinha Barbosa Camelo**

O prefeito José Fernandes de Melo também construiu um posto de saúde, um hospital-maternidade, calçamento da atual Rua José Pereira de Aguiar, de parte da atual Rua José Mariano Barbosa e em Boa Vista.

Gilberto Bezerra de Sousa em seu mandato nos idos de 1980, construiu o prédio da TELPA (Telecomunicações da Paraíba) que era uma prestadora estatal de serviço telefônico controlada pela antiga Telebrás. Também em sua gestão foi perfurado o poço, que ainda hoje abastece a população da zona urbana de Gado Bravo.



## 7. A relação com Aroeiras<sup>34</sup>

As relações da cidade de Aroeiras com Gado Bravo remontam à década de 1950, mais precisamente, a partir de 1953, com a emancipação política de Aroeiras, que se tornou independente politicamente de Umbuzeiro. Antes, contudo, pode-se afirmar que ambas as cidades, a saber, Aroeiras e Gado Bravo, pertenciam a Umbuzeiro. No caso de Aroeiras, Gomes (2012, p.56), destaca que “desde o final do século XIX Umbuzeiro vinha passando por transferências de categorias administrativas, primeiramente desmembrada de Ingá em 1890, e pertencendo por último a Barra de Natuba”. Diante da leitura de suas fontes, “apenas em 1904, após desastrosa enchente no Rio Paraíba que desestrutura a então cidade de Barra de Natuba, Umbuzeiro é elevado à categoria de sede do município pela Lei Estadual nº 225 de 1904 incorporando o povoado de Aroeiras em seu território”.

Aroeiras permaneceu como povoado até meados da década de 1930, quando é elevada a categoria de vila, mais precisamente em 1938. Nesse período, Aroeiras era tida como o mais próspero povoado de Umbuzeiro, conforme destacou Gomes (2012), essa imagem, certamente derivava

---

<sup>34</sup> Este artigo foi escrito pelo historiador Antônio Nilson Luciano Camelo, graduado em História pela Universidade Vale do Acaraú – UVA.

do cultivo do algodão produzido em larga escala nessa região do município. Nesse contexto, provavelmente, Gado Bravo exercia um papel fundamental na economia do município, com o plantio e comercialização da “poderosa malvacea” na região por meio das usinas de beneficiamento do produto.

Por outro lado, para Gomes (2012, p.42) na década de 1930 além da transformação de ordem administrativa, com a elevação da Vila de Aroeiras “é possível detectar certas melhorias materiais que foram feitas em algumas de suas ruas centrais nessa época”. Para este autor, “trata-se de algumas conquistas materiais traduzidas na forma de melhorias urbanas desejadas e esperadas por muitos de seus antigos moradores”. Ou seja, neste contexto, é possível afirmar que Aroeiras entrou em contato com alguns dos chamados símbolos modernos, do conforto de uso coletivo e/ou privado tidos como novidades que iam ganhando espaço pelas ruas do lugarejo. Eram eles, o telégrafo (1920), a luz elétrica gerada a motor de combustão (1936) e os primeiros aparelhos de rádio (1937), dentre outras melhorias instaladas e/ou construídas em seu perímetro urbano.

No tocante a análise das transformações urbanas pelas quais passou a cidade de Aroeiras a partir das décadas de 1920/30, cabe destacar que o autor segue as orientações teóricas/metodológicas de Aranha (2003) para se pensar o

contato das pequenas e médias cidades do norte brasileiro com os chamados símbolos modernos de valor universal.

No caso de Aroeiras, Gomes (2012) afirma que, embora certas memórias possam apontar para a imagem de uma Aroeiras “próspera”, que seguia a “evolução dos tempos”, tal como destacou Andrade (1984), nesse tempo Aroeiras era uma pequena vila, em que os laços de reconhecimento e pertencimento coletivo, marcados por traços diretos de solidariedade, estavam presentes. Local em que a vida cotidiana era processada em um ritmo lento, mais rotineiro e habitual. Um acerto metodológico pertinente aos propósitos do autor.

E, com tais características, Aroeiras chega ao contexto da década de 1950 desejosa por melhorias mais concretas. Para fins de informação, é preciso dizer que o contexto da década de 1950 é o ponto de partida de nossa análise, sobre as transformações urbanas pelas quais passou o então povoado de Gado Bravo. Segundo o IBGE, Gado Bravo passou a ser distrito de Aroeiras em 1965, por meio da Lei Estadual nº 3261 de 01 de fevereiro. Aqui, seguimos a hipótese teórico/metodológica apresentada por Gomes (2012), quando de sua análise da cidade de Aroeiras e de suas transformações urbanas no contexto em apreço.

Pois, sobre a Aroeiras da época, o autor supõe que entre 1950 e 1980, a então cidade irá comportar muitos sonhos, em torno da possibilidade de entrar em sintonia com o mundo civilizado. Ou seja, pode-se dizer que esses sonhos reivindicavam a substituição de suas marcas rurais por uma estética cidadina. Nessa investida, o recém poder público municipal, formado pelo executivo e legislativo local, apoiou suas convicções em certo trabalho de embelezamento do centro da cidade.

Em sua análise, nesse período os desejos de construir a cidade acabaram por trazer melhorias materiais concretas, traduzidas na construção de calçamentos, nas reformas dos edifícios públicos, nomeação de ruas e avenidas, construção de cisternas públicas (em especial as do mercado público), construção de açudes, reforma e construção de grupos escolares na zona urbana e rural, além da introdução da “luz elétrica de Paulo Afonso” como ficou conhecida em substituição ao antigo motor de energia, são algumas das obras feitas entre 1950/80<sup>35</sup>.

Em Aroeiras, muitas dessas obras e melhorias eram resultados das reivindicações de membros de sua elite e de políticos da região. E, no caso de Aroeiras, muitas dessas

---

<sup>35</sup> Ver Gomes (2012, p.45/6).

melhorias receberam a forma de projetos de lei do executivo e do legislativo municipal. Para muitos moradores de Gado Bravo, o momento da emancipação política de Aroeiras pode ter representado a possibilidade, de um novo momento, em que poderia igualmente receber muitas das melhorias urbanas que eram instaladas e/ou construídas em Aroeiras.

Neste particular, a composição dos poderes legislativo e executivo de Aroeiras emancipada, pode nos trazer indícios das expectativas, em torno das melhorias urbanas a serem implementadas no então povoado de Gado Bravo. Ocorre que em 1953, com a emancipação política de Aroeiras sob a lei 980/53, foi formado um governo de transição com a indicação de Trajano Martins ao cargo de prefeito, pelo então governador João Fernandes de Lima, até que ocorresse novas eleições em 1955.

Em 1955, registra Andrade (1984, p.61) que “os aroeirenses elegem Sebastião Souto Maior como primeiro prefeito do município, por voto popular, já o poder legislativo foi formado pelos senhores Antônio Pedro da Silva, Pedro Paulo de Andrade, Silvino Fernandes de Moura e João de Brito Lira, eleitos pela União Democrática Nacional – UDN, compondo a bancada de situação apoiada pelo prefeito de Umbuzeiro Carlos Pessoa Filho. A oposição

era composta pelos senhores Manoel Siqueira Luna, Antônio Tavares de Lira e Olegário Herculano do Nascimento eleitos pelo Partido Social Democrático – PSD.

Formado o novo governo, com a presença de João de Brito Lira e Olegário Herculano do Nascimento, ambos gadobravenses, é provável que certas reivindicações em torno das reformas e melhorias a serem instalados/construídos em Gado Bravo, tenham ganhado forma legal, através dos vários projetos de lei.

## **8. Gadobravenses que atuaram na política de Aroeiras**



**1955**

Nesse ano ocorreu o primeiro pleito eleitoral para prefeito do município de Aroeiras, onde foi eleito prefeito Sebastião Souto Maior, seu vice foi o gadobravense José Jovino de Farias. Dois gadobravenses foram eleitos vereador: João de Brito Lira da UDN e Olegário Herculano do Nascimento do PSD. Nesse mesmo pleito também foram candidatos José Jovino de Farias Filho da UDN, José Pereira de Aguiar do PSD e José Mariano Barbosa do PSD.



**1959**

Nesse pleito foi eleito o prefeito Joaquim Antônio de Andrade, seu vice foi o gadobravense Severino Tantão do

Rêgo. Três gadobravenses foram eleitos vereador: José Jovino de Farias Filho da UDN; José Lucena do PSD e José Pereira de Aguiar do PSD. João de Brito Lira da UDN e Olegário Herculano do Nascimento do PSD ficaram como suplentes.



1963

Nesse pleito foi eleito prefeito o gadobravense João de Brito Lira, seu vice foi Antônio Pedro dos Santos. Dois gadobravenses foram eleitos vereador: José Jovino de Farias Filho da UDN e José Pereira de Aguiar do PSD.



1968

Nesse pleito foi eleito prefeito pela segunda vez Joaquim Antônio de Andrade, seu vice foi o gadobravense José Jovino de Farias Filho. Apenas um gadobravense foi eleito vereador: José Lucena da ARENA.



1972

Nesse pleito foi eleito prefeito pela segunda vez o gadobravense João de Brito Lira, seu vice foi José Fernandes de Melo. Dois gadobravenses foram eleitos vereador: José Pereira de Aguiar da ARENA e Antônio de Pádua Barbosa

Neri da ARENA. Ivo Barbosa Camelo da ARENA ficou como suplente.



1976

Nesse pleito foi eleito prefeito José Fernandes de Melo, seu vice foi o gadobravense Francisco Sérgio de Aguiar. Quatro gadobravenses foram eleitos vereador: Antônio de Pádua Barbosa Neri da ARENA; Abdias de Albuquerque Farias da ARENA; José Francisco de Aguiar da ARENA e João Farias da ARENA. José Pereira de Aguiar da ARENA ficou como suplente. O gadobravense José Gonçalves da Rocha se candidatou a prefeito nesse pleito.



1982

Nesse pleito foi eleito prefeito Gilberto Bezerra de Sousa, seu vice foi o gadobravense Severino José Lucena de Farias. Quatro gadobravenses foram eleitos vereador: Antônio Barbosa Lucena do PDS; Severino Ferreira de Lima do PDS; Antônio de Pádua Barbosa Neri do PDS e Lucinês Pereira Barbosa do PDS.

João de Brito Lira foi candidato a prefeito nesse pleito, porém, ficou em segundo lugar.



1988

Nesse pleito foi eleito prefeito Carlos Pessoa Filho, seu vice foi o gadobravense Salomão Lucena de Farias. Dois gadobravenses foram eleitos vereador: Gilvan Lucena do PL e José Ednaldo Araújo do PMDB. Nesse pleito houve o registro da candidatura a prefeito do Dr. Paulo Alves Monteiro pelo PSB, ficou em 3º lugar com 530 votos, seu candidato a vice era Reginaldo Gomes de Araújo.

1992

Nesse ano houve o último pleito eleitoral no qual Gado Bravo ainda era distrito de Aroeiras, foi eleito prefeito pela segunda vez José Fernandes de Melo. Seis gadobravenses foram eleitos vereador: Lourival Barbosa Cabral do PMDB; Fernando Barbosa de Moraes do PMDB; Austerliano Evaldo Araújo do PMDB; Gilvan Lucena do PST; Severino Alexandre da Silva do PMDB e Valdenez Pereira da Silva do PL. Nesse pleito houve o registro da candidatura a prefeito de Salomão Lucena de Farias pelo PST, ficou em 3º lugar com 2.802 votos<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Todos os dados relativos às eleições municipais em Aroeiras foram extraídos do site [tre-pb.jus.br](http://tre-pb.jus.br) Acesso em 15 de mar. de 2017.

Através dos registros eleitorais do município de Aroeiras, percebe-se a influência política que o Distrito de Gado Bravo tinha sobre a mesma. Como exposto acima, nos pleitos de 1955, 1959, 1968, 1976, 1982 e 1988, todos os vice-prefeitos eram de Gado Bravo. Por duas vezes o gadobravense João de Brito Lira foi eleito prefeito de Aroeiras, em 1963 e 1972. Em todos os pleitos acima foram eleitos vereadores gadobravenses.

O prefeito de Aroeiras na época José Fernandes de Melo, era contrário ao processo de emancipação política de Gado Bravo, pois temia perder seu maior reduto eleitoral que era o então distrito, porém, em 1992 foram eleitos seis vereadores de Gado Bravo, além disso, Salomão Lucena de Farias obteve uma expressiva votação, tudo isso contribuiu para o movimento de emancipação política, que culminou com a realização do plebiscito em 1993 e a independência em 29 de abril de 1994.

Gado Bravo e Pedro Velho eram os dois principais povoados de Aroeiras, porém, este último só conseguiu alcançar a categoria de vila que prevalece até os dias atuais, pois lá não existia uma elite política organizada que lutasse por sua emancipação. Gado Bravo, por sua vez, além de ter uma forte e influente elite política, tinha uma grande influência econômica, já que era a maior bacia leiteira da

região, também existiam duas importantes usinas de beneficiamento, uma de algodão e outra de sisal, possuía uma feira livre renomada, além de tudo isso aqui residiam ricos comerciantes e latifundiários empreendedores, possuidores de capital, terras e gado.

## **III Parte**

# **A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE GADO BRAVO**

## 1. O processo de emancipação política de Gado Bravo

Gado Bravo pertencia ao município de Umbuzeiro e permaneceu durante muitos anos, até que em 1953 Aroeiras é desmembrada de Umbuzeiro, que na época era administrada pelo prefeito Carlos Pessoa Filho, tornando-se município emancipado. Desde então, Gado Bravo passa a pertencer a Aroeiras, e após alguns anos, é elevado a categoria de distrito de Aroeiras, que teve como primeiro prefeito Sebastião Souto Maior. Como já explicitado anteriormente, os prefeitos de Aroeiras fizeram muitas obras no distrito de Gado Bravo, construíram calçamentos, mercado público, escolas, posto de saúde, entre outras.

A partir da década de 1990, a elite política local iniciou uma luta para conseguir a emancipação política de Gado Bravo, mesmo com a antipatia do então prefeito de Aroeiras José Fernandes de Melo, que era contrário ao processo de emancipação, a população se conscientizou e aprovou a emancipação através de um plebiscito, realizado em 15 de novembro de 1993, conforme reza a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 18, inciso 4º:

*A criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de municípios, far-se-ão por lei estadual, dentro do período determinado por lei complementar federal, e dependerão de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações dos municípios envolvidos, após divulgação dos estudos de*

*viabilidade municipal, apresentados e publicados na forma da lei.*

O município de Gado Bravo é criado através da Lei Estadual de nº 5.924 de 29 de abril de 1994, lei esta sancionada pelo então governador da Paraíba Cícero de Lucena Filho.

De acordo com esta lei, o recém-criado município de Gado Bravo tem os seguintes limites territoriais:

I – **Ao Norte:** com o município de Queimadas; começando no cruzamento do riacho Pereiro ou Caracolzinho com a rodovia PB-408;

II – **Ao Leste:** com o município de Aroeiras; começando no cruzamento do riacho Pereiro ou Caracolzinho com a rodovia PB-408, segue por esta rodovia até seu cruzamento com o Rio Paraíba;

III – **Ao Sul:** com o município de Umbuzeiro; começando no cruzamento da rodovia PB-408 com o Rio Paraíba, segue por este rio a montante até a foz do Riacho da Salinas;

IV – **A Oeste:** com o Distrito de Barra de Santana; começando na foz do Riacho da Salinas no Rio Paraíba, segue por este riacho a montante até sua nascente, daí por linha reta até a nascente do Riacho das Guaribas, daí segue por este a jusante até sua foz no Riacho Pereiro ou Caracolzinho. Ainda a oeste com o município de

Queimadas; começando na foz do Riacho das Guaribas no Riacho Pereiro ou Caracolzinho, segue por este a jusante até seu cruzamento com a PB-408.

No artigo 3º da mencionada lei, diz que a emancipação se concretizará de fato em 1º de Janeiro de 1997, com a posse do prefeito, vice-prefeito e vereadores, eleitos em pleito direto e simultâneo com os demais municípios do país. E no artigo 2º diz que o município de Gado Bravo fica integrado à comarca de Aroeiras.

## **2. As eleições municipais**

Em 3 de Outubro de 1996 foi realizada a primeira eleição municipal em Gado Bravo, onde foram registrados um eleitorado de 4.569 eleitores aptos a votar. Dois candidatos disputaram esta eleição; Salomão Lucena de Farias do PFL saiu vitorioso como primeiro prefeito eleito de Gado Bravo, com uma votação de 1.744, 53.12% dos votos válidos, seu vice era Fernando Barbosa de Moraes. O segundo colocado foi Paulo Alves Monteiro do PSDB, que obteve uma votação de 1.539, 46.88% dos votos válidos, seu vice era José Ulisses de Brito Lira. Neste pleito foram

registrados 72 votos brancos, 71 votos nulos e 1.143 abstenções<sup>37</sup>.

**Os nove vereadores eleitos neste pleito foram**

**1º Austerliano Evaldo Araújo (PMDB) 312 votos;**

**2º Lourival Barbosa Cabral (PMDB) 294 votos;**

**3º Carlos Roberto Barbosa da Silva (PMDB) 246 votos;**

**4º Gilvan Lucena (PFL) 214 votos;**

**5º Severino Alexandre da Silva (PMDB) 214 votos;**

**6º João Farias dos Santos (PFL) 200 votos;**

**7º Julião de Souza Leal Neto (PFL) 196 votos;**

**8º Severino José Francisco da Silva (PFL) 161 votos;**

**9º Otávio Júlio Brito (PSDB) 130 votos**

Em 1º de Janeiro de 1997, o engenheiro químico Salomão Lucena de Farias e o pecuarista Fernando Barbosa de Moraes tomaram posse, como prefeito e vice, além dos nove vereadores eleitos. Salomão Lucena de Farias era um homem culto e um político hábil, iniciou uma gestão desenvolvimentista, montou um eficiente sistema de educação com oferta do ensino médio pela rede municipal, e convidou o professor universitário Samuel Carvalho Duarte, para ser o primeiro secretário de educação. Salomão, porém, não concluiu seu mandato, pois em 23 de Julho de

---

<sup>37</sup> Informações extraídas do site: [www.ter-pb.jus.br](http://www.ter-pb.jus.br) Acesso em 29 de dezembro de 2016.



1999 veio a falecer, devido a uma grave enfermidade. Seu vice Fernando Moraes assume o governo municipal, e na eleição seguinte é reeleito com uma expressiva votação, tendo como vice a senhora Maria do Carmo Lima Lucena, esposa de Salomão.

No terceiro pleito eleitoral municipal, saiu vencedor o médico ginecologista-obstetra Paulo Alves Monteiro, que tinha como vice o ex-vereador Severino Alexandre da Silva (Biu de Esta). O pecuarista e ex-vereador Austerliano Evaldo Araújo venceu consecutivamente, o quarto e o quinto pleito, tendo como vice José Lucena de Moraes Neto. Nas eleições municipais de 2016, Paulo Alves Monteiro foi eleito mais uma vez, agora tendo como vice o ex-vereador e ex-presidente da Câmara Municipal Carlos Roberto Barbosa da Silva (Carlos Malombado).

### **Eleições 2000**

No ano de 2000 foi realizado o segundo pleito eleitoral municipal em Gado Bravo, onde foi eleito Fernando Barbosa de Moraes do PFL, com uma expressiva votação de 2.634 votos, sua vice era a ex-primeira dama Maria do Carmo Lima Lucena. Nesse pleito também foram candidatos a prefeito:

1º Paulo Alves Monteiro do PSDB= 900 votos

2º José Fernandes de Melo do PTB= 882 votos

3º José Lucena do PSC= 30 votos

Foram eleitos vereadores:

1º Austerliano Evaldo Araújo (PMDB)= 359 votos

2º Francisco de Assis Barbosa (PFL)= 237 votos

3º Valdenez Pereira da Silva (PPB)= 234 votos

4º Otávio Júlio Brito (PMDB)= 221 votos

5º Severino Alexandre da Silva (PTB)= 218 votos

6º Julião de Souza Leal Neto (PFL)= 209 votos

7º João Farias dos Santos (PTB)= 186 votos

8º Severino José Francisco da Silva (PFL)= 170 votos

9º José de Brito Leal (PSDB)= 90 votos

### **Eleições 2004**

No ano de 2004 foi realizada a terceira eleição municipal em Gado Bravo, onde foi eleito prefeito Paulo Alves Monteiro do PSDB, com uma votação de 2.454 votos, seu vice era Severino Alexandre da Silva. Nesse pleito também foram candidatos a prefeito:

1º Austerliano Evaldo Araújo do PTB= 2.140 votos

2º Maria do Carmo Lima Lucena do PFL= 352 votos

Foram eleitos vereadores:

- 1º José Olegário do Nascimento (PSDB)= 321 votos
- 2º José de Brito Leal (PSDB)= 314 votos
- 3º Nerinaldo Alexandre da Silva (PSDB)= 282 votos
- 4º Francisco de Farias Leal (PTB)= 262 votos
- 5º Almey Alves de Farias (PMDB)= 244 votos
- 6º Antônio de Pádua Barbosa Neri (PMDB)= 243 votos
- 7º Edivaldo Barbosa Lins (PSDB)= 236 votos
- 8º Otávio Júlio Brito (PMDB)= 207 votos
- 9º Leônidas de Luna Marinho (PPS)= 163 votos

### **Eleições 2008**

No ano de 2008 foi realizada a quarta eleição municipal em Gado Bravo, onde foi eleito prefeito Austerliano Evaldo Araújo do PMDB, com uma votação de 2.459 votos, seu vice era José Lucena de Moraes Neto. Nesse pleito também foi candidato a prefeito:

- 1º Paulo Alves Monteiro do PSDB= 2.311 votos

Foram eleitos vereador:es

- 1º Almey Alves de Farias (PP)= 359 votos
- 2º José Gezildo Barbosa Camelo (PSDB)= 279 votos
- 3º Leônidas de Luna Marinho (PP)= 276 votos
- 4º José Olegário do Nascimento (PSDB)= 263 votos

5º Carlos Roberto Barbosa da Silva (PMDB)= 235 votos

6º Nerinaldo Alexandre da Silva (PSDB)= 223 votos

7º Antônio Carlos da Silva (PMDB)= 216 votos

8º José Erivaldo Almeida da Rocha (PSB)= 209 votos

9º Valdenez Pereira da Silva (DEM)= 176 votos

### **Eleições 2012**

No ano de 2012 foi realizada a quinta eleição municipal em Gado Bravo, onde foi reeleito Austerliano Evaldo Araújo do PMDB, com uma votação de 3.072 votos, seu vice era José Lucena de Moraes Neto. Nesse pleito também foi candidato a prefeito:

1º Paulo Alves Monteiro do PSD= 2.516 votos

Foram eleitos vereador:

1º Ângela Maricea da Silva (PMN)= 373 votos

2º José Erivaldo Almeida da Rocha (PRB)= 361 votos

3º Carlos Roberto Barbosa da Silva (PMDB)= 301 votos

4º Leônidas de Luna Marinho (PSD)= 292 votos

5º Valdenez Pereira da Silva (DEM)= 276 votos

6º Julião de Souza Leal Neto (PMN)= 234 votos

7º Raimundo Barbosa de Moraes (PP)= 209 votos

8º Roberto Barreto de Fontes (PT do B)= 183 votos

9º Nerinaldo Alexandre da Silva (PSDB)= 181 votos

## Eleições 2016

No ano de 2016 foi realizada a sexta eleição municipal em Gado Bravo, onde foi eleito prefeito pela segunda vez Paulo Alves Monteiro do PSDB, com uma votação de 3.108 votos, seu vice era Carlos Roberto Barbosa da Silva. Nesse pleito também foi candidato a prefeito:

1º José Lucena de Moraes Neto do PSDC= 2.541 votos

Foram eleitos vereadores:

1º Luan Ytalo Barbosa Araújo (PTB)= 406 votos

2º Almery Alves de Farias (PP)= 371 votos

3º Eder Carlos do Nascimento Barbosa (PSDB)= 362 votos

4º José Erivaldo Almeida da Rocha (PRB)= 335 votos

5º Ângela Maricea da Silva (PMN)= 277 votos

6º Luiz Gonzaga de Souza (PR)= 253 votos

7º Edilma Maria da Silva (PSB)= 231 votos

8º Nerinaldo Alexandre da Silva (PSD)= 229 votos

9º José Ednaldo Barbosa (PR)= 207 votos<sup>38</sup>

A primeira mulher eleita vice-prefeita de Gado Bravo foi Maria do Carmo Lima Lucena, que compôs a chapa com

---

<sup>38</sup> Todos os números relativos as eleições municipais em Gado Bravo foram extraídos do site [www.tre-pb.jus.br](http://www.tre-pb.jus.br). Acesso em: 02 de Abr. de 2017.

Fernando Barbosa de Moraes nas eleições municipais de 2000. Já a primeira mulher eleita vereadora de Gado Bravo, foi Almerly Alves de Farias do PMDB, que obteve 244 votos nas eleições municipais de 2004. Nas eleições municipais de 2016, foi eleito o vereador mais jovem de Gado Bravo, Luan Ytalo Barbosa Araújo aos 19 anos de idade, e foi o mais votado do pleito com 406 votos. Paulo Alves Monteiro foi o único candidato a participar de todos os pleitos eleitorais municipais de Gado Bravo até o presente momento, disputou a prefeitura seis vezes, perdeu quatro (1996, 2000, 2008 e 2012) e venceu duas (2004 e 2016).

Prefeitos que Gado Bravo teve 1996-2016:

- 1-SALOMÃO LUCENA DE FARIAS (1996);
- 2-FERNANDO BARBOSA DE MORAES (2000);
- 3-PAULO ALVES MONTEIRO (2004);
- 4-AUSTERLIANO EVALDO ARAÚJO (2008);
- 5-AUSTERLIANO EVALDO ARAÚJO (2012);
- 6-PAULO ALVES MONTEIRO (2016).

Vice-prefeitos que Gado Bravo teve 1996-2016:

- 1-FERNANDO BARBOSA DE MORAES (1996);
- 2-MARIA DO CARMO LIMA LUCENA (2000);
- 3-SEVERINO ALEXANDRE DA SILVA (2004);

- 4-JOSÉ LUCENA DE MORAIS NETO (2008);
- 5-JOSÉ LUCENA DE MORAIS NETO (2012);
- 6-CARLOS ROBERTO BARBOSA DA SILVA (2016).

Vereadores que Gado Bravo teve 1996-2016:

- 1-ALMERY ALVES DE FARIAS (2004;2008;2016);
- 2-ÂNGELA MARICÉA DA SILVA (2012;2016);
- 3-ANTÔNIO CARLOS DA SILVA (2008);
- 4-ANTÔNIO DE PÁDUA BARBOSA NERI (2004);
- 5-AUSTERLIANO EVALDO ARAÚJO (1996;2000);
- 6-CARLOS ROBERTO BARBOSA DA SILVA (1996;2008;2012);
- 7-EDER CARLOS DO NASCIMENTO BARBOSA (2016);
- 8-EDILMA MARIA DA SILVA (2016);
- 9-EDIVALDO BARBOSA LINS (2004);
- 10-FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA (2000);
- 11-FRANCISCO DE FARIAS LEAL (2004);
- 12-GILVAN LUCENA (1996);
- 13-JOÃO FARIAS DOS SANTOS (1996;2000);
- 14-JOSÉ DE BRÍTO LEAL (2000;2004);
- 15-JOSÉ EDNALDO BARBOSA (2016);
- 16-JOSÉ ERIVALDO ALMEIDA DA ROCHA (2008;2012;2016);

- 17-JOSÉ GEZILDO BARBOSA CAMELO (2008);  
18-JOSÉ OLEGÁRIO DO NASCIMENTO (2004;2008);  
19-JULIÃO DE SOUZA LEAL NETO (1996;2000;2012);  
20-LEÔNIDAS DE LUNA MARINHO (2004;2008;2012);  
21-LOURIVAL BARBOSA CABRAL (1996);  
22-LUAN YTALO BARBOSA ARAÚJO (2016);  
23-NERINALDO ALEXANDRE DA SILVA  
(2004;2008;2012;2016).  
24-OTÁVIO JÚLIO BRITO (1996;2000;2004).  
25-RAIMUNDO BARBOSA DE MORAES (2012).  
26-ROBERTO BARRETO DE FONTES (2012).  
27-SEVERINO ALEXANDRE DA SILVA (1996;2000).  
28-SEVERINO JOSÉ FRANCISCO DA SILVA  
(1996;2000).  
29-VALDENEZ PEREIRA DA SILVA (2000;2008;2012).

### **3. Brasão, Bandeira e Hino Oficial de Gado Bravo**

O brasão e a bandeira oficial do município de Gado Bravo, foram elaborados pela equipe da primeira administração municipal, e sancionado pelo então prefeito Salomão Lucena de Farias, aprovados pela 1ª legislatura da Câmara Municipal. Entre os símbolos presentes no brasão percebe-se a presença de uma engrenagem, provavelmente uma marca subliminar imprimida. Já o hino oficial foi criado



pelo cidadão gadobravense Manoel Vitorino Barreto, conhecido por Manoel Vitório, sancionado pelo prefeito Paulo Alves Monteiro no seu primeiro mandato, e aprovado pela Câmara Municipal em sua 3ª legislatura.

**Foto 2:** Brasão e bandeira oficial do município de Gado Bravo





**Fonte:** Googleimagens.com Acesso em 05 de Mar. 2017.

## HINO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE GADO BRAVO

Letra: Manoel Vitorino Barreto

Salve, salve, salve  
A esperança e o amor  
Gado Bravo tornou-se independente  
A nossa esperança se concretizou

Te acorda Gado Bravo  
O padroeiro São José está chamando  
Pra ver as cores da bandeira  
Com o brasão simbolizando

O azul representa o céu  
O branco é a paz e o amor (Bis)

O brasão representa as matas  
Esperança para os filhos da terra  
Com a força de Jesus  
Gado Bravo vai crescer  
Sem violência e sem guerra

Óh meu querido Gado Bravo  
Vamos cantar e sorrir  
Porque passaste a ser  
Mais uma cidade do nosso cariri

Salve os homens da zona rural  
As festas juninas o carnaval  
A juventude óh liberdade  
Salve a nossa bandeira  
O símbolo da nossa amizade

Agora vamos comemorar  
A vitória, com orgulho e resistência  
Saudando vinte e nove de abril  
De mil novecentos e noventa e quatro  
que marcou  
A data da nossa independência.

#### **4. Localidades do município**

O município de Gado Bravo é composto por uma população majoritariamente rural, ou seja, a maior parte dos seus habitantes residem na zona rural do município. O território municipal é composto pela sede e pelas localidades, a sede equivale à cidade, e tem o mesmo nome do município, nela é onde se localizam as principais instituições políticas,

econômicas, civis e religiosas municipais. As localidades que compõem o município de Gado Bravo são:

1º Alto Grande	21º Macacos
2º Anjicos	22º Manoel Antônio
3º Boa Vista	23º Manoel Inácio
4º Caboclos	24º Marias Pretas
5º Cacimbas	25º Pedras Altas
6º Campo Alegre	26º Pedra D'água
7º Caracolzinho	27º Pereiro
8º Caruá	28º Picadas
9º Chã de Belêu	29º Pinhões
10º Chã dos Apolônios	30º Rosilha
11º Chã dos Marinheiros	31º Salgado
12º Cunha	32º Salinas
13º Fava de Cheiro	33º Santana
14º Guaribas (de cima, de baixo e do meio)	34º São Bento
15º Juremas	35º Sítio Gado Bravo 1
16º Lagoa de Cascavel	36º Sítio Gado Bravo 2
17º Lagoa de Dentro	37º Sítio Gado Bravo 3
18º Lagoa de Umburana	38º Tanque de Salinas
19º Lagoa dos Marcos	39º Tapuia
20º Lameiro	40º Zé Velho

## 5. Principais atrativos turísticos do município

O município não tem muito destaque na questão turística, oferecendo apenas alguns eventos sócio-religiosos, como é o caso da festa realizada em homenagem ao padroeiro da cidade, São José, realizada todos os anos no dia

19 de março onde tem-se cultos religiosos, parques de diversão e shows ao vivo em praça pública com bandas de destaque regional.

Além disso, tem a “festa do tapuia” realizada todos os anos no dia 26 de julho no sítio Tapuia, localizado as margens do Rio Paraíba, um lugar muito belo, com uma paisagem natural esplêndida e cheia de riquezas históricas, é um evento de cunho religioso, pois é realizado em homenagem a Santa Ana, padroeira do lugar.

Gado Bravo oferece também várias vaquejadas ao longo do ano, espalhadas pelos quatro cantos do município. Também proporciona pequenos eventos relacionados ao futebol, além de desfiles cívicos de sete de setembro. Dentre os clubes de futebol do município se destacam:

Interbravo
Central
Cruzeiro
Brasil da Boa Vista
Vasco da Chã de Beleu

São Paulo de Pedras Altas
América do Caracolzinho
Fluminense
Criciúma da Fava de Cheiro
Palmeiras do Caracolzinho
Arco-Íris de Juremas.

## 6. Alguns dos principais eventos do município (1997-2016)

- Durante a gestão de Salomão Lucena de Farias é realizada a expansão do calçamento da Rua José Mariano Barbosa, trecho pavimentado pelo prefeito José Fernandes de Melo,

quando Gado Bravo ainda era distrito, houve a construção do matadouro público municipal e foi implantado o ensino médio na rede municipal de ensino.

- Durante a gestão de Fernando Barbosa de Moraes foi construída a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João da Silva Monteiro (Governo José Targino Maranhão); foi implantado o abastecimento d'água na zona urbana do município pela Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba CAGEPA (Governo José Targino Maranhão); foram instalados os primeiros orelhões telefônicos pela antiga TELEMAR; foi construído o calçamento do Caracolzinho e de trecho da Rua José Mariano Barbosa; foi realizada a ampliação da Escola Padre Godofredo Joostem, a conclusão da quadra poliesportiva e houve a implantação da Escola Municipal de Surdos.
- Em 2004 foram iniciadas as obras de abastecimento d'água no distrito de Boa Vista (Governo Cássio Rodrigues da Cunha Lima)
- Em 2005 houve a construção do estádio municipal, da pavimentação no entorno do estádio, do pátio do mercado, e do PSF Abdias Albuquerque de Farias, pelo prefeito Paulo Alves Monteiro.

- Em 2006 houve a inauguração da Praça São José e da pavimentação do pátio da igreja, houve também a construção do cemitério Bom Jesus e a pavimentação da Rua Olegário Herculano do Nascimento, pelo prefeito Paulo Alves Monteiro.
- Em 2007 a Prefeitura Municipal de Gado Bravo é transferida para um prédio próprio, comprado com recursos do tesouro municipal pelo prefeito Paulo Alves Monteiro.
- Durante a primeira gestão de Paulo Alves Monteiro foram construídos os calçamentos de Pedras Altas, Tapuia e Campo Alegre; foi implantada a coleta do lixo na zona urbana; foi sancionado o hino oficial do município e foi criada a Secretaria Municipal de Ação Social e houve a implantação do CRAS.
- Em 2009 é instalada uma torre de transmissão da companhia de telefonia móvel Vivo.
- ° Em 2013 é inaugurado à reforma e ampliação do mercado público municipal João Felipe da Silva, pelo prefeito Austerliano Evaldo Araújo.
- ° Em 2015 é inaugurada a pavimentação asfáltica da rodovia PB-132, ligando o distrito de Boa Vista a sede do município (Governo Ricardo Vieira Coutinho).

- ° Em 2016 é inaugurada a UBS Abdias Albuquerque de Farias e o primeiro conjunto habitacional, ambos pelo prefeito Austerliano Evaldo Araújo.
- ° Durante a gestão de Austerliano Evaldo Araújo foi construída a ESF José Edvaldo Araújo, no distrito de Boa Vista e a ESF Maria Barbosa de Moraes no sítio Rosilha; foi construída a primeira creche infantil municipal e houve a aquisição de mais de dez ônibus escolares, um caminhão caçamba, dois pipas, uma máquina de esteira, uma máquina enchedeira, uma máquina retroescavadeira, três tratores, uma ambulância e quatro automóveis Fiat modelo Uno.

No dia vinte e sete de dezembro de mil novecentos e noventa e sete, houve a colação de grau da primeira turma concluinte do 1º grau da Escola Municipal Padre Godofredo Joosten, após a emancipação política:

Prefeito: Salomão Lucena de Farias  
 Secretário de Educação: Samuel Carvalho Duarte  
 Diretora Escolar: Valquíria de Lourdes Barbosa.

Concluintes:

Elba Cássia Pereira do Nascimento  
 Márcia Albéria da Silva  
 Nélio Gabriel Francisco  
 Geiza de Souza Simão  
 Josenilda da Silva Oliveira  
 Heronaldo Helder Barbosa Neri  
 Josicley Gomes de Souza



## **7. Territorialidade Protestante na Cidade de Gado Bravo: uma análise geográfica**

O protestantismo se constitui em um sistema religioso surgido na Europa no século XVI, e que vem se expandindo de forma acelerada em todo o Brasil e em vários países do globo, principalmente no mundo ocidental. O movimento protestante é um dos fenômenos socioculturais de maior relevo neste início de século. A Geografia, como ciência social e interdisciplinar tem a necessidade de analisar esse fenômeno, que é também de caráter geográfico. Esta pesquisa teve como objeto de estudo, a análise, à luz da geografia da religião, das territorialidades efetivadas na cidade de Gado Bravo, frente à dispersão dos templos protestantes. E como objetivos, identificar os elementos geográficos imbuídos na grande dispersão do protestantismo no Brasil, especificamente, na cidade de Gado Bravo, e propalar a pertinência desta temática para os estudos geográficos. O método científico utilizado foi o fenomenológico-hermenêutico, que é um método filosófico, interpretativo e subjetivo, pois neste, é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropriar intelectualmente.

O termo territorialidade é definido como estratégias de poder exercidas em determinados micro espaços. Geralmente, a dispersão de territórios protestantes acompanha o crescimento

urbano dos lugares, por esse motivo é considerado um sistema religioso eminentemente e majoritariamente urbano.

### **7.1 Território: uma categoria geográfica**

A Geografia é uma ciência que possui um amplo campo de investigação, aptos a serem analisados numa perspectiva geográfica, no entanto, é necessário que esteja fundamentado em suas categorias. O espaço é a categoria mais abrangente, pois engloba todas as outras. Este termo possui uma multiplicidade de sentidos e significados, mas o que interessa à Geografia é o espaço como lugar praticado. É a morada do homem, o palco da sociedade em movimento, pois a sociedade produz espaço e este não é parado, é dinâmico, está em constante metamorfose. Santos (2008, p.150) enfatiza que: “O espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho”, portanto, os seres humanos através do seu trabalho, de suas técnicas, produzem espaço, transformam a natureza natural em uma natureza artificial, humanizada, ou seja, em um espaço geográfico, um espaço que foi produzido ou alterado de forma direta ou indiretamente pelos seres antrópicos, isto é o que constitui o espaço geográfico.

Já o território constitui-se em uma fração do espaço, que é o todo. O conceito de território está intimamente ligado à noção de poder, soberania. Costa e Farias (2009, p.5) conceituam o

território da seguinte forma, “é um espaço delimitado por um grupo social que exerce sobre este espaço uma relação de poder”. Já Sposito (2004, p.112), discorre a respeito do território na concepção de Estado-Nação da seguinte maneira:

Juridicamente, podemos dizer que o território se refere à base geográfica de um Estado, sobre o qual ele exerce a sua soberania e que abrange o conjunto dos fenômenos físicos (rios, mares, solos) e dos fenômenos decorrentes das ações da sociedade (cidade, portos, estradas...).

Portanto, o território de um Estado-Nação constitui-se em um espaço delimitado por um determinado povo, que exerce sobre ele uma relação de poder, que abrange tanto elementos físicos, quanto também humanos, conforme Santos (2008, p.232): “Um Estado-Nação é essencialmente formado de três elementos: 1. o território; 2. um povo; 3. a soberania”. É pertinente salientar que, assim como o espaço, o território é um produto histórico, conforme enfatiza Sposito (2004, p.113) “[...] é preciso dizer que o território também tem história”.

Afirmar que o território tem história, significa dizer que seus contornos não são parados, prontos e acabados, eles exercem metamorfoses, ao longo do tempo histórico suas fronteiras podem ser expandidas ou retraídas, como acontecia com os grandes impérios do pretérito, que através de batalhas sangrentas conquistavam e anexavam novos territórios, com isto, conseqüentemente, expandiam as fronteiras do seu território,

como aconteceu com o Império Romano que através de suas conquistas bélicas, possuía um imenso território sobre seu poder. Os contornos atuais do território brasileiro também são fruto de uma longa história de conflitos e lutas pela conquista territorial do país, sobre este contexto, Costa e Farias (2009, p.4) elucidam que:

Na verdade, a dimensão continental do Brasil foi fruto de processo complexo que envolveu conflitos e anexações territoriais e não um presente da natureza para o seu povo. As delimitações de suas fronteiras é o resultado de um longo processo histórico que só adquiriu os contornos atuais no século XX (...).

Neste sentido, ainda de acordo com Costa e Farias (2009), nos primórdios da colonização, o território brasileiro se resumia a terras a leste da linha imaginária do Tratado de Tordesilhas (que foi um acordo estabelecido entre Espanha e Portugal na época, pois estas duas nações possuíam colônias no continente americano), mais tarde, os colonos portugueses avançam essa linha divisória, conquistam terras além Tordesilhas e expandem os contornos do território brasileiro que, conseqüentemente, contribuiu para os contornos atuais. As atuais fronteiras do território brasileiro, não foi um dado pronto, ele foi e é produto de longo processo histórico de conquistas e anexações territoriais.

Já os objetos que existem no território formam a chamada configuração territorial, que de acordo com Santos (1988, p.75) se constitui no: “[...] território e mais o conjunto de objetos existentes

sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem”. Pois, se tem conhecimento que o espaço de um determinado território, é constituído em sua essência de elementos naturais e artificiais, criados pela ação antrópica, e são exatamente estes elementos que de acordo com Santos (1988, p.75-76), dão origem à configuração do território.

Seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada pela constelação de recursos naturais, lagos, rios, planícies, montanhas e florestas e também de recursos criados: estradas de ferro e de rodagem, condutos de toda ordem, barragens, açudes, cidades, o que for. É esse conjunto de todas as coisas arranjadas em sistema que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país [...].

Conforme o exposto, todo território possui sua configuração territorial, que são os elementos que estão inseridos no espaço, estes elementos se transformam ao longo da história e, faz parte de movimentos mais amplos que coloca em ênfase os crescentes meios que o representam, de modo geral, são originados da própria natureza ou criados pelo trabalho humano.

## **7.2 Religião, Território, Territorialidade**

O termo religião se constitui em um conjunto de símbolos sagrados, e são justamente esses símbolos que dão sentido e significado às práticas religiosas dos diferentes grupos, já que o fiel

se direciona a um determinado espaço religioso em busca de bens simbólicos, bens de salvação (ROSENDAHL, 2003).

A religião se constitui no objeto de investigação de várias ciências, entre elas se inclui também a geografia. Mas para analisarmos a temática religiosa numa perspectiva geográfica, é necessário utilizarmos os conceitos de sagrado e profano, segundo Rosendahl (2005, p.02), constituem-se na essência da religião e focaliza-nos que:

Parte-se da revelação que o território é dividido em lugares do *cosmo*, que estão profundamente comprometidos com o domínio do sagrado e como tal, marcados por signos e significados, e em lugares do *caos*, que designam uma realidade não divina. O primeiro qualifica-se como território sagrado enquanto o segundo representa ausência de consagração, sendo assim um território profano, um território não religioso.

Portanto, na visão da autora, um território sagrado se distingue de um território profano por possuir a presença do sagrado, de símbolos e significados religiosos, os territórios que não possuem estes elementos são classificados como profanos, ou seja, espaços que não possuem qualquer elemento nem símbolo religioso. Fernandes (2011, p.07) utiliza os termos *espaços de salvação e de perdição*, para designar espaços sagrados e espaços profanos. A respeito dos espaços de perdição, ele diz o seguinte:

Essa diferenciação espacial permite construir diferenciações territoriais de onde se pode, ou não, circular. Os espaços de perdição, ocupados pelo demônio,

são alvos de evangelização, pois “ainda não teriam encontrado a verdade, expressa na palavra de Jesus”.

Para o autor, os espaços de perdição ou profanos, diferentemente dos de salvação ou sagrados carecem de evangelização, pois não possuem símbolos religiosos. O que caracteriza um território sagrado é o símbolo, o homem religioso vai em direção a estes espaços de salvação em busca de bens simbólicos, bens de salvação. Os sistemas religiosos possuem seus territórios espalhados no espaço, estes também criam novos territórios em porções de espaço distantes, assemelhando-se às grandes corporações, Rosendahl (2005, p.05) enfatiza que:

A criação de novos territórios, bem como a fragmentação ou a fusão de outros envolve inúmeras localizações regionais, nacionais e internacionais, a semelhança do papel também exercido pelas grandes corporações.

Como bem explicitou a autora, a religião cria novos territórios em lugares distantes, através, por exemplo, da construção de templos, santuários, sinagogas, mesquitas, ultrapassando as fronteiras regionais, nacionais e até internacionais. Como o mundo hoje é globalizado, os meios de comunicação proporcionam a expansão de ideologias, filosofias, crenças e de novos territórios religiosos pelos vários lugares do globo, com isso, certos sistemas religiosos qualificam-se também, como instituições transnacionais.

A Igreja Católica, por exemplo, constitui-se em uma instituição transnacional, já que, sua sede localiza-se na Europa, mas esta instituição possui territórios em quase todos os lugares do planeta. Muitas denominações protestantes, algumas com sede no Brasil, inclusive, também se qualificam como instituições transnacionais, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, que além de possuir meios de comunicação de massa atuantes no mundo inteiro, possui também templos-filiais espalhados em vários países. A respeito do conceito de territorialidade religiosa, Rosendahl (2005, p.07) afirma que esta se constitui nas estratégias de ação e controle, que um determinado sistema religioso exerce sobre um determinado território, logo:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço.

Assim, na ótica da autora, territorialidade religiosa constitui-se nas estratégias de ação e controle do território por um determinado sistema religioso, cada sistema religioso possui suas estratégias de gestão de seus territórios. Se referindo à



territorialidade da Igreja Católica, mais uma vez Rosendahl (2005, p.06) argumenta que:

Reconhece-se três níveis hierárquicos de gestão do sagrado. O primeiro nível hierárquico administrativo situa-se na sede oficial, no Vaticano. O segundo e terceiro níveis hierárquicos político-administrativos da gestão religiosa são, respectivamente, a diocese e a paróquia.

A territorialidade religiosa da Igreja Católica é exercida através da ação das dioceses e das paróquias, ambas gerenciadas pela sede oficial da instituição, no caso, o Vaticano. A diocese constitui-se em um território eclesiástico administrado por um bispo ou arcebispo, e que controla as paróquias, já a paróquia é classificada como uma unidade territorial menos abrangente, administrada por um sacerdote (padre), gerenciada pela diocese e que controla os templos, as comunidades e os eventos locais. As instituições protestantes exercem a gestão e controle de seus territórios através, principalmente, de templos-sede, filiais do templo-sede, salões e pontos de pregação.

A territorialidade protestante é mais flexível e menos burocrática que no catolicismo. Na Igreja Católica, para um indivíduo se tornar um eclesiástico, é necessária uma rígida preparação instrucional, inclusive voto de castidade, já no protestantismo, Machado (1994, p.227-228) enfatiza que o indivíduo goza de uma imensa flexibilidade:

A base da reprodução pentecostal centra-se nos pontos de pregação, instância pentecostal inferior de poder, não sendo

necessário autorização da instância superior para se fundar uma igreja, como acontece no catolicismo. O sacerdócio é leigo, permitindo que simples fiéis se tornem pastores, fundadores e organizadores de igrejas.

É exatamente essa maior flexibilidade, que possibilita uma grande difusão de novos territórios protestantes no espaço. Outra característica do protestantismo brasileiro, é a concentração de territórios quase exclusivamente no espaço urbano, classificando-se como um sistema religioso eminentemente e majoritariamente urbano.

### **7.3 A Geografia da Religião**

A religião qualifica-se como um conjunto de símbolos sagrados, em torno do qual um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos exerce sua fé, pois de acordo com Rosendahl (2003, p.190) é em torno dos chamados bens simbólicos, que o adepto executa suas práticas religiosas:

O bem religioso está profundamente comprometido com o sagrado e, como tal, é marcado por signos e significados; mas deve ser reconhecido também como fornecedor de regras e sentidos aos grupos religiosos. É o bem simbólico que dá sentido e significado às práticas religiosas de diferentes grupos.

É justamente o bem simbólico que dá sentido e significado às práticas religiosas dos indivíduos, é em busca destes bens que o adepto direciona-se aos espaços sagrados. Desde os primórdios da

humanidade, as práticas religiosas estão presentes, dentre as mais variadas atividades culturais dos diversos povos espalhados pela face da Terra, alguns deles adotavam religiões monoteístas, outros politeístas. O período histórico conhecido como Renascimento, iniciado entre os séculos XV e XVI no mundo ocidental, foi caracterizado como um período em que a ciência se sobrepôs à religião, as explicações de mundo de cunho eclesiástico foram sendo substituídas, paulatinamente, pelas de cunho científico. Então se pode afirmar que a partir do Renascimento houve o fim da religião ou da religiosidade?

Acredita-se que não. O Renascimento foi um movimento muito importante para a humanidade, pois desmistificou várias crenças oriundas do período anterior, a Idade Média, que foi um período marcado pela intensa religiosidade e muitas atrocidades em nome da fé, como foi o caso da condenação à fogueira para aqueles que fossem contrários as ideologias hegemônicas, realizadas principalmente pela Igreja Católica. Fernandes (2011, p.03-04) enfatiza que quando a ciência não tem explicações para determinados fatos, muitos indivíduos recorrem à religião, portanto:

[...] temos que ter claro que a religião não se elimina com o fim dos atos sacramentais ou a ausência de lugares sagrados, do mesmo jeito que o desejo sexual não se acaba com os votos de castidade. É quando a dor bate a porta e a ciência não conforta, quando surgem questões sobre o

sentido da vida e da morte que o sentimento religioso aparece.

Portanto, como bem explicita o autor, o sentimento religioso está fortemente presente na vida dos indivíduos, podemos falar até que a religião, a fé, faz parte do instinto humano, pois quando um determinado fato, ou sentimento, não está ao alcance da explicação científica, muitos encontram solução através do poder sobrenatural da fé, encontram conforto para suas dores na religião. O interesse dos geógrafos pela temática religiosa é bastante recente, os primeiros estudos no Brasil datam do século passado. No Brasil, dentre os autores que tratam desta temática, a que mais se destaca é Zeny Rosendahl.

A Geografia da Religião, enquanto disciplina, teve seus primeiros indícios a partir dos séculos XVI e XVII, mas “somente no início dos anos 1980 é que a Geografia da Religião conhece seu processo de consolidação, firmando-se como campo reconhecido no seio da ciência geográfica” (SOUZA, 2010, p.75). A religião faz parte da cultura de um povo, como a Geografia da Religião é um sub-ramo integrante da Geografia Cultural, Souza (2010, p.74) enfoca que “[...] não podemos deixar de mencionar que os avanços epistemológicos da geografia cultural, refletiram em potencialidades para os estudos da geografia da religião”.

O espaço sagrado é carregado de símbolos religiosos, certas porções do espaço são consideradas sagradas, pois possuem

elementos religiosos, os templos, os santuários, constituem-se em territórios sagrados. A respeito disto, Souza (2010, p.77) enfatiza da seguinte maneira:

Alastrando formas e simbolismos pelas mais distintas realidades geográficas, (re)dimensionando a estruturação de territórios, a religião é, por isso mesmo, compreendida também como um fenômeno de implicações geográficas. Em muito, a ciência geográfica vem detendo seus principais estudos nesta linha – geográfico – religiosa – partindo da análise de templos e santuários, ou seja, de lugares consagrados.

Portanto, viu-se que a religião se materializa no espaço através, principalmente, de formas simbólicas, e que a geografia, como ciência social, vem detendo seus estudos também nesta linha simbólico-religiosa, presentes no espaço geográfico.

#### **7.4 O Protestantismo Contemporâneo e sua Difusão no Espaço**

O Protestantismo é um sistema religioso surgido na Europa Ocidental no século XVI, foi criado através de um ramo dissidente do catolicismo, e teve como principal representante o monge alemão Martinho Lutero. De acordo com Arruda e Piletti (1998, p.136) esse movimento também foi chamado de *Reforma*, pois seus seguidores faziam críticas severas à religiosidade da época, caracterizada por várias práticas ilícitas cometidas pelos eclesiásticos católicos, por isso defendiam uma reforma religiosa:

A Reforma Religiosa do século XVI foi a grande revolução espiritual da época moderna. Representou, no plano religioso, a passagem do feudalismo ao capitalismo. Não foi simplesmente uma reforma, pois, ao romper a unidade do cristianismo no Ocidente, transformou brutalmente a estrutura eclesiástica e a doutrina da salvação [...].

O Protestantismo surgiu em um período histórico marcado pela passagem do Feudalismo ao Capitalismo na Europa. Foi decisivo o apoio dos reis e da burguesia à Reforma, estes estavam interessados em livrar-se das “garras” da Igreja Católica que detinha grande quantidade de terras, riquezas e poder, pois o poder dos reis eram inferiores aos da Igreja. Portanto, os reis e príncipes que se rebelavam contra o catolicismo e, que deram apoio a Reforma de Lutero, foram chamados de *Protestantes*, daí o surgimento do termo protestantismo.

O Protestantismo contemporâneo é um movimento religioso que vem atraindo adeptos no mundo todo. No Brasil, esse sistema religioso vem crescendo espantosamente a cada ano, em contraposição, o catolicismo vem sofrendo um decréscimo considerável nos últimos anos no país. A difusão desta religiosidade no espaço geográfico está representada, principalmente, pela dispersão de templos em determinadas frações do espaço, cada templo exerce sua territorialidade, constituindo-se em um território sagrado, um território religioso.

De acordo com Machado (1994), no Brasil, as denominações protestantes estão divididas em três grandes grupos, a saber: Igrejas Protestantes Históricas (as mais antigas, como; Batista, Presbiteriana, Metodista, etc.); Igrejas Protestantes Renovadas (desenvolvem práticas religiosas semelhantes aos pentecostais, porém se aproximam mais das históricas, são: Batista Renovada, Metodista Renovada, etc.); e Igrejas Protestantes Pentecostais e Neopentecostais (aqui estão incluídas inúmeras denominações, as que foram fundadas recentemente, como, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, etc.).

<b>IGREJAS PROTESTANTES HISTÓRICAS</b>	<b>IGREJAS PROTESTANTES RENOVADAS (PENTECOSTAL)</b>	<b>IGREJAS PROTESTANTES PENTECOSTAIS E NEO PENTECOSTAIS</b>
Batista	Batista Renovada	Congregação Cristã do Brasil
Presbiteriana	Metodista Renovada	Assembleia de Deus
Luterana	Presbiteriana Renovada	Evangélico Quadrangular
Anglicana		Brasil para Cristo
Metodista		Nova Vida
Congregacional		Deus é Amor
		Mundial do Reino de Deus
		Universal do Reino de Deus
		Igreja da Graça

No Brasil, as denominações pentecostais e, principalmente as neopentecostais, são as que mais crescem em número de fiéis, a Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, além de atrair multidões no Brasil inteiro, possui templos-filiais espalhados em vários países do Globo, além de meios de comunicação de massa, como rede de televisão, sites, emissora de rádio, jornais e revistas, assemelhando-se às grandes corporações transnacionais, que se difundem cada vez mais no mundo globalizado, a este respeito, Machado (1994, p.224) enfatiza que:

Assistimos, nesta última década, ao crescimento de um específico movimento religioso que, em pouco tempo, passou a conquistar grandes parcelas desprivilegiadas social e economicamente da população brasileira e a se destacar nos meios de comunicação de massa como um dos fatos sociais mais expressivos deste final de século: o pentecostalismo protestante.

O pentecostalismo protestante surgiu no Brasil nos anos 1970, e se fortaleceu em idos de 1980, constituindo-se, assim, em um fenômeno recente no país. Carneiro e Rios (2007, p.02) focalizam que:

Sua marca específica é a liberação dos estereotipados usos e costumes, os quais durante muito tempo caracterizavam os *crentes* no Brasil, tais como: cabelos longos, saia abaixo do joelho, proibição de assistir televisão etc. Houve também, por parte desta corrente, uma exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos e a pregação enfática da *Teologia da Prosperidade*, associada à aquisição de bens materiais.



Então, segundo o que foi exposto na citação acima, o pentecostalismo é mais flexível com relação aos usos e costumes de seus seguidores, do que os outros grupos protestantes, a questão da guerra espiritual contra o Diabo é uma das características das denominações pentecostais, muitas igrejas em seus cultos realizam as chamadas seções de descarrego, para libertar seus fiéis das garras do inimigo espiritual que atua em seus corpos e suas vidas. Outra característica marcante do pentecostalismo é a chamada teologia da prosperidade, esta, constitui-se numa ideologia que defende que todos os servos de Deus têm obrigação de serem prósperos, aqueles que não obtiverem êxito em sua vida espiritual e material, é porque o Demônio está interferindo em suas vidas. Sobre este assunto, Carneiro e Rios (2007, p.02) enfatizam que:

*A Teologia da Prosperidade*, doutrina bastante difundida nos EUA em 1930, assume para os neopentecostais os tons de uma *vida com abundância*. Este tipo de vida prega que a pobreza é de origem demoníaca e que o verdadeiro Deus, por ser um pai amoroso e rico, quer ver seus filhos saudáveis, prósperos e ricos. Quem vive longe dessa dimensão de riqueza (física, espiritual e material) estaria fora dos propósitos divinos e necessitaria, assim, descobri-lo.

Com isso, pode-se afirmar que essa ideologia se constitui em um dos pontos de atração cardeais, que é a essência do admirável crescimento do pentecostalismo protestante no Brasil nesses últimos anos. Isso explica porque grandes parcelas desprivilegiadas, social e economicamente da população brasileira,

direcionam-se a estes territórios sagrados. Vão em busca de melhorar sua vida espiritual e principalmente material, financeira, estes são os bens simbólicos mais importantes que estas instituições colocam a disposição da sociedade, e que tem maior procura.

Segundo Machado (1994, p. 226) outra importante característica do pentecostalismo protestante brasileiro, é sua localização espacial principalmente no espaço urbano, constituindo-se, assim, em um movimento majoritariamente e eminentemente urbano:

Inicialmente cumpre salientar que o pentecostalismo brasileiro se difunde sócio e espacialmente de maneira desigual. Esta forma diferenciada de distribuição pentecostal possui dois aspectos. O primeiro refere-se a sua maior concentração no espaço urbano, que vai ser privilegiado de modo absoluto e relativo. Da mesma maneira que as camadas mais carentes do ponto de vista social e econômico serão as mais atraídas por esta neoreligiosidade. Esse primeiro aspecto, assim, diz respeito à maior concentração de crentes pentecostais junto às camadas sociais urbanas mais desprivilegiadas economicamente.

Portanto, como já foi explicitado anteriormente, o pentecostalismo protestante brasileiro se constitui num movimento religioso majoritariamente urbano, mas isso não significa dizer que todas as denominações religiosas protestantes estão, única e exclusivamente localizadas nos espaços urbanos. Muitas instituições, como a Assembleia de Deus, por exemplo,

possuem templos localizados também em espaços rurais, assim como a Igreja Católica também possui.

## **7.5 Características da Territorialidade Protestante em Gado Bravo**

A religião se territorializa, ou seja, se materializa no espaço através da criação de territórios eclesiásticos, de novos territórios em determinadas frações do espaço, através, principalmente, do estabelecimento de templos e dos meios de comunicação de massa, pois estes possibilitam a difusão de suas filosofias e ideologias em lugares distantes. Cada sistema religioso efetua sua territorialidade no espaço, o termo territorialidade é conceituado, portanto, como uma ação política, uma estratégia de controle, de poder. A respeito disso, Rosendahl (2009, p.03) enfatiza que:

[...] a territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território. O território religioso dá segurança aos seus adeptos, representa o símbolo de identidade da fé, e, afirma-se como o espaço de liberdade, de união com o seu Deus. Assim a territorialidade religiosa mantém e preserva a comunidade religiosa, que por sua vez alimenta e legitima a Igreja, o Templo, a Casa religiosa, e outras instituições.

A citação acima enfatiza mais uma vez que cada sistema religioso possui suas estratégias de gestão de seus microespaços.

Como já explicitado anteriormente, a territorialidade da Igreja Católica, por exemplo, é diferente da realizada pelos sistemas religiosos protestantes. O catolicismo efetua sua territorialidade no espaço de forma hierárquica, através, da ação gerenciadora da sede oficial da instituição, no Vaticano, seguido pelas dioceses e paróquias. Já o protestantismo efetua sua territorialidade no espaço através, principalmente, da ação gerenciadora dos templos-sedes, templos-filiais, salões e pontos de pregação.

A territorialidade de viés religioso protestante na cidade de Gado Bravo, caracteriza-se como um fenômeno recente, em comparação com a territorialidade exercida pela Igreja Católica no município. Recentemente, especificamente a partir do ano 2000, é perceptível na paisagem urbanística da cidade de Gado Bravo, um crescimento urbano de forma mais acelerada que em anos anteriores, acoplado a isto, de acordo com Rosendahl (2003, p.202) surgem novos territórios, novos elementos começam a surgir na paisagem, novas formas e funções surgem no espaço, assim; “A experiência religiosa produz na paisagem formas e funções religiosas [...]”, ou seja, acompanhando o crescimento urbano e demográfico, criam-se também novos espaços sagrados e ampliam-se os já existentes. A esse respeito, Rosendahl (2003, p.196) mais uma vez enfatiza que:

No Brasil, o poder eclesiástico cria novos espaços sagrados e também amplia os já existentes. As

transformações espaciais ocorrem nos espaços religiosos frente às necessidades demográficas ou à demanda de uma ação pastoral eficiente.

Crescimento urbano e demográfico, estes são os principais elementos que impulsionam a expansão de instituições protestantes nas cidades brasileiras. Como Gado Bravo é um município jovem, emancipado recentemente, teve um crescimento urbano e demográfico também recente, esse é um dos motivos que explicam a atual difusão de territórios protestantes na cidade. A dispersão de novos territórios religiosos se realiza, principalmente, através do estabelecimento de templos, a territorialidade protestante foi a que mais se expandiu na cidade.

A expansão protestante na cidade de Gado Bravo caracteriza-se como uma neo-religiosidade, uma nova opção religiosa disponível à população do lugar. E realmente durante muito tempo a Igreja Católica exerceu uma espécie de monopólio espacial, mais agora divide espaço com os vários templos protestantes espalhados na paisagem da cidade. O Brasil durante muito tempo foi e ainda é considerado uma nação eminentemente católica, mesmo atualmente, com a difusão de uma grande variedade de sistemas religiosos ou pseudo-religiões oriundas da sociedade moderna, continua sendo um país em que a maior parte de seus habitantes declaram seguir os preceitos católicos. Como é sabido isso é um produto histórico, pois no século XV, os países

ibéricos (Espanha e Portugal) eram nações que possuíam reis e uma população majoritariamente católica, e foram exatamente estes dois países que mais constituíram colônias no continente americano.

Durante muitos anos o Brasil foi colônia de Portugal. Em meio aos vários colonos vindos de Portugal com destino ao território brasileiro, logo nos primórdios da colonização, vinham também diversos eclesiásticos católicos, foram exatamente esses eclesiásticos que criaram os primeiros territórios sagrados de origem católica no espaço brasileiro, já que, os nativos que aqui viviam na época, exerciam sua própria religiosidade e cultuavam suas próprias divindades, pois eram politeístas. Os sacerdotes europeus, na época, criaram espaços no intuito de instruir os nativos segundo os preceitos católicos, eram as chamadas catequeses. Esse é exatamente um dos motivos do Brasil ser ainda hoje considerado uma nação católica, a colonização europeia, especificamente portuguesa.

No município, as denominações protestantes Igreja Congregacional e Assembleia de Deus são as mais antigas, esta última foi a primeira a construir um templo próprio na cidade, e é a que mais possui membros. Além disso, possui alguns pequenos templos-filiais em algumas localidades da zona rural do município, se constituindo na única denominação protestante presente no

espaço gadobravense, que possui territórios também na zona rural do município. Recentemente, as denominações Igreja Congregacional, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus e Testemunhas de Jeová começaram a exercer sua territorialidade no município, através da construção de templos e pontos de pregação.

O estabelecimento de territórios também em localidades rurais se constitui, em uma estratégia política efetuada pela instituição protestante Assembleia de Deus no município de Gado Bravo, para ampliar o número de membros e ofertar seus bens simbólicos, também aos habitantes desses lugares. Rosendahl (2003, p.194) a esse respeito discorre da seguinte maneira:

Divisões territoriais e organização hierárquica de religiões institucionalizadas são estratégias políticas adotadas com o objetivo de assegurar o controle, a vivência e a vigilância dos fiéis frente à crescente mobilidade dos homens e a fatos históricos relevantes.

Conforme o exposto, a criação de novos territórios se constitui numa estratégia política criada pelos sistemas religiosos, no intuito de assegurar o controle dos fiéis que residem naquela determinada área. Foi exatamente essa a estratégia exercida pela Assembleia de Deus no município de Gado Bravo. Como o município possui uma extensão territorial em dimensões consideráveis, e a maior parcela da população residindo nas localidades da zona rural, a instituição começou a exercer sua

territorialidade tanto na área urbana como nas localidades da zona rural, já que, como explicitado anteriormente, é na zona rural onde se encontra a maior parcela demográfica do município.

A maior parte das pessoas que aderem a essa religiosidade, de acordo com Machado (1994, p.227) relatam como motivo de sua adesão a maior flexibilidade e acessibilidade que esse sistema religioso oferece, possibilitando que simples fiéis bem preparados e instruídos teologicamente, se tornem pastores ou fundadores de igrejas sem autorização de uma instância eclesiástica superior, também é mais democrático, pois permite que os fiéis se dirijam ao púlpito para leitura de versículos da Bíblia, expor seu testemunho e cantar hinos:

Produto de diversas estratégias de ação que incluem sua difusão espacial, a reprodução pentecostal está sedimentada em uma estrutura organizacional por um lado rígida, mas, por outro, descentralizada e flexível, permitindo, dessa maneira, muito eficazmente a propagação e materialização de sua mensagem religiosa.

Mas mesmo com essa grande flexibilidade e acessibilidade, além do admirável crescimento que o pentecostalismo protestante, visível e espacialmente vem efetuando nas cidades brasileiras, os dados indicam que a maior parte da população confessa seguir à fé católica. A respeito do perfil religioso da juventude brasileira, Fernandes (2011) nos mostra que 54,9% dos jovens brasileiros se declaram Católicos Apostólicos Romanos e 21,4% evangélicos.



Mas a tendência é o número de fiéis protestantes superar o de católicos no futuro, pois o protestantismo é um fenômeno que vem se proliferando a cada dia, não só no Brasil, mas no mundo todo, facilitado e impulsionado pela Globalização.

## **8. A cidade de Gado Bravo hoje: metamorfoses, conquistas e desafios**

Atualmente, como é característico do espaço geográfico, a cidade de Gado Bravo é produto de várias metamorfoses exercidas ao longo do tempo, o velho e o novo se entrelaçam através das formas espaciais.

A organização espacial é assim constituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isto, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da Terra. Caso contrário, insistimos, a sociedade se extinguiria (CORRÊA, 1987, p.57).

O espaço e a paisagem urbanística são dinâmicos, se modificam ao longo da história, isto é causado por uma série de fatores, onde o principal, segundo Santos (2008) é a presença da técnica no espaço. Na visão deste autor, a partir do momento em que houve o desenvolvimento das técnicas, o homem começou a modificar constantemente a natureza primeira, transformando-a em uma natureza segunda, ou melhor, em uma natureza artificial.

A paisagem urbana das cidades muda com o passar dos anos, isso é um processo natural e inerente aos *lôcus* antrópicos, os homens através do trabalho, dos objetos e das técnicas de produção, constroem novas edificações urbanas e modificam as já existentes.

Deixando um pouco de lado a fundamentação teórica, dá-se adiante maior ênfase as observações *in loco*, ou seja, empíricas, que serão não só descritas, mas analisadas cientificamente.

Ao observar e analisar a paisagem da cidade de Gado Bravo, percebe-se grandes mudanças culturais, econômicas, urbanas, religiosas, entre outros.

Apesar de o município ter sido emancipado politicamente no ano de 1994, só vai passar por um crescimento e desenvolvimento urbano significativo a partir do ano de 2005, isso não quer dizer que nos anos anteriores não se tenha ocorrido crescimento urbano, de fato ocorreu, mas em escala bem inferior ao mencionado período.

**Foto 02:** Vista aérea da cidade de Gado Bravo em 2011.



**Fonte:** Internet.

Esses fatores, aliados ao atual processo de globalização, acarretaram uma certa mudança de hábitos na população da cidade de Gado Bravo. A população local passou a realizar eventos culturais de origem exógenas, como o carnaval e o carnaval fora de época, até mesmo o *halloween*, evento cultural realizado em alguns países de língua saxônica, como os Estados Unidos. No lugar das “budegas” surgem os mercadinhos, no lugar de jumentos optou-se pela motocicleta, no lugar de eventos animados por cantadores, violeiros, repentistas, com seus instrumentos tradicionais, optou-se pelas bandas com seus instrumentos sofisticados e o forró eletrônico. Além da presença de lanchonetes e pizzarias que

servem *fast-food*, restaurantes, *lan houses*, academia, salões de beleza, loja de roupas e eletrodoméstico, e nos fins de semana, quem gosta, pode curtir uma boa partida de futebol no Estádio Municipal, que é equipado com arquibancadas e cabine de imprensa.

No ano de 2009 é instalado no centro da cidade uma torre de transmissão, fornecendo a cobertura da empresa de telefonia VIVO, acarretando uma grande dispersão de aparelhos celulares na cidade e no município como um todo, inserindo mais ainda o espaço gadobravense ao meio técnico-científico-informacional. Em 2015 é inaugurado o acesso asfáltico entre a sede do município e o distrito de Boa Vista, dando maior conforto e comodidade ao tráfego. Já em 2017 foi instalada a primeira rádio difusora da cidade. Para um cidadão de uma grande ou média cidade, essas conquistas não teriam muita significância, pois eles aí a tem em abundância, e a muito mais tempo, mas para a população de uma cidade jovem como Gado Bravo se constituem em grandes conquistas.

No plano religioso, também houve mudanças, até certos anos atrás, os templos católicos romanos exerciam uma espécie de “monopólio”, dominando a paisagem e o território da zona urbana e do município como um todo, mas hoje, esses templos dividem espaço com templos cristãos protestantes, como; a Assembléia de Deus, Testemunhas de Jeová, Igreja Congregacional, entre outras.

Toda essa metamorfose do espaço gadobravense, acarretou importantes conquistas, mas apesar deste significativo avanço, que podemos identificar empiricamente na paisagem, têm-se muitos problemas, ou melhor, desafios a serem resolvidos, como qualquer outro espaço tem e nunca vai deixar de ter. A cidade não possui uma sede dos correios, não dispõe de nenhuma empresa bancária, nem instituição de ensino superior, os jovens são obrigados a se deslocarem para outras cidades, para poder ter acesso a universidade. Não tem um hospital de grande ou médio porte, os pacientes têm que se deslocarem a outras cidades, em busca de atendimento médico especializado.

Porém, acredita-se que o principal desafio é com relação ao futuro dos jovens gadobravenses, para que tenham uma boa educação e, conseqüentemente, sejam bem preparados para ingressar no mercado de trabalho, através de capacitação e instrumentalização. Cabe ao poder público municipal fornecer incentivos a iniciativa privada, para que possam instalar seus empreendimentos no município, e assim surjam oportunidades empregatícias aos jovens locais.

**IV Parte**

**UM POUCO DA GEOGRAFIA DE**

**GADO BRAVO**

## 1. Localização geográfica do município de Gado Bravo

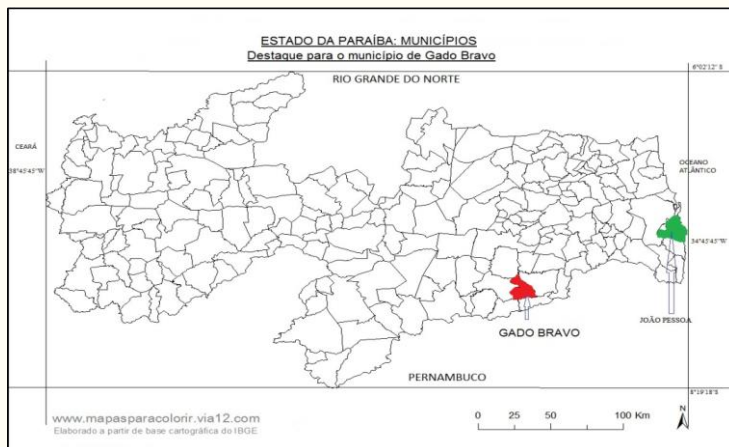
Gado Bravo é um dos mais de cinco mil municípios brasileiros, está localizado na região nordeste, no estado da Paraíba, à aproximadamente 180 km da capital João Pessoa. Faz parte da mesorregião do agreste paraibano e da microrregião de Umbuzeiro, nas coordenadas geográficas 07°35'00" de Latitude Sul e 35°47'27" de Longitude Oeste (Mapa 01). Seu território limita-se ao norte com o município de Queimadas, ao sul com Umbuzeiro e Santa Cecília, a leste com Aroeiras e a oeste com Barra de Santana, todos esses municípios localizados no estado da Paraíba. Gado Bravo também faz parte da Região Metropolitana de Campina Grande e do Compartimento da Borborema.

A área territorial do município é de 192,406 km<sup>2</sup>, a densidade demográfica em 2010 era de 43,53 (hab/km<sup>2</sup>), o número de habitantes no senso demográfico de 2010 foi de 8.376 habitantes, desse montante, a maior porcentagem reside na zona rural, caracterizando-se como um município eminentemente rural, ou seja, possui uma considerável extensão territorial, uma população majoritariamente rural e a zona urbana reduzida. A estimativa para o ano de 2016 foi de 8.443 habitantes.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Informações extraídas de IBGEcidades.gov.br Acesso em 28 de Fev. 2017.

**Mapa 01:** Localização geográfica do município de Gado Bravo.



**Fonte:** Adaptado por Ivanilson Luciano Camelo. 2013.

O município de Gado Bravo é cortado por duas rodovias estaduais, a PB-132 e a PB-102. Não é cortado por nenhuma rodovia federal, a mais próxima é a BR-104 sentido Caruaru PE – Campina Grande PB.

## 2. Características edafoclimáticas do município de Gado Bravo

**°Clima:** O território do município de Gado Bravo está situado em baixas latitudes, próximo ao paralelo do Equador, na zona climática intertropical. Toda a sua área territorial é abrangida pelo semiárido brasileiro, que abrange 86.4% do território do estado da Paraíba. Por tudo isso, apresenta clima quente e seco a maior parte do ano;



elevado índice de insolação, evaporação e evapotranspiração, que consomem grande parte de todas as águas de chuva que caem no território; a maior parte das chuvas são esparsas, descontínuas e mal distribuídas no tempo e no espaço; as temperaturas máximas variam entre 30°C e 35°C e as mínimas entre 24°C e 27°C; a amplitude térmica diária é de aproximadamente 7°C, variando de acordo com a altitude local e a estação do ano.

**°Solo:** O município de Gado Bravo apresenta na maior parte do seu território, solos rasos, com rochas quase aflorantes, que diminuem sua capacidade de infiltração pluvial, potencializando o escoamento superficial, causando erosão e lixiviação do solo. O território de Gado Bravo apresenta na sua porção norte, solos do tipo *Bruno Não Cálcico*, esse tipo de solo tem como características: são de alta fertilidade natural; apresentam conteúdos mineralógicos que encerra quantidade significativa de minerais primários facilmente decomponíveis, os quais constituem fontes de nutrientes para as plantas; são solos moderadamente profundos a rasos; o material originário é constituído, principalmente, por saprolito de micaxisto (Pré-Cambriano A) e gnaisses escuros (Pré-Cambriano Indiviso)<sup>40</sup>. Já na sua porção sul, apresenta solos do tipo *Regos Solo Distrófico*, esse tipo de solo possui baixo potencial

---

<sup>40</sup> Informações extraídas de funceme.br Acesso em 01 de Mar. De 2017.

nutricional abaixo da camada arável, a saturação por bases é inferior a 50%, sendo portanto, bastante ácidos.

**°Vegetação:** O município de Gado Bravo é abrangido pelo bioma Caatinga. A vegetação é predominantemente xerófita caducifólia, com abundância de cactáceas colunares, arbustos e árvores com espinhos. As espécies mais frequentes são: aveloz, cardeiro, umburana, juazeiro, umbuzeiro, algaroba, faxeiro, jucá, jurema, baraúna, aroeira, catingueira, macambira, marmeleiro e barriguda.

### **3. A geologia e geomorfologia do município de Gado Bravo**

Com relação a geologia, o Estado da Paraíba encontra-se na sua maior parte, constituído pelas unidades lito-estratigráficas do Pré-cambriano e mais restritamente, pelas sequências sedimentares paleo-mesozóicas. Em outras palavras, isso significa dizer que, a litologia do estado é bastante antiga, já que o Pré-cambriano foi o primeiro éon geológico, que se iniciou com a formação da Terra e a origem das rochas, a aproximadamente 4,5 bilhões de anos, e se estendeu a 2,5 bilhões de anos com o surgimento das primeiras formas de vida no planeta. Aproximadamente 84% do território da Paraíba está sobre o escudo cristalino brasileiro, composto por rochas ígneas e metamórficas.

O território do município de Gado Bravo está localizado no Sistema de Dobramentos da Província Geológica Estrutural Borborema, que domina a maior parte do território do estado, e é constituída majoritariamente por rochas cristalinas. A formação geológica do município data do Pré-cambriano Superior, faz parte da unidade representada pelos Gnaisses e Xistos Indiferenciados, com a predominância de gnaisses e xistos, além de resquícios de calcário cristalino, quartzitos e pequenos núcleos migmatíticos<sup>41</sup>. Além disso, o município possui cobertura sedimentar de origem mais recente ao longo do curso do Rio Paraíba.

Com relação a geomorfologia, o município possui relevo com formas tabulares e convexas, além de pequenas planícies isoladas e a depressão do Rio Paraíba.

#### **4. A hidrografia do município de Gado Bravo**

O município de Gado Bravo faz parte da bacia hidrográfica do Rio Paraíba. Este mesmo rio corta o município na sua porção oeste-sul, próximo a fronteira com os municípios de Umbuzeiro e Barra de Santana. A maior parte dos riachos existentes no território do município são afluentes e sub-afluentes do Rio Paraíba. Dentre os açudes existentes no município, destacam-se: o açude da pedra

---

<sup>41</sup> Informações extraídas do Mapa Geológico do Estado da Paraíba da CDRM-PB, 1982.

d'água, o açude do governo e o açude chico germano, os dois primeiro com disponibilidade de água doce, já este último é um reservatório privado, pertencente a família de Francisco Germano de Araújo, de água salgada, mas bem aproveitado para pescaria.

Entende-se por alimentação hídrica, a maneira pela qual um reservatório recebe suas águas. Os açudes do município de Gado Bravo recebem alimentação do tipo *pluvial*, ou seja, é alimentado pelas águas das chuvas. Corriqueiramente, o período das chuvas no município, estende-se entre os meses de Março e Julho, conseqüentemente, tem-se cinco meses úmidos e sete meses de seca. Com relação a pluviometria média, na parte sul-ocidental do município a média pluviométrica varia entre 401 e 600 milímetros, já em toda parte oriental, varia entre 601 e 800 milímetros<sup>42</sup>.

No ano de 2002, foi implantado o abastecimento de água na zona urbana de Gado Bravo, pela estatal Companhia de Água e Esgoto da Paraíba-CAGEPA, nesse período José Targino Maranhão era o governador da Paraíba, e Fernando Barbosa de Moraes o prefeito municipal. A água para o abastecimento é proveniente da barragem Acauã.

---

<sup>42</sup> Dados extraídos da página da AESA na internet. Acesso em 01 de Mar. De 2017.

## 5. Aspectos demográficos e urbanísticos do município

Foi registrado no município de Gado Bravo de acordo com o último censo realizado em 2010, uma população residente de 8.376 habitantes, destes a maior parte é composta por mulheres (4.243 pessoas) e apenas 908 habitantes vivem na zona urbana, caracterindo-se como um município majoritariamente e eminentemente rural.

De acordo com o grupo de idade, a população residente distribui-se da seguinte maneira:

**Quadro 02:** População residente por grupo de idade – Gado Bravo.

0 a 4 anos	688 pessoas
5 a 9 anos	734 pessoas
10 a 14 anos	943 pessoas
15 a 19 anos	958 pessoas
20 a 24 anos	720 pessoas
25 a 29 anos	601 pessoas
30 a 39 anos	1.002 pessoas
40 a 49 anos	907 pessoas
50 a 59 anos	704 pessoas
60 a 69 anos	571 pessoas
70 anos ou mais	548 pessoas

**Fonte:** IBGE.

Pelos dados expostos acima, percebe-se que há um predomínio de população adulta, da faixa etária dos 30 aos 59 anos

e uma pequena quantidade de idosos. Gado Bravo ficou na posição 93ª dentre os 223 municípios mais populosos da Paraíba, na posição 3.290 dentre os 5.570 municípios mais populosos do país. Foi registrado um IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,513, o menor do estado no ano de 2010.

No ano de 2014 o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação a população total era de 5.9%. Esse dado demonstra uma pequena quantidade de trabalhadores formais residentes no município, isso se deve a alguns fatores, como: falta de oportunidades de empregos formais, pífia remuneração e baixa formação técnica da população.

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública municipal tiveram nota média de 3.8 no IDEB, na comparação com os municípios do estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava o município na posição 190ª dos 223 da Paraíba. Já para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 2.8, na comparação com os municípios do estado, colocava o município na posição 189ª dos 223 da Paraíba. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 96.8 em 2010, ficando na posição 157ª dos 223 do estado e na posição 3.870ª dos 5.570 do país.

A taxa de mortalidade infantil média foi de 31.01 para 1.000 nascidos vivos, colocando o município na posição 20ª dos 223 do

estado, e na posição 426<sup>a</sup> dos 5.570 do país. Apenas 1.7% dos domicílios do município dispõe de esgotamento sanitário adequado. Apresentou 91.2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 4.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio).

## **6. Aspectos econômicos do município**

Por ser um espaço majoritariamente rural, a economia gadobravense sempre esteve voltada para a agricultura e pecuária, pois a criação de gado sempre esteve presente no município, desde seus primórdios e a agricultura também. Viu-se anteriormente, que além dessas, as primeiras atividades econômicas de Gado Bravo foram exercidas através dos curtumes existentes na época, onde se curtia e comercializava o couro. Teve também as usinas de beneficiamento de algodão e sisal.

Atualmente são inexistentes estabelecimentos industriais no município, apenas estabelecimentos comerciais formais e informais de pequeno porte, do ramo atacadista e varejista, como; mercadinhos, farmácias, lojas de eletrodomésticos e material de construção, panificadoras, bares, lanchonetes, entre outros. O município também não dispõe de nenhuma agência bancária. A arrecadação de impostos é insipiente, resumindo-se quase

exclusivamente a receitas de concessão de alvarás, IPTU e a parcela do IPVA arrecadado. A maior parte das finanças do município são mantidas por repasses da União, através do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Em 2014, o município de Gado Bravo registrou um PIB per capita de R\$5.995,78 ficando na posição 207<sup>a</sup> dos 223 municípios paraibanos, e na posição 5.035<sup>a</sup> dentre os 5.570 municípios brasileiros. Em 2015, tinha 97.4% do seu orçamento proveniente de fontes externas, colocando-o na posição 31<sup>a</sup> dos 223 municípios paraibanos, e na posição 188<sup>a</sup> dos 5.570 municípios brasileiros, caracterizando-se, assim, como um dos municípios mais pobres do país<sup>43</sup>.

O comércio tem maior movimento aos domingos, que é o dia em que é realizada a feira livre, instalada na avenida principal da cidade, onde há maior circulação de capital, distribuição de mercadorias e consumo. São comercializadas verduras, frutas, carnes, guloseimas, bugigangas e produtos de necessidade básica, a maior parte dos comerciantes são oriundos do município, porém, uma grande quantidade de comerciantes e produtos são originários de municípios vizinhos, como; Aroeiras, Umbuzeiro, Natuba, Queimadas e algumas cidades de Pernambuco, de onde vem a maior parte das frutas e verduras.

---

<sup>43</sup> Informações extraídas de [ibge.cidades.gov.br](http://ibge.cidades.gov.br)



Em suma, a economia do município de Gado Bravo hoje, gira em torno da pecuária intensiva, agricultura familiar, comércio formal e informal e serviço público municipal.

## **7. Alguns dados do IBGE sobre o município de Gado Bravo<sup>44</sup>**

- °População residente (2010)= 8.376 habitantes;
- °População residente urbana= 908 (10.8%);
- °População residente rural= 7.468 (89.2%);
- °População residente-homens= 4.133 pessoas;
- °População residente-mulheres= 4.243 pessoas;
- °Número de eleitores (2016)= 7.407 eleitores;
- °Total de domicílios (2010)= 2.974 domicílios;
- °Total de endereços (2010)= 3.442 endereços;
- °Total de endereços rurais (2010)= 2.872 endereços;
- °Total de endereços sem numeração (2010)= 324 endereços;
- °Total de endereços urbanos (2010)= 570 endereços;
- °PIB per capita (2014)= 5.995,78 R\$;
- °Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM 2010)= 0,513;
- °População residente-religião católica apostólica romana= 7.814 pessoas;

---

<sup>44</sup> Dados extraídos de [ibgeciudades.gov.br](http://ibgeciudades.gov.br)

- °População residente-religião espírita= 0 pessoas;
- °População residente-religião evangélica= 318 pessoas;
- °Total de estabelecimentos de ensino (2010)= 41 estabelecimentos;
- °Matrículas no ensino fundamental (2015)= 1.309 matrículas;
- °Matrículas no ensino médio (2015)= 452 matrículas;
- °População residente alfabetizada (2010)= 5.265 pessoas;
- °Total de estabelecimentos de saúde (2010)= 10 estabelecimentos;
- °Estabelecimentos de saúde-SUS= 6 estabelecimentos;
- °Frota de veículos (2016)= 944 veículos;
  - 386 automóveis
  - 376 motocicletas
  - 53 caminhonetes
  - 44 caminhões
  - 27 micro-ônibus
  - 22 ônibus
  - 20 camionetas
  - 11 motonetas
  - 1 utilitário
- °Número de empresas locais (2014)= 27 unidades;
- °Total de estabelecimentos agropecuários= 96 estabelecimentos;
- °Efetivo do rebanho bovino (2015)= 9.400 cabeças;
- °Efetivo do rebanho caprino (2015)= 2.000 cabeças;

°Efetivo do rebanho equino (2015)= 340 cabeças;

°Efetivo do rebanho ovino (2015)= 1.100 cabeças;

°Efetivo do rebanho suíno (2015)= 3.500 cabeças;

°Efetivo do rebanho galináceos (2015)= 11.600 cabeças.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1981.

ANDRADE, Pedro Paulo de. **Aroeiras sua história**. 1. ed. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé Ltda, 1981.

ANDRADE, Pedro Paulo de. **Aroeiras sua origem**. A União Cia. Editora, 1984.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais (1880-1925). In: Ó, Alarcon Agra do. et al. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 3. ed. João Pessoa: Idéia, 2003.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFCG, 2006.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. As sociedades modernas. **Toda a História: história geral e história do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998. p.128-185.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, José Elias. Índios paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Octávio; RODRIGUES, Gonzaga (Org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. João Pessoa: Grafset, 1993.

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2007. (Coleção repensando a geografia).

CARNEIRO, Henrique Figueiredo; RIOS, Clauberson Sales do Nascimento. O neopentecostalismo e os novos discursos religiosos contemporâneos. **Revista Eletrônica Polêmica**. Rio de Janeiro: Labore-UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.uerj.br/polemica>. Acesso em: 25 set. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, Antônio Albuquerque da; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **Organização do Espaço Brasileiro**. Campina Grande: UEPB, 2009.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Energia e Recursos Minerais. **Mapa Geológico do Estado da Paraíba: texto explicativo**. CDRM, 1982.

FERNANDES, Dalvani. Juventudes e Religião: contribuições a partir da geografia da religião. **I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade**. Juiz de Fora-MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/juventudeseidade/2011>. Acesso em: 25 set. 2012.

GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos desejos e práticas (1920-1960)**. Campina Grande-PB, 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História – PPGH – UFCG).

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

LOPES, José Ezequiel Barbosa. **Terra Tataguçu: retalhos da história de Queimadas**. Queimadas-PB: Gráfica Cópias e Papéis, 2015.

MACHADO, Mônica Sampaio. A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial. In: SANTOS, Milton et al (Org.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. p.224-232.

MELO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império: 1871-1889**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

MELO, José Octávio; RODRIGUES, Gonzaga. **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. João Pessoa: Grafset, 1993.

NETO, Belarmino Mariano. **Ecologia e imaginário nos cariris velhos da Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed . Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIETVELD, João Jorge. Padre Ibiapina no cariri paraibano: “anos escondidos”. **Revista Tarairiú**. Campina Grande-PB, Ano VI, v.1, n.12, Agosto de 2016. p.301-317.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.187-224.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X encontro de geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Simbolismo e Religião: resenha do simpósio temático. **Anais do II encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades**. Maringá-PR:

ANPUH, v.1, n.3, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 25 dez. 2012.

SANTOS, Juvandir de Souza. **Cariri e Tarairiú**. Culturas tapuias nos sertões da Paraíba. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Milton. A Forma e o Tempo: A história da cidade e do urbano. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.65-68. (Coleção Milton Santos 11).

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6.ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos 2).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.



SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Cidades e Experiências Modernas**/Antonio Clarindo Barbosa de Souza/ Paula Rejane Fernandes. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2010.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Religião: um tema cultural de interesse geográfico. **Revista da casa da geografia de Sobral**. Sobral-CE, v.12, n.1, p.69-80, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, Eliseu Savério. Conceitos. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004. p.87-119.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

### Sites Consultados

[www.aesa.com.br](http://www.aesa.com.br)

[www.cafehistoria.ning.com.br](http://www.cafehistoria.ning.com.br)

[www.cemig.com.br](http://www.cemig.com.br)

[www.funceme.com.br](http://www.funceme.com.br)

[www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)

[www.googleimagens.com](http://www.googleimagens.com)

[www.ibgeciudades.gov.br](http://www.ibgeciudades.gov.br)

[www.karinamariahistoria.blogspot.com.br](http://www.karinamariahistoria.blogspot.com.br)

[www.silb.cchla.ufrn.br](http://www.silb.cchla.ufrn.br)

[www.tre-pb.jus.br](http://www.tre-pb.jus.br)

[www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br)

## **Outras Fontes**

Entrevistas;

Convites de Missas;

Fotografias;

Folhetos;

Monografias e outros Trabalhos de Conclusão de Curso;

Visitas *In Loco*.

# APÊNDICE

**Foto 01:** Construção do açude de Francisco Germano de Araújo pelo governo estadual de José Américo na década de 1950.



**Fonte:** Internet

**Foto 02:** Construção do açude de Francisco Germano de Araújo pelo governo estadual de José Américo na década de 1950.



**Fonte:** Internet

**Foto 03:** Antiga igreja católica de Gado Bravo e o pároco Edwards Caldas Lins.



**Fonte:** Internet

**Foto 04:** O gadobravense João de Brito Lira foi vereador e prefeito de Aroeiras por 2 mandatos. (1963-1968) E (1973-1976)



**Fonte:** Internet

**Foto 05:** José Mariano Barbosa e família.



**Fonte:** Arquivo pessoal da família.

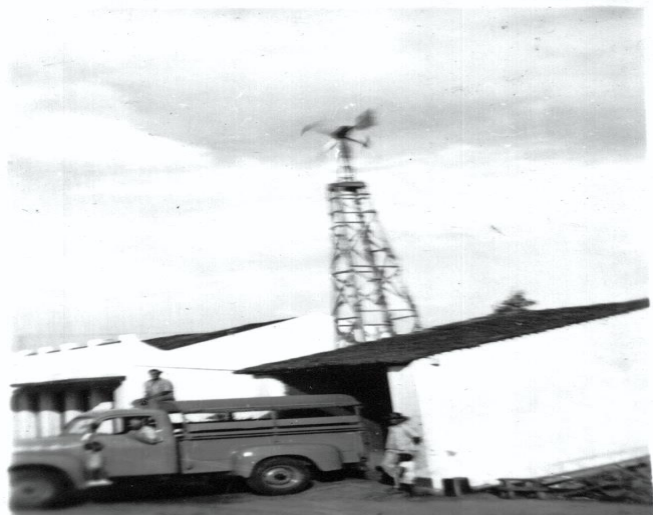


**Foto 06:** Francisco Germano de Araújo e família.



**Fonte:** Arquivo pessoal da família.

**Foto 07:** Depósito de algodão de Francisco Germano de Araújo.



**Fonte:** Arquivo pessoal da família.

**Foto 08:** João Henrique da Silva Neto fazendo o transporte do algodão.



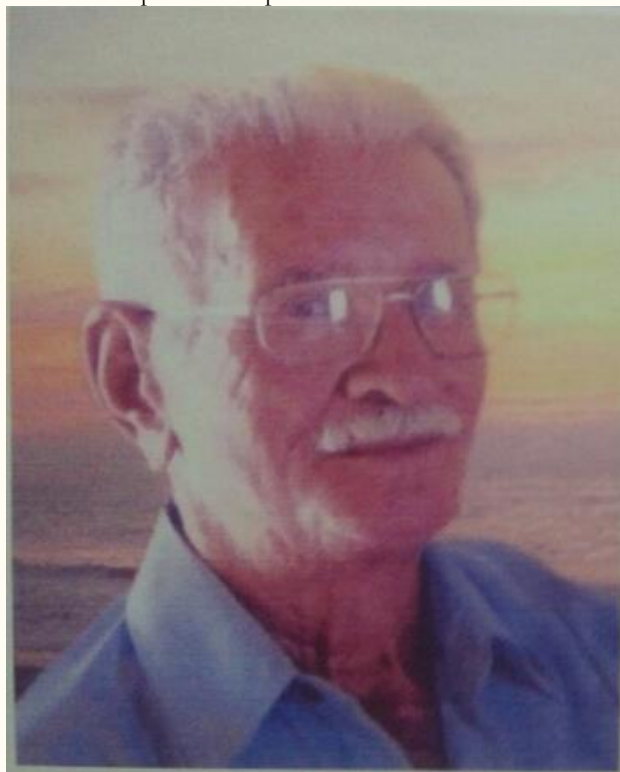
**Fonte:** Arquivo pessoal da família.

**Foto 09:** José Jovino de Farias Filho foi um pecuarista, latifundiário e político gadobravense, exerceu os cargos de vereador e de vice-prefeito em Aroeiras.



**Fonte:** Câmara Municipal de Gado Bravo.

**Foto 10:** José Henrique da Silva (Zé de Cosme) foi um comerciante e latifundiário gadobravense entre as décadas de 1960 e 1990, proprietário da primeira empresa de ônibus.



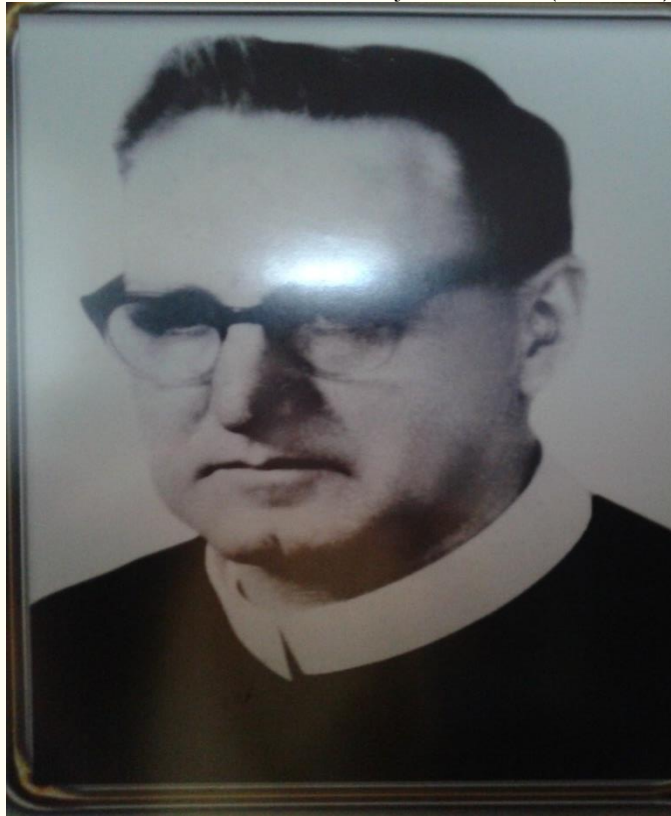
**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria da Paz Luciano Camelo.

**Foto 11:** João Herácio do Rêgo Filho.



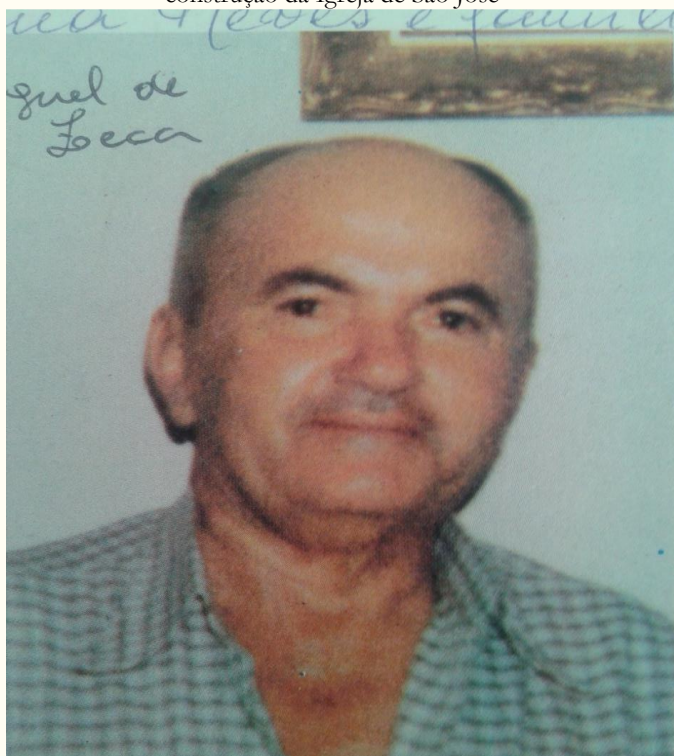
**Fonte:** Fernando Herácio.

**Foto 12:** Padre Godofridus Hubertus Joosten CSSR (1905-1977).



**Fonte:** Arquivo da EMEF Padre Godofredo Joosten.

**Foto 13:** Orlando Gonçalves Guerra (1913-1993), empresário e latifundiário gadobravense entre as décadas de 1950 e 1980, foi protagonista na construção da Igreja de São José



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria da Paz Luciano Camelo.

**Foto 14:** Primeiras instalações da Prefeitura Municipal de Gado Bravo, que funcionava na antiga residência de José Henrique da Silva.



**Fonte:** Arquivo de Antônio Nilson Luciano Camelo.

**Foto 15:** Desfile cívico de 7 de Setembro de 1977, pelotão especial da Escola Municipal de 1º Grau Padre Godofredo Joosten.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria da Paz Luciano Camelo.



**Foto 16:** Chegada da tubulação de água encanada em Gado Bravo na gestão Fernando Barbosa de Moraes (2001-2004).



**Fonte:** Arquivo pessoal Ivanilson Luciano Camelo.

**Foto 17:** Salomão Lucena de Farias, primeiro prefeito constitucional do município de Gado Bravo, ao lado do seu vice Fernando Barbosa de Moraes, assistindo o desfile cívico em 7 de Setembro de 1997.



**Fonte:** Valquíria Lucena.





ISBN 978-65-89987-10-9